



# **ESTUDO ECONÔMICO DO ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO, 2012**

**Relatório final**

**Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado de Pernambuco  
Sebrae / Pernambuco**

Recife, Maio de 2013



### **Conselho Deliberativo | Pernambuco 2013**

Associação Nordestina da Agricultura e Pecuária - **ANAP**

Banco do Brasil - **BB**

Banco do Nordeste do Brasil - **BNB**

Caixa Econômica Federal - **CEF**

Federação da Agricultura do Estado de Pernambuco - **Faepe**

Federação das Associações Comerciais e Empresariais de Pernambuco - **Facep**

Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Pernambuco -

**Fecomércio**

Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco - **Fiepe**

Instituto Euvaldo Lodi - **IEL**

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - **Sebrae**

Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado de Pernambuco - **SDE**

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - **Senac/PE**

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - **Senai/PE**

Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - **Senar/PE**

Universidade de Pernambuco - **UPE**

#### **Presidente**

Pio Guerra

#### **Diretor Superintendente**

Roberto Castelo Branco

#### **Diretor Técnico**

Aloísio Ferraz

#### **Diretora administrativo Financeira**

Adriana Lira

### **Estudo Econômico do APL do Polo de Confeccões do Agreste de PE**

#### **EQUIPE SEBRAE**

##### **Unidade de Apoio Estratégias e Diretrizes**

Jussara Leite – Gerente

##### **Unidade de Negócios Agreste Meridional**

Débora Florêncio– Gerente

Mário César Freitas - Gestor do Projeto de Confeccões

##### **Coordenação Técnica do Estudo**

Ana Cláudia Arruda - Observatório Empresarial

##### **Unidade de marketing e Comunicação**

Eduardo Maciel – Gerente

Janete Lopes – Assessoria de Imprensa

##### **Equipe da Pesquisa de Campo**

###### **Datamétrica**

André Magalhães

Robson Correia

Carlos Magno Lopes

Anderson Saito

Fabiana Barbosa

##### **Redator**

Gustavo Maia Gomes



## Sumário

Estudo econômico do arranjo produtivo local de confecções do agreste pernambucano, 2012.....	13
O polo de confecções que poucos conhecem .....	13
“Arranjo produtivo local”, “polo” ou “setor” de confecções? .....	14
1. Introdução .....	16
2. Economia, demografia, aspectos sociais e urbanos dos municípios estudados.....	16
2.1. Os municípios estudados.....	17
2.2. Demografia e economia.....	19
2.3. Comparação com 2002: Demografia e economia.....	22
2.4. Indicadores sociais .....	23
2.5. Infraestrutura e serviços urbanos .....	23
3. As empresas e facções: quantas são? .....	25
3.1. Tipos de unidades produtivas .....	25
3.2. Quantidade de unidades produtivas .....	26
3.3. Quantidade de empresas e empreendimentos complementares .....	30
3.4. Comparação com 2002: Unidades produtivas .....	33
3.4.1. Caruaru.....	34
3.4.2. Santa Cruz do Capibaribe .....	34
3.5. Comparação com 2002: Empresas e empreendimentos complementares .....	36
3.5.1. Toritama .....	37
3.5.2. Santa Cruz do Capibaribe .....	38
3.6. Funcionalidades precárias, I: Empresas e empreendimentos complementares.....	39
3.6.1. Empreendimentos complementares e contratação indireta de mão de obra .....	40
3.6.2. Criar uma empresa ou um empreendimento complementar? .....	41
4. Unidades produtivas: indicadores de tamanho e outros .....	42
4.1. Distribuição das empresas segundo a quantidade de pessoas ocupadas .....	42
4.2. Distribuição das empresas segundo a quantidade de peças produzidas .....	43
4.3. Comparação com 2002: Quantidade de peças produzidas .....	45



4.4. Quantidade de máquinas: eletrônicas e convencionais.....	46
4.5. Longevidade .....	49
4.6. Faturamento .....	50
4.7. Comparação com 2002: Faturamento .....	51
4.8. Formalidade / informalidade .....	52
4.9. Comparação com 2002: Formalidade / informalidade .....	53
4.10. Funcionalidades precárias, II: a dicotomia formalidade / informalidade.....	54
5. Qualificação da força de trabalho.....	55
5.1. Limitações das pesquisas.....	55
5.2.1. População e densidade demográfica .....	57
5.2.2. Analfabetismo.....	57
5.2.3. Ensino médio.....	58
5.2.4. Rendimentos .....	58
5.3. Funcionalidades precárias, III: vantagens e desvantagens do trabalho barato .....	59
6. Trabalhadores nas empresas e empreendimentos complementares.....	60
6.1. Quantidade de pessoas ocupadas .....	60
6.3. Mão de obra familiar .....	62
6.4. Comparação com 2002: Mão de obra familiar.....	65
6.5. Rendimentos dos trabalhadores .....	65
6.6. Comparação com 2002: Rendimentos dos trabalhadores.....	67
6.7. Jornadas de trabalho .....	69
6.8. Comparação com 2002: Jornadas de trabalho.....	70
6.9. Distribuição da mão de obra segundo as atividades .....	71
6.10. Modernização truncada .....	71
7. Criação, estilo e variedade de produtos.....	72
7.1. Criação de modelos e desenvolvimento de coleções.....	72
7.2. Comparação com 2002: Criação de modelos.....	74
7.3. Profissionais da moda: um mercado em expansão .....	74



7.4. Produtos próprios ou de terceiros.....	76
7.5. Variedade de produtos e segmentos de atuação .....	77
8. Aspectos Gerenciais .....	78
8.1. Formas de administração .....	78
8.2. Comparação com 2002: Formas de administração .....	79
8.3. Controle de qualidade.....	81
8.4. Comparação com 2002: Controle de qualidade.....	81
8.5. Produtos com marcas: quem tem, quem não tem .....	82
8.6. Comparação com 2002: Produtos com marcas.....	84
8.7. Extensão do uso da informática.....	86
8.8. Capacitação dos trabalhadores: máquinas eletrônicas .....	86
8.9. Treinamento dos trabalhadores .....	87
8.10. Graus de obediência às normas e leis.....	88
9. As relações comerciais: compras e vendas .....	90
9.1. Compras segundo a modalidade de pagamento .....	90
9.2. Compras segundo a origem dos recursos .....	91
9.3. Compras segundo características dos fornecedores.....	92
9.4. Compras segundo a periodicidade .....	93
9.5. Comparação com 2002: Compras .....	95
9.6. Vendas, aspectos gerais: preços e modalidades.....	95
9.7. Canais de vendas: mercados e outros aspectos .....	97
9.8. Comparação com 2002: Vendas .....	99
9.9. Modernização truncada, II .....	99
9.9.1. Os centros de comercialização.....	99
9.9.2. As Rodadas de Negócios .....	102
10. Crédito: utilização de recursos de terceiros .....	102
10.1. Crédito bancário.....	102
10.2. Crédito não-bancário .....	103



10.3. Comparação com 2002: Crédito .....	104
10.4. Funcionalidades precárias, VI: Há crédito, mas não há crédito .....	104
11. Como os empresários vêem o polo e seu ambiente institucional .....	104
11.1. Adequação dos trabalhadores .....	105
11.2. Adequação das circunstâncias externas: água, energia, segurança e outras .....	107
12. Competitividade do polo de confecções.....	113
12.1. Pontos fortes e pontos fracos .....	115
12.1.1. Pontos fortes .....	115
12.1.2. Pontos fracos.....	117
12.2. Oportunidades e ameaças.....	118
12.2.1. Oportunidades .....	119
12.2.2. Ameaças.....	119
12.3. Quem são os competidores do Polo? .....	119
12.3.1. Os competidores nacionais .....	120
12.3.2. Os competidores estrangeiros.....	123
12.4. O diamante e outros pertences menos valiosos de Porter .....	125
12.4.1. Acaso.....	128
12.4.2. Governo.....	129
12.4.3. Estratégia empresarial e rivalidades.....	129
12.4.4. Condições de fatores.....	130
12.4.5. Condições de demanda.....	130
12.4.6. Indústrias correlatas e de apoio.....	131
ANEXO 1: Relatório de campo .....	132
ANEXO 2: Procedimento de cálculo do fator de expansão da amostra.....	142
ANEXO 3: Empresas e empregos formais nas concentrações geográficas de confecções .....	143
ANEXO 4: Rotas de acesso às fontes da relação de “apls de confecções” .....	146



## **Sumário de Tabelas, figuras e quadros.**

Mapa 2.1 Polo-10: Os dez municípios em que a pesquisa de campo foi realizada .....	18
Tabela 2.1 Brasil, Nordeste, Pernambuco e municípios em que foram aplicados os questionários População, Produto Interno Bruto e Variações, diversos anos entre 1996 e 2010 .....	21
Tabela 2.2 Brasil, Nordeste, Pernambuco e municípios Polo-3: Variações da população e do produto interno bruto em anos diversos. Comparação dos resultados mais recentes com os da pesquisa de 2002 .....	22
Tabela 2.3 Municípios em que foram aplicados os questionários e outros municípios de Pernambuco utilizados para fins de comparação Polo-10: Características do entorno dos domicílios particulares permanentes em áreas urbanas, 2010* .....	24
Tabela 3.1 Polo-10: Amostra. Número de unidades produtivas visitadas .....	27
Tabela 3.2 Polo-10: Estimativa do número de unidades produtivas de confecções nos dez municípios pesquisados .....	28
Tabela 3.3 Polo-10, Polo-14 e Polo 20: Elementos para o cálculo e estimativa do número de unidades produtivas de confecções nos dez municípios pesquisados, acrescidos de Belo Jardim, Gravatá, Passira e Pesqueira .....	30
Tabela 3.4 Polo-10: Quantidade estimada de unidades produtivas segundo o tipo (empresas ou empreendimentos complementares) nos municípios pesquisados .....	32
Tabela 3.5 Polo-3: Estimativas do número de unidades produtivas em 2002 e 2012 .....	33
Tabela 3.6 Polo-3: Percentagem das empresas no total das unidades produtivas, 2002 e 2012 .....	36
Tabela 4.1 Polo-10: Distribuição das unidades produtivas, empresas e empreendimentos complementares por intervalos de quantidade de pessoas ocupadas (exclusive proprietários e familiares) .....	43
Tabela 4.2 Polo-10: Quantidade de peças produzidas mensalmente pelas empresas e empreendimentos complementares .....	44
Tabela 4.3 Polo-10: Quantidade média de peças produzidas por mês pelas unidades produtivas, desagregadas em empresas e empreendimentos complementares .....	45
Tabela 4.4 Polo-10: Quantidade média e total de máquinas eletrônicas possuídas pelas empresas e empreendimentos complementares .....	47
Tabela 4.5 Polo-10: Quantidade média e total de máquinas convencionais possuídas pelas unidades produtivas, segundo o tipo (Empresas e Empreendimentos Complementares) .....	48



Tabela 4.6 Polo-10: Distribuição estimada das empresas e dos empreendimentos complementares segundo o respectivo tempo de existência .....	49
Tabela 4.7 Polo-10: Faturamento anual (em 2011) das unidades produtivas, desagregadas em empresas e empreendimentos complementares, por faixas de faturamento .....	51
Tabela 4.8 Polo-10: Faturamento médio e total anual em 2011 das unidades produtivas, desagregadas em empresas e empreendimentos complementares .....	51
Tabela 4.9 Polo-10: Estimativas da quantidade de unidades produtivas, segundo formalidade e informalidade, por município pesquisado .....	53
Tabela 4.10 Polo-10: Percentual de formalidade / informalidade no total das empresas e dos empreendimentos complementares: Total do Polo-10.....	53
Tabela 4.11 Toritama e Santa Cruz do Capibaribe: Percentual de informalidade no total das unidades produtivas: Comparação dos resultados de 2002 e 2012.....	54
Tabela 5.1 Polo-10: Dados gerais sobre as características da população dos dez municípios estudados, 2010 .....	56
Tabela 6.1 Polo-10: Pessoas ocupadas na produção de confecções dos dez municípios estudados.....	60
Tabela 6.2 Polo-10: Pessoas ocupadas na produção de confecções e população em idade ativa dos dez municípios estudados.....	61
Tabela 6.3 Toritama e Santa Cruz do Capibaribe: Pessoas ocupadas na produção de confecções em 2002 e em 2012 .....	62
Tabela 6.4 Polo-10: Quantidade de unidades produtivas, empresas e empreendimentos complementares em que há familiares do proprietário trabalhando .....	63
Tabela 6.5 Polo-10: Quantidade de unidades produtivas, empresas e empreendimentos complementares em que há familiares do proprietário trabalhando, segundo o número de familiares trabalhando .....	64
Tabela 6.6 Polo-10: Quantidade média de familiares que trabalham na unidade produtiva, empresa ou empreendimento complementar em que há familiares do proprietário trabalhando .....	65
Tabela 6.7 Polo-10: Rendimento bruto médio mensal dos trabalhadores nas empresas e empreendimentos complementares, segundo as áreas de atividade .....	66
Tabela 6.8 Polo-10 e Polo-3: Rendimento bruto médio mensal dos trabalhadores nas empresas e empreendimentos complementares, segundo as áreas de atividade. Comparação entre 2002 e 2012....	68
Tabela 6.9 Polo-10: Jornada semanal média dos trabalhadores nas empresas e empreendimentos complementares, segundo as áreas de atividade.....	69





Tabela 6.10 Polo-10 e Polo-3: Jornada semanal média dos trabalhadores nas empresas e empreendimentos complementares, segundo as áreas de atividade, 2002 e 2012 .....	70
Tabela 6.11 Polo-10: Quantidade média de pessoas por atividade nas empresas e empreendimentos complementares, segundo as áreas de atividade .....	71
Tabela 7.1 Polo-10: Métodos usados para a criação dos produtos pelas empresas e empreendimentos complementares.....	72
Tabela 7.2 Polo-10: Desenvolvimento de coleções pelas empresas .....	73
Tabela 7.3 Polo-10: Quantitativo de coleções produzidas em um ano pelas empresas e empreendimentos complementares.....	73
Tabela 7.4 Polo-3 e Polo-10: Métodos usados para a criação dos produtos pelas empresas e empreendimentos complementares: comparação entre 2002 e 2012 .....	74
Tabela 7.5 Polo-10: Produtos próprios, produtos de terceiros e subcontratação pelas empresas e empreendimentos complementares .....	77
Tabela 7.6 Polo-10: Segmentos de atuação da empresas e dos empreendimentos complementares.....	77
Tabela 7.7 Polo-10: Estilo dos segmentos de atuação da empresas e dos empreendimentos complementares.....	78
Tabela 8.1 Polo-10: Perfil de gerenciamento das unidades produtivas, empresas e empreendimentos complementares.....	79
Tabela 8.2 Polo-10 e Polo-3: Perfil de gerenciamento das empresas e empreendimentos complementares. Comparação com 2002 .....	80
Tabela 8.3 Polo-10: Controle de qualidade na produção: Unidades produtivas, desagregadas em empresas e empreendimentos complementares .....	81
Tabela 8.4 Polo-10 e Polo-3: Controle de qualidade na produção. Comparação com 2002 .....	82
Tabela 8.5 Polo-10: Posse de marca própria pelas empresas e empreendimentos complementares.....	82
Tabela 8.6 Polo-10: Quantidade de marcas próprias que as empresas e empreendimentos complementares que possuem marcas possuem.....	83
Tabela 8.7 Polo-10: Quantidade de marcas próprias de que as empresas e empreendimentos complementares que possuem marcas possuem registro .....	83
Tabela 8.8 Polo-10: Recursos de promoção de marcas adotados pelas empresas .....	84
Tabela 8.9 Polo-10 e Polo-3: Posse de marca própria pelas empresas e empreendimentos complementares. Comparação com 2002 .....	85



Tabela 8.10 Polo-10 e Polo-3: Quantidade de marcas próprias de que as empresas e empreendimentos complementares que possuem marcas possuem registro. Comparação com 2002.....	85
Tabela 8.11 Polo-10: Utilização de recursos de informática pelas unidades produtivas, desagregadas em empresas e empreendimentos complementares .....	86
Tabela 8.12 Polo-10: Capacitação dos trabalhadores para manuseio de máquinas eletrônicas.....	87
Tabela 8.13 Polo-10: Adoção do programa de treinamento pelas empresas e empreendimentos complementares.....	87
Tabela 8.14 Polo-10: Motivos para a possível não formalização da unidade produtiva.....	88
Tabela 8.15 Polo-10: Motivos para o possível não cumprimento das normas ambientais.....	89
Tabela 8.16 Polo-10: Motivos para o possível não cumprimento das normas trabalhistas.....	89
Tabela 8.17 Polo-10: Motivos para o possível não cumprimento das normas tributárias .....	90
Tabela 9.1 Polo-10: Percentual médio de compras anuais de materiais e equipamentos pelas empresas e empreendimentos complementares, segundo a modalidade de pagamento à vista ou a prazo.....	90
Tabela 9.2 Polo-10: Percentual médio das compras das empresas e empreendimentos complementares segundo a origem dos recursos .....	91
Tabela 9.3 Polo-10: Percentual médio de compras das empresas e empreendimentos complementares por fornecedor.....	93
Tabela 9.4 Polo-10: Periodicidade das compras das empresas e empreendimentos complementares ....	94
Tabela 9.5 Polo-10: Preço médio de venda de uma peça nas empresas e empreendimentos complementares.....	96
Tabela 9.6 Polo-10: O que vende a empresa?.....	96
Tabela 9.7 Polo-10: Formas de venda das empresas.....	97
Tabela 9.8 Polo-10: Canais de venda dos produtos das empresas (Vendas totais, percentual médio por canal) (I).....	97
Tabela 9.9 Polo-10: Locais de venda dos produtos das empresas (Vendas totais, percentual médio por local).....	98
Tabela 9.10 Polo-10: Estados para os quais as empresas vendem e percentual das empresas que vendem para estes estados .....	98
Tabela 10.1 Polo-10: Ocorrência de solicitação de empréstimo pelas empresas e empreendimentos complementares nos últimos cinco anos .....	103



Tabela 10.2 Polo-10: Avaliação dos responsáveis pelas unidades produtivas da adequação ou não das linhas de créditos existentes .....	103
Tabela 11.1 Polo-10: Qualidade da mão de obra técnica e não técnica, segundo os responsáveis pelas empresas e empreendimentos complementares, por área de atividade (Continua).....	106
Tabela 11.2 (Primeira Parte) Polo-10: Qualidade de circunstâncias que influenciam a produção, segundo os responsáveis pelas empresas e empreendimentos complementares, por área de atividade (Continua) .....	107
Tabela 11.2 (Segunda Parte) Polo-10: Qualidade de circunstâncias que influenciam a produção, segundo os responsáveis pelas empresas e empreendimentos complementares, por área de atividade (Continua) .....	108
Tabela 11.2 (Terceira Parte) Polo-10: Qualidade de circunstâncias que influenciam a produção, segundo os responsáveis pelas empresas e empreendimentos complementares, por área de atividade (Continua) .....	109
Tabela 11.2 (Quarta Parte) Polo-10: Qualidade de circunstâncias que influenciam a produção, segundo os responsáveis pelas empresas e empreendimentos complementares, por área de atividade (Continua) .....	110
Tabela 11.2 (Quinta Parte) Polo-10: Qualidade de circunstâncias que influenciam a produção, segundo os responsáveis pelas empresas e empreendimentos complementares, por área de atividade (Continua) .....	111
Tabela 11.2 (Sexta Parte) Polo-10: Qualidade de circunstâncias que influenciam a produção, segundo os responsáveis pelas empresas e empreendimentos complementares, por área de atividade (Continua) .....	111
Tabela 11.2 (Sétima Parte) Polo-10: Qualidade de circunstâncias que influenciam a produção, segundo os responsáveis pelas empresas e empreendimentos complementares, por área de atividade (Continua) .....	112
Tabela 11.2 (Oitava Parte) Polo-10: Qualidade de circunstâncias que influenciam a produção, segundo os responsáveis pelas empresas e empreendimentos complementares, por área de atividade (Conclusão) .....	112
Figura 12.1 Brasil: Percentagem de pobres na população total, 1990/2009 (%) .....	114
Figura 12.2 Brasil: Renda média mensal dos pobres, 1990/2009 (R\$ de 2009).....	114
Tabela 12.1 Brasil: Concentrações geográficas de produtores de confecções com mais de 10.000 empregos formais em 2011.....	121
Figura 12.3 Brasil: Vestuário e Acessórios, 1996/2012 Percentual do consumo interno atendido por importações (%).....	124
Figura 12.4 Brasil: Importações de Vestuário e Acessórios, 1997/2012 (em US\$ milhões).....	124



Figura 12.5 O Diamante da Vantagem Competitiva Nacional, de Michael E. Porter .....	127
Quadro 1 Imóveis arrolados na pesquisa e total de construções informado pelo IBGE no Censo de 2010 – por município.....	134
Quadro 2 Amostra proposta por município.....	135
Quadro 3 Distribuição da equipe de campo por município.....	135
Figura 1 Estrutura organizacional da pesquisa de campo .....	138
Quadro 4 Início/Fim das entrevistas por município .....	141
Quadro 5 Comparação entre a amostra proposta e amostra final realizada.....	141
Quadro A3.1 Brasil: Número de empresas formais e de empregos formais nas concentrações geográficas de produtores de confecções .....	143

## Estudo econômico do arranjo produtivo local de confecções do agreste pernambucano, 2012

### O polo de confecções que poucos conhecem

Há o que reluz à noite, em intenso movimento, e o que à noite dorme, com as luzes apagadas. O que muitos vêem e o que poucos enxergam. Não que um seja importante; o outro, não. Pode ocorrer, exatamente, o contrário.

Em 1 de novembro de 2012, a Rede Globo anunciou: “Shopping Rio Mar do Recife abre as portas com expectativa de gerar nove mil empregos”. A área total do terreno é de 202 mil metros quadrados. A área bruta locável, de 101 mil metros quadrados. Ali existem 6 mil e 200 vagas de estacionamento. Quando inteiramente implantado, o complexo terá 410 lojas.

Inaugurado em 7 de outubro de 2006, o Moda Center de Santa Cruz do Capibaribe, no Agreste pernambucano, é o maior shopping atacadista de confecções da América Latina. Sua estrutura é composta por seis módulos que abrigam 9.624 boxes e 707 lojas, numa área coberta de 120 mil metros quadrados. Possui seis praças de alimentação, estacionamento para mais de 4 mil veículos, 18 dormitórios, posto ambulatorial, restaurantes, caixas eletrônicos de bancos, banheiros com chuveiro, terminais eletrônicos de informação. Nas altas temporadas, chega a receber 100 mil clientes oriundos de várias regiões, especialmente do Norte e Nordeste do Brasil.<sup>1</sup>

Na comparação direta entre o desconhecido (para tantos) Moda Center e o badalado Rio Mar, o primeiro não fica mal. Na verdade, ganha em vários itens:

- As projetadas 410 lojas do Rio Mar são pouco mais de metade das 707 que já existem no shopping de confecções de Santa Cruz do Capibaribe
- A área bruta locável de 101 mil metros quadrados do centro comercial recifense é menor que os 120 mil metros de área coberta do Moda Center santacruzense
- Há menos vagas de estacionamento no centro comercial de Santa Cruz do que no Rio Mar, porém, o Moda Center recebe ônibus lotados de gente, enquanto ao shopping do Recife chegam carros com uma, duas pessoas. Ou seja: medidos pela quantidade de usuários, o parque de estacionamento de lá – Santa Cruz, é maior que o daqui – Recife.

---

<sup>1</sup> Adaptado de <http://www.modacentersantacruz.com.br/o-parque.php>

Mas o “maior shopping atacadista de confecções da América Latina” é somente um dos seis grandes espaços de comercialização de produtos de vestuário hoje existentes no Polo de Confecções do Agreste. A ele se somam, em Toritama, o Parque das Feiras; em Caruaru, o Polo Comercial; e, nas três cidades com maior produção de confecções (ou seja, as duas últimas e Santa Cruz do Capibaribe), as feiras da sulanca.

Nos dez municípios onde, hoje, se concentra a atividade confeccionista no Agreste pernambucano, há mais de 100 mil pessoas ocupadas em produzir peças de vestuário. Muitas, em empregos formais; a maioria, ainda não. Para se ter um marco de comparação, toda a indústria pernambucana emprega, formalmente, pouco mais de 200 mil pessoas.

Em plena maior seca de todas as que assolaram a região nos últimos 40 anos, não há sinal de crise em Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru ou Toritama. É certo que, em Santa Cruz, água nas torneiras só existe um dia sim, doze não. Mas as pessoas se abastecem com carros pipa. As roupas que elas produzem e vendem dão com folga para comprar a água de que precisam.

### “Arranjo produtivo local”, “polo” ou “setor” de confecções?

A expressão “Arranjo Produtivo Local” (APL) aparece no título deste relatório por constar do Termo de Referência do Sebrae-PE que possibilitou e orientou a realização da pesquisa de campo cujos resultados são divulgados e interpretados no presente documento.

A concentração de produtores de roupas em cidades como Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Caruaru tem sido notada desde, pelo menos, um quarto de século. No começo, chamava-se o produto genérico ali fabricado de “sulanca”. Por extensão, ainda existem as “feiras da sulanca” e já houve o “polo da sulanca”. Mas já em 2002, quando foi feito o estudo antecessor deste, a palavra havia caído em desuso, sendo considerada depreciativa. Ainda continua a ser usada, mas, aparentemente, não em documentos oficiais. O que, então, colocar no seu lugar? Há dez anos, a resposta foi “Polo de Confecções do Agreste”. É este nome que consta do título daquele estudo anterior, também feito por encomenda do Sebrae-PE.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Fade (Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Federal de Pernambuco), *Estudo de Caracterização Econômica do Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano (2003)*. Relatório Final apresentado ao Sebrae-PE. Coordenação geral de Maria Cristina Raposo, supervisão de Gustavo Maia Gomes. Recife, maio de 2003. Disponível em [https://docs.google.com/file/d/0B\\_R9cylq9erzZ1U5d24wb0xGLTg/edit](https://docs.google.com/file/d/0B_R9cylq9erzZ1U5d24wb0xGLTg/edit) e em <http://177.52.17.17:8030/downloads/poloconfec.pdf>. Embora o relatório final tenha sido publicado em 2003, os dados foram colhidos em 2002. Portanto, ao longo do presente texto, todas as comparações feitas entre os resultados atuais e os de uma década atrás serão identificados como “comparações com 2002”.

Questões dessa natureza não deveriam desviar nossa atenção. Por um lado, é claro que existe produção significativa de confecções em Pernambuco, fora do Agreste: no Recife, Jaboatão dos Guararapes, Olinda, Abreu e Lima e Paulista, por exemplo. Por outro, é inegável a extraordinária concentração espacial desta atividade em torno do núcleo formado por Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama. Como o mapa mostrado mais adiante revela de forma clara, os dez municípios objeto da pesquisa de campo ora sendo relatada são contíguos e estão todos localizados no Agreste. Não há nenhum nome melhor do que “Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco” para designá-los coletivamente.

Esta pesquisa, portanto, não trata do “setor de confecções de Pernambuco”, pois não tem nada a dizer sobre a produção de vestuário em outra região do Estado que não seja aquela onde estão os municípios de Agrestina, Brejo da Madre de Deus, Caruaru, Cupira, Riacho das Almas, Santa Cruz do Capibaribe, Surubim, Taquaritinga do Norte, Toritama e Vertentes. Por estarem geograficamente concentradas, as unidades produtivas que se localizam nessas cidades e em outras muito próximas bem podem continuar a ser designadas “Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco”. É como serão chamadas no presente documento.

## 1. Introdução

O principal objetivo do presente Estudo Econômico é descrever quantitativamente o Polo de Confeções do Agreste, com base nas respostas dadas por 1.235 empresários ou responsáveis por unidades produtivas a questionários aplicados, em dez cidades (Agrestina, Brejo da Madre de Deus, Caruaru, Cupira, Riacho das Almas, Santa Cruz do Capibaribe, Surubim, Taquaritinga do Norte, Toritama e Vertentes), nos meses de junho a agosto do corrente ano (2012). Também foi feito um arrolamento (levantamento simplificado) de 123 mil construções nos mesmos municípios, com vistas a gerar informações para a estimativa do número de unidades produtivas existentes. O planejamento da pesquisa de campo e a demonstração de sua conformidade aos cânones da Estatística estão resumidos nos Anexos 2 e 3 do presente estudo.

Além de fazer a descrição quantitativa do Polo, o presente documento também se propõe a interpretá-lo, ou seja, a expor a lógica econômica (na verdade, não apenas econômica) que explica porque os negócios de confecções do Agreste pernambucano nasceram, cresceram e se estruturaram segundo um determinado modelo e não outro. Modelo que, como é sabido, inclui entre suas características a predominância quase absoluta de micro e pequenos empreendimentos; a divisão do trabalho produtivo entre empresas e facções (que, neste documento, são preferencialmente designadas “empreendimentos complementares”); a alta incidência da informalidade; e a produção majoritária de artigos de consumo popular. E que apresenta hoje traços de uma modernização ainda truncada, mas que pode se consolidar. Se a interpretação aqui proposta faz sentido, o tempo dirá. E os críticos. Se fizer, como acredita quem a formulou, é de esperar que ela melhore nossa compreensão da dinâmica de curto e longo prazos do Polo; dos fatores determinantes de sua capacidade de competir em mercados cada vez menos “locais”; das oportunidades e ameaças ao seu crescimento sustentável. Com um entendimento melhor dessas coisas, instituições que, a exemplo do Sebrae-PE, procuram estimular os pequenos produtores de peças de vestuário na região estudada – e pequenos são quase todos – estarão ainda mais aptas a definir e implementar as ações que, efetivamente, contribuam para o desenvolvimento das pessoas que, com tanto afinho e sucesso, se dedicam à produção de confecções no Agreste pernambucano.

## 2. Economia, demografia, aspectos sociais e urbanos dos municípios estudados

Neste capítulo, apresentam-se dados relativos à economia, demografia e infraestrutura e serviços urbanos dos dez municípios onde se localiza o núcleo ampliado do Polo de Confeções. Uns poucos indicadores sociais também são expostos e comentados. O conjunto é dominado pelos municípios de Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, cujo produto interno bruto responde por 77% do PIB conjunto dos municípios estudados, e cuja população representa 66% da respectiva população.



Além disso, foi nessas três cidades que o polo primeiro se desenvolveu, sendo esta a razão de terem sido elas as únicas cobertas pela pesquisa anterior da Fade/Sebrae. Em termos de número de empresas e de pessoas ocupadas em confecções, como será visto nos capítulos seguintes, estes três municípios respondem, respectivamente, por 77% e por 76% do conjunto do Polo, tal como representado pelos dez municípios que foram objeto da pesquisa ora sendo relatada.<sup>3</sup>

## 2.1. Os municípios estudados

A localização, em Pernambuco, dos dez municípios onde foram feitos os trabalhos de campo é mostrada no Mapa 2.1. Embora haja registros de que a produção de confecções já tenha se expandido significativamente para outros municípios, os dez que foram pesquisados podem ser considerados o núcleo ampliado do Polo do Agreste, que se originou em Santa Cruz do Capibaribe e, em 2002, já estava firmemente estabelecido também em Caruaru e Toritama.<sup>4</sup>

A decisão de limitar o estudo ora relatado a esses dez municípios teve razões administrativas, mas o Sebrae-PE reconhece que existe atividade produtora de confecções com intensidade relevante em outros locais de Pernambuco. Tanto é assim que, em um “Termo de Referência” elaborado em 2009 pela instituição, 18 municípios (nem todos do Agreste) eram listados como aqueles em que deveria ser aplicada a então projetada pesquisa de campo. Além dos dez mostrados no mapa abaixo, seriam incluídos, no Agreste, Belo Jardim e Gravatá; na Região Metropolitana do Recife, Abreu e Lima, Camaragibe, Jaboatão dos Guararapes, Olinda, Recife e Paulista. Outros estudos apontam Passira e Pesqueira, ambos no Agreste, como lugares onde também já existiriam concentrações significativas de produtores de confecções.<sup>5</sup>

Além disso, Sonia Maria de Lira, em tese de doutorado em Geografia, defendida na Universidade Federal de Pernambuco, em 2009, adiciona a esse “aglomerado” (na sua terminologia) Jataúba, Santa Maria do Cambucá, Frei Miguelinho, São Caetano, Altinho, Sanharó e um “etc”, que não foi identificado.<sup>6</sup>

---

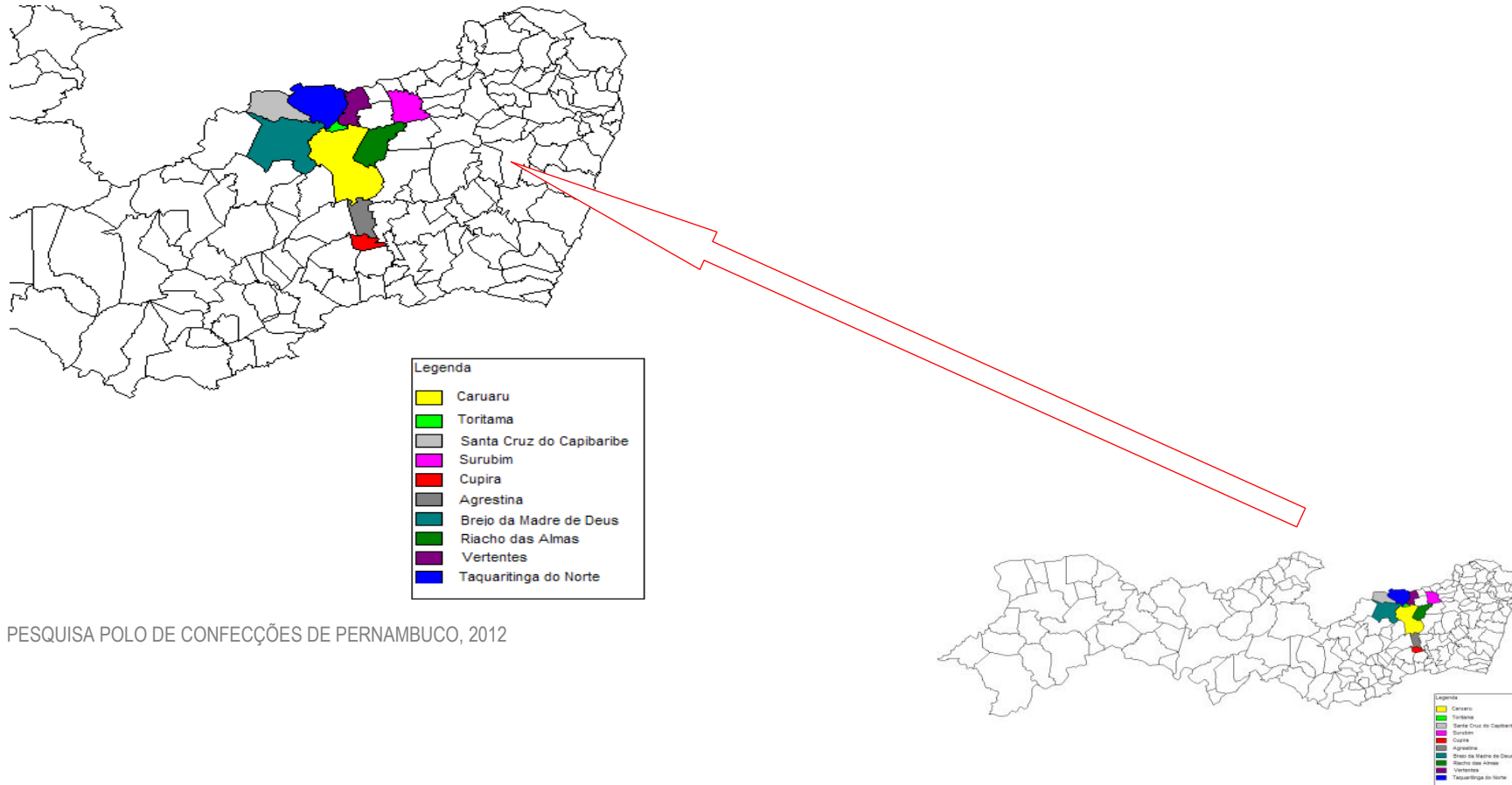
<sup>3</sup> O estudo anterior teve seus trabalhos de campo realizados em 2002. O relatório final foi entregue e publicado no site do SEBRAE-PE em 2003. A referência completa do trabalho foi dada em nota de rodapé anterior a esta.

<sup>4</sup> Uma das tabelas inseridas mais adiante no texto traz informações sobre os quatro municípios do Agreste (Belo Jardim, Gravatá, Passira e Pesqueira), em adição aos dez cobertos pela pesquisa de campo, onde já se identifica importante concentração de confeccionistas. E também sobre mais outros seis: Altinho, Frei Miguelinho, Jataúba, Sanharó, Santa Maria de Cambucá e São Caetano.

<sup>5</sup> O documento do Sebrae-PE é um texto de circulação restrita, datado de 22 de maio de 2009, enviado a algumas empresas de consultoria com vistas a estabelecer parâmetros de preços para subsequente abertura de processo licitatório.

<sup>6</sup> A tese foi publicada como livro: Sonia Maria de Lira, *Muito além das feiras da Sulanca: A produção de confecções no Agreste/PE*. Recife, Editora Universitária UFPE, 2011.

**Mapa 2.1**  
**Polo-10: Os dez municípios em que a pesquisa de campo foi realizada**



## 2.2. Demografia e economia

Em 2010, os dez municípios estudados (Polo-10, por brevidade) tinham população total de 667 mil habitantes (8% da população estadual de 8,8 milhões) e, em 2009, seu produto interno bruto alcançava R\$ 3,9 bilhões, ou 5% do PIB de Pernambuco (R\$ 78,4 bilhões, no mesmo ano). Entre 2000 e 2010, a população total destes mesmos municípios cresceu 27%; ao passo que, entre 2000 e 2009 (último ano para o qual dados do produto municipal estão disponíveis), o seu PIB conjunto se expandiu 56%. Duas vezes mais rapidamente que a respectiva população, portanto.

Trata-se de um desempenho extraordinariamente exitoso. Em relação aos marcos de comparação mostrados na tabela seguinte, o Polo-10 cresceu, em **termos demográficos**:

- 2,2 vezes mais rapidamente do que o Brasil;
- 2,4 vezes mais rapidamente do que o Nordeste e do que Pernambuco.

Medida pelo **produto interno bruto real** (ou seja, descontada a inflação), a economia dos referidos municípios cresceu:

- Uma vez e meia mais rapidamente que a economia do Brasil;
- Uma vez e dois décimos mais rapidamente que a do Nordeste;
- Uma vez e três décimos mais rapidamente que a de Pernambuco.

É importante ressaltar que a explosão demográfica constitui, no caso, um indicador de desempenho econômico positivamente diferenciado. Pois o crescimento da população nos municípios produtores de confecções, muito acima das médias estadual, regional e nacional, só foi possível porque houve forte movimento migratório em direção às cidades do Polo. E como as pessoas, em sua quase totalidade, mudam de residência em busca de oportunidades econômicas – até pode acontecer que algumas vão atrás de outra coisa, mas elas são pequena minoria – o aumento da população no ritmo atingido pelos dez municípios (e, especialmente, por Santa Cruz do Capibaribe e Toritama) é um indicador de dinamismo econômico, cujos benefícios se espalham, desta forma, pelas populações dos municípios vizinhos.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> “Em Toritama, 80% da mão de obra vem de fora do município”, disse um empresário, em entrevista. (Toritama, 17/4/2012)

Alguns casos merecem destaque: de 2000 a 2010, a população de Santa Cruz do Capibaribe teve um incremento de 48%; a de Toritama, de 63% (Pernambuco: 11%). De 2000 a 2009, o PIB desta última cidade mais do que dobrou, enquanto o de Santa Cruz do Capibaribe cresceu 64% (Pernambuco: 44%). O resultado de Caruaru (49%) é um pouco menos forte, mas também supera amplamente os registrados pelo Estado, a região Nordeste e o Brasil.<sup>8</sup>

Considerando que, em Santa Cruz e Toritama (mais do que em Caruaru), a economia é amplamente dominada pelo setor de confecções – que inclui o comércio e influencia diretamente atividades correlatas, como a assistência técnica, hospedagem, alimentação e outros serviços –, podemos atribuir o crescimento tanto demográfico quanto do PIB destas duas cidades à expansão da produção de peças de vestuário. Em parte, isso também vale para Caruaru, onde, estimativamente, a indústria de confecções ocupava, em 2010, 9% da população em idade ativa, uma proporção muito elevada. Em Pernambuco, por exemplo, a indústria não chega a empregar (formalmente, é verdade) 4% dessa mesma população.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Nas tabelas acima e abaixo, os percentuais têm uma casa decimal, enquanto, no texto, eles foram arredondados. Isso, todos os leitores notarão. Os mais experientes sabem que, em se tratando de estatísticas, em geral, e de estatísticas socioeconômicas, em particular, a diferença entre um percentual redondo e outro florido com vários dígitos depois da vírgula é quase nenhuma. Está bem que os ornamentos fiquem nas tabelas – elas estão aí para serem consultadas, mais do que lidas. No texto, apenas atrasariam desnecessariamente a exposição. As exceções existem (uma delas: zero é zero; zero vírgula três indica que, pelo menos, uma ocorrência existe na classe) e, quando for o caso, números com dígitos depois da vírgula irão aparecer no texto.

<sup>9</sup> Em 2010, segundo o IBGE, Pernambuco teria 216.924 pessoas ocupadas na indústria e uma população em idade ativa (na definição do Instituto) de 6.319.507 pessoas. Isso dá uma proporção de 3,4% da população em idade ativa no emprego industrial do Estado. É possível que o dado de ocupação do IBGE seja uma subestimativa, não captando bem o que ocorre nas micro e pequenas empresas. Mas, mesmo dando um desconto para isso, o peso das confecções fica bem caracterizado: proporcionalmente à população em idade ativa, a contribuição **isolada** da produção de confecções para o emprego, em Caruaru, é duas vezes e meia maior do que a contribuição **conjunta** de todos os setores industriais para o emprego (formal) no Estado.

**Tabela 2.1**

**Brasil, Nordeste, Pernambuco e municípios em que foram aplicados os questionários População, Produto Interno Bruto e Variações, diversos anos entre 1996 e 2010**

Unidade geográfica (Município, agregado de municípios, Estado, Região, País)	População 2010	PIB 2009 (R\$ mil preços correntes)	Variação População 2000/2010 (%)	Variação total do PIB a preços constantes 2000/2009 (%)	Variação média anual do PIB (1996/2009) (%)
Agrestina	22.679	108.811	13,2	50,9	4,3
Brejo da Madre de Deus	45.180	163.271	18,6	48,2	6,7
Caruaru	314.912	2.428.599	24,2	49,2	5,7
Cupira	23.390	93.631	4,5	29,4	5,4
Riacho das Almas	19.162	91.226	5,6	67,6	3,8
Santa Cruz do Capibaribe	87.582	400.885	48,3	63,9	8,6
Surubim	58.515	269.852	16,3	45,1	5,6
Taquaritinga do Norte	24.903	103.842	26,0	53,2	4,3
Toritama	35.554	149.176	63,1	101,2	11,7
Vertentes	18.222	66.013	21,8	57,4	6,5
Caruaru + Toritama + S. Cruz do Capibaribe (Polo-3)	438.048	2.978.660	31,0	57,2	
Total dos dez municípios (Polo-10)	650.099	3.875.306	27,1	56,1	
Marcos de comparação					
Brasil	190.756.000	3.239.404.000	12,3	36,2	
Nordeste	53.082.000	437.720.000	11,2	47,9	
Pernambuco	8.796.000	78.428.000	11,1	44,3	

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010, PIBs dos Municípios. Cálculo do PIB a preços constantes de 2000: Ipeadata

O que os dados permitem inferir, em outras palavras, é que, nos dez anos passados entre 2000 e 2010 (ou nos nove, entre 2000 e 2009), o crescimento da produção de confecções nos municípios do Agreste – especialmente, os três principais – provocou a expansão das respectivas populações e economias a taxas muito superiores às registradas no Brasil, no Nordeste, ou em Pernambuco. Num período de tempo mais estendido (1996/2009), Toritama foi o segundo município de maior crescimento no Estado (12% ao ano), superado, apenas, por Ipojuca (18%, não mostrado na tabela), onde se localiza o Complexo Portuário Industrial de Suape, uma espécie de polo magnético de grandes investimentos. Santa Cruz do Capibaribe (9%), por seu turno, alcançou a nona colocação, enquanto o crescimento médio anual de Caruaru (55% colocado) também foi elevado, atingindo 6% anuais.<sup>10</sup>

Em uma região semiárida, como o Agreste pernambucano, a importância das atividades econômicas, relativamente, menos dependentes da água – e as confecções são um exemplo disso – torna-se ainda mais clara em épocas de seca, como este ano de 2012. Mesmo com a total falta de chuvas e o consequente colapso de vários açudes que abastecem a região – em Santa Cruz do Capibaribe, o

<sup>10</sup> As taxas de crescimento referidas acima foram obtidas pelo ajustamento por mínimos quadrados de uma função exponencial (linearizada nos logaritmos das variáveis) à série de PIBs municipais a preços constantes fornecida pelo IBGE e Ipea / Ipeadata.

racionamento oficial é de um dia com água e doze sem, mas os moradores dizem só poder contar mesmo com carros-pipa – não há dramáticos sinais de crise nas cidades do Polo. Ninguém se queixa de que a produção de confecções esteja se reduzindo, devido à seca. Não está. Portanto, os confeccionistas e quem trabalha para eles estão protegidos: mantêm sua renda ainda quando não tenham aposentadorias, bolsas-família ou salários de funcionários públicos.

Em contrapartida, na economia tradicional do Semiárido, as safras de milho, feijão e mandioca têm tido reduções superiores a 70% e os estragos sobre a pecuária não são muito menores. No passado, como esta era a única economia do Semiárido, a seca significava fome e devastação total, inclusive nas cidades que viriam a se tornar grandes produtoras de confecções. Hoje, não.

### 2.3. Comparação com 2002: Demografia e economia

Um aspecto importante a considerar é que, em se tratando do Polo de Confecções (na sua acepção mais restrita, limitado aos municípios de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, ou Polo-3), os resultados mais recentes, da primeira década do século XXI, foram **melhores** do que os da última década do século passado, que já tinham sido bons. Assim, como mostra a tabela seguinte, a população do Polo-3, que havia aumentado em 22%, entre 1991 e 2000, cresceu 31%, nos dez anos seguintes. Por seu turno, o produto interno bruto do Polo-3, que havia experimentado um crescimento de 39% nos últimos nove anos do século passado, expandiu-se 57%, no período de 2000 a 2009.

**Tabela 2.2**

**Brasil, Nordeste, Pernambuco e municípios**

**Polo-3: Variações da população e do produto interno bruto em anos diversos. Comparação dos resultados mais recentes com os da pesquisa de 2002**

Unidade geográfica (Município, agregado de municípios, Estado, Região, País)	Resultados de 2002		Resultados de 2012	
	Variação da população, 1991/2000 (%)	Variação do PIB a preços constantes, 1991/2000 (%)	Variação População 2000/2010 (%)	Variação PIB a preços constantes 2000/2009 (%)
Caruaru	18,7	35,2	24,2	49,2
Santa Cruz do Capibaribe	54,0	60,4	48,3	63,9
Toritama	46,2	41,9	63,1	101,2
Caruaru + Toritama + Sta Cruz do Capibaribe (Polo-3)	21,9	39,0	31,0	57,2
Marcos de comparação				
Brasil	15,6	31,0	12,3	36,2
Nordeste	12,3	34,9	11,2	47,9
Pernambuco	11,1	30,1	11,1	44,3

Polo 3: Conjunto formado por Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010, PIBs dos Municípios. Cálculo do PIB a preços constantes de 2000: Ipeadata. (Valores do Estudo Caracterização estão nas tabelas 1.2 e 1.4 do respectivo relatório.)

## 2.4. Indicadores sociais

Em termos de incidência de pobres (aqui definidos como aquelas pessoas da população em idade ativa com rendimentos de até ½ salário mínimo, em 2010) na população total, os três municípios mais importantes do Polo-10 têm desempenho satisfatório. Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru e Toritama (6%, com diferenças apenas na primeira casa decimal) estão na sétima, oitava e décima-primeira melhores posições, respectivamente, do Estado de Pernambuco. Acima de Santa Cruz do Capibaribe e Caruaru, na listagem da menor para a maior incidência de pobreza, ficam apenas o Recife, Paulista, Olinda, Camaragibe, Cabo de Santo Agostino (todos da Região Metropolitana do Recife, que tem experimentado grande dinamismo econômico, nos últimos anos) e Ipojuca, uma das sedes do Complexo Portuário-Industrial de Suape. Acima de Toritama, além dessas e das duas outras cidades do Polo já referidas, estão, ainda, Petrolina e Jaboatão dos Guararapes.<sup>11</sup>

Sob o critério do IFDM (Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal), calculado para o ano de 2009, Caruaru (4o melhor em Pernambuco) e Santa Cruz do Capibaribe (15o) aparecem muito bem posicionados.

## 2.5. Infraestrutura e serviços urbanos

Embora uma parte importante da produção de confecções se desenvolva no meio rural, onde se localizam, geralmente, pequenas fábricas, está claro que as cidades são o esteio do Polo. É nelas que se concentra não apenas a maior parte dos “fabricos” (um nome local para as unidades produtivas que não são fábricas – e que serão designadas empresas, neste relatório), mas, também, todas as atividades ancilares, a exemplo do comércio; dos serviços diversos, destacadamente, os de lavagem de peças; assistência técnica; consultoria; além de outros.

Sendo assim, um aspecto importante a considerar, pela sua influência sobre a produtividade atual e a sustentabilidade econômica de longo prazo da produção de confecções no Agreste pernambucano, tem a ver com a situação da infraestrutura e dos serviços urbanos. Para conhecer esta realidade, em todo o Brasil, o IBGE construiu questionários estendidos do censo demográfico de 2010 e os aplicou a uma amostra de domicílios. Eles continham perguntas do tipo:

- Existe identificação do logradouro onde o Sr.(a) reside?
- Existe iluminação pública?
- O logradouro é pavimentado?

---

<sup>11</sup> Os dados brutos são do IBGE, Censo Demográfico de 2010.

- Ele tem calçadas?
- Nele existe arborização?
- Há esgoto a céu aberto?
- Existe lixo acumulado nas ruas?

Os resultados encontrados não foram bons, para os municípios do Polo-10, como a tabela seguinte mostra.

**Tabela 2.3**  
**Municípios em que foram aplicados os questionários e outros municípios de Pernambuco utilizados para fins de comparação**  
**Polo-10: Características do entorno dos domicílios particulares permanentes em áreas urbanas, 2010\***

Municípios	Existe identificação do logradouro?	Existe iluminação pública?	Existe pavimentação do logradouro?	Existe calçada?	Existe arborização	Esgoto a céu aberto?	Lixo acumulado nos logradouros
	NÃO (%)	NÃO (%)	NÃO (%)	NÃO (%)	NÃO (%)	SIM (%)	SIM (%)
Agrestina	8,2	4,4	46,6	38,5	35,7	4,8	1,6
Brejo da Madre de Deus	67,7	10,0	37,5	42,2	41,8	14,0	4,6
Caruaru	41,1	4,6	25,6	27,4	37,2	9,1	4,6
Cupira	32,8	1,8	10,0	9,9	19,9	4,8	6,4
Riacho das Almas	88,8	21,8	35,9	31,7	20,1	2,9	6,3
Santa Cruz do Capibaribe	57,7	4,1	48,6	31,6	16,6	7,1	3,6
Surubim	24,6	2,7	49,9	54,9	44,2	15,9	1,8
Taquaritinga do Norte	63,8	3,3	48,1	50,4	10,7	25,6	5,0
Toritama	70,8	13,2	35,7	59,8	31,5	8,2	4,3
Vertentes	49,4	14,9	15,9	58,4	59,2	15,2	0,3
<b>Marcos de comparação</b>							
Recife	39,3	2,9	19,9	26,4	41,4	17,1	5,8
Petrolina	59,3	1,6	41,8	35,9	7,1	20,8	12,5
Manari	42,2	16,6	38,3	85,9	19,8	73,4	0,7

\* Domicílios particulares permanentes em áreas urbanas com ordenamento regular, por forma de abastecimento de água e existência e características do entorno - Rede geral de distribuição  
 Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010

De forma resumida, a situação da infraestrutura urbana e da provisão de serviços públicos básicos dos municípios que compõem o Polo de Confecções do Agreste é preocupante.



### 3. As empresas e facções: quantas são?

Este capítulo, o primeiro a expor e comentar os resultados da pesquisa de campo feita junto a empreendedores do Polo de Confeccões do Agreste, trata dos tipos de unidades produtivas (classificadas segundo a forma em que cada uma participa do processo global de produção). Em seguida, são apresentadas (e comparadas com os resultados de 2002) as estimativas do número de unidades produtivas, subdivididas em “empresas” e “empreendimentos complementares” (ou facções). A seção intitulada “Funcionalidades precárias, I” propõe interpretar a divisão de trabalho entre empresas, propriamente ditas, e facções, ou empreendimentos complementares.

#### 3.1. Tipos de unidades produtivas

A primeira tarefa é esclarecer os critérios usados para classificar os empreendimentos existentes no Polo de Confeccões do Agreste. As seguintes definições valem para o presente relatório:

- **Unidade produtiva** é todo e qualquer conjunto de uma ou mais pessoas, com administração independente, que se reúne regularmente para: (i) produzir confeccões, entendidas como peças de vestuário, na forma de produtos finais; (ii) desempenhar tarefas que correspondem a etapas do processo produtivo de confeccões, como cortar os tecidos ou costurar partes de uma camisa; (iii) produzir componentes das confeccões, como casas de botões ou bolsos de calças.<sup>12</sup>

As unidades produtivas podem ser classificadas segundo variados critérios (grandes ou pequenas; formais ou informais; de criação mais antiga ou mais recente, etc.) critérios esses que foram, em momentos específicos, adotados neste relatório. Entretanto, para fins de exposição dos resultados obtidos, a mais importante divisão das unidades produtivas é a que as classifica em dois grupos: “empresas” e “empreendimentos complementares”, ou facções.

---

<sup>12</sup> A rigor, essa definição de unidade produtiva englobaria, também, entre outras, as lavanderias e os escritórios independentes que prestam serviços essenciais, ao longo do processo produtivo (por exemplos, a lavagem das peças jeans e a criação dos modelos de vestidos, calças e camisas). Os questionários da pesquisa não foram aplicados a este universo maior, apenas aos produtores *strictu sensu* de confeccões. Desta forma, as lavanderias, assim como todas as demais empresas anclares (representações comerciais de compradores de outros estados, lojas de varejo ou de atacado, oficinas de reparos de máquinas) e os escritórios independentes ficaram fora das estatísticas coletadas e, portanto, do universo analisado. Os profissionais de criação, em particular, serão tratados aqui apenas como parte da mão de obra daquelas unidades produtivas que contratam seus serviços.

- **Empresa** é a unidade produtiva que produz confecções, entendidas como peças de vestuário, na forma de produtos finais, conforme o item (i) da definição de unidade produtiva, acima. Algumas empresas executam todas as etapas e fabricam todos os componentes de seus produtos finais; outras subcontratam (às facções, ou “empreendimentos complementares”, definidos a seguir) algumas dessas etapas ou componentes.
- **Empreendimento complementar (ou facção)** é a unidade produtiva que desempenha tarefas que correspondem a etapas do processo produtivo de confecções, como costurar peças de uma calça e/ou produz partes ou componentes das confecções, como forros de bolsos de calças e outros, conforme os itens (ii) e (iii) da definição de unidade produtiva.<sup>13</sup>

O principal critério empírico utilizado para separar, nos questionários, as empresas dos empreendimentos complementares foi a declaração do empresário ou gerente entrevistado quanto à atividade de vendas de sua unidade produtiva. Se a unidade produtiva declarou vender produtos finais (para o consumidor, para o atacadista, para a rede de lojas, etc), ela foi classificada como empresa. Em caso contrário, ela foi considerada um empreendimento complementar.<sup>14</sup>

### 3.2. Quantidade de unidades produtivas

A quantidade estimada de unidades produtivas em cada município pesquisado do Polo de Confecções do Agreste será apresentada nesta seção. Os procedimentos estatísticos para a obtenção dos resultados estão descritos em detalhe nos Anexos 2 e 3 e serão resumidos adiante, no que for necessário. Também são apresentadas estimativas do número de unidades produtivas existentes em versões ampliadas do Polo, com 14 e 20 municípios.

---

<sup>13</sup> A existência em larga escala de empreendimentos complementares, ou facções, no Polo de Confecções do Agreste, de certa forma, repete o *putting out system*, ou “indústria doméstica”, um modo de produção muito difundido na Inglaterra no período imediatamente anterior à Revolução Industrial (que, convencionalmente, se inicia no último quartel do século XVIII). Ali ele era aplicado, sobretudo, para a produção de tecidos, antes da invenção das máquinas de fiar e de tecer capazes de operar em larga escala, a custos muito menores.

<sup>14</sup> No *Estudo de Caracterização Econômica do Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano (2003)*, já citado, a dicotomia privilegiada foi a da formalidade / informalidade. Esta continua importante, sem dúvida, mas na visão do presente documento, está imbricada nas relações empresas / facções, cuja lógica, em última instância, nas condições existentes no Polo, determina a divisão das unidades produtivas entre formais e informais. Deve ser mencionado, antecipando a discussão mais aprofundada dos mesmos pontos, que, embora a incidência da informalidade seja maior nos empreendimentos complementares (facções) do que nas empresas, existem, não obstante, empreendimentos complementares formalizados. Foi mencionado por um dos participantes dos grupos focais que uma grande empresa (formal) de Santa Cruz do Capibaribe decidiu “faccionar” (ou seja, terceirizar para os empreendimentos complementares) boa parte de suas operações produtivas. Mas ela exige que essas facções já sejam, ou se tornem, formais.

## Polo-10<sup>15</sup>

Para o cálculo do número de empresas, foram essenciais as informações obtidas no arrolamento de construções feito nas dez cidades, que gerou uma base de dados com, aproximadamente, 123 mil registros simplificados, o principal deles, para os propósitos desta seção, sendo a existência ou não, no imóvel visitado, de uma unidade produtiva de confecções. Informações mais detalhadas (também usadas, subsidiariamente, na estimativa do número de unidades produtivas), foram obtidas das respostas aos questionários fornecidas por 1.235 empresários ou responsáveis pela unidade produtiva visitados nos dez municípios que fizeram parte da amostra. Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, em conformidade com o método adotado, foram os municípios que registraram o maior número visitas, 213, 182 e 176, respectivamente.<sup>16</sup>

A tabela abaixo traz informações sobre a aplicação dos 1.235 questionários. As margens de erros para cada município são também apresentadas.

**Tabela 3.1**  
**Polo-10: Amostra. Número de unidades produtivas visitadas**

Municípios	Número de questionários aplicados	% do total de questionários	Margem de erro (%)
Agrestina	39	3,2	14,6
Brejo da Madre de Deus	101	8,2	9,34
Caruaru	213	17,3	6,6
Cupira	99	8,0	5,1
Riacho das Almas	128	10,4	7,2
Santa Cruz do Capibaribe	176	14,3	7,3
Surubim	87	7,0	9,5
Taquaritinga do Norte	100	8,1	9,4
Toritama	182	14,7	7,0
Vertentes	110	8,9	8,0
Total	1.235	100,0	2,7

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Facções)  
PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
Fonte: SEBRAE-PE

<sup>15</sup> Polo-10 é o conjunto de produtores de confecções localizados nos dez municípios onde foi feita a pesquisa de campo: (1) Agrestina, (2) Brejo da Madre de Deus, (3) Caruaru, (4) Cupira, (5) Riacho das Almas, (6) Santa Cruz do Capibaribe, (7) Surubim, (8) Taquaritinga do Norte, (9) Toritama, e (10) Vertentes.

<sup>16</sup> A margem de erro do arrolamento (0,57%) foi informada pelo estatístico que fez o processamento das informações.

As estimativas do número de unidades produtivas, por município do Polo-10, são apresentadas a seguir.

**Tabela 3.2**

**Polo-10: Estimativa do número de unidades produtivas de confecções nos dez municípios pesquisados**

Municípios	Número de Unidades Produtivas	% do Total
Agrestina	299	1,6
Brejo da Madre de Deus	1.396	7,4
Caruaru	4.530	24,1
Cupira	135	0,7
Riacho das Almas	415	2,2
Santa Cruz do Capibaribe	7.169	38,1
Surubim	454	2,4
Taquaritinga do Norte	1.185	6,3
Toritama	2.818	15,0
Vertentes	401	2,1
Total dos dez municípios (Polo-10)	18.803	100,0

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Facções)  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: SEBRAE-PE

O número total estimado de unidades produtivas (empresas e empreendimentos complementares) **nos dez municípios pesquisados** é de 18.803. Como se esperava, a maior concentração está em Santa Cruz do Capibaribe (38% do total de unidades produtivas), seguida de Caruaru (24%) e Toritama (15%). Esses três municípios formaram o núcleo original do polo e ainda mantém sua posição destacada, abrigando 77% do total de unidades produtivas estimado para os dez municípios. Eles foram os únicos municípios pesquisados em 2002. Dentre os novos municípios – novos, pelo menos, no sentido de não terem sido estudados na pesquisa de dez anos atrás –, os destaques são Brejo da Madre de Deus (7%) do total e Taquaritinga do Norte (quase exclusivamente devido ao distrito de Pão de Açúcar, 6%). Cupira, com 1% do total de unidades produtivas, tem a menor participação dentre os dez municípios.

## **Polo-14 e Polo-20**

Como hoje se reconhece, e as estatísticas da RAIS, parcialmente, comprovam, que existe atividade confeccionista relevante em outros municípios do Agreste, esta subseção acrescenta mais duas estimativas do número total de unidades produtivas. Somando Belo Jardim, Gravatá, Passira e Pesqueira, frequentemente citados, aos dez municípios pesquisados, ter-se-á o conjunto que será designado, para simplificar, de Polo-14. Pelo menos uma pesquisadora, Sonia Maria de Lira, na sua tese

já citada, acrescenta a estes 14 mais seis: Altinho, Frei Miguelinho, Jataúba, Sanharó, Santa Maria do Cambucá e São Caetano. A este conjunto de 14 mais seis será dada a designação de Polo-20.<sup>17</sup>

É interessante ter estimativas do número total de unidades produtivas também para estes dois conjuntos ampliados, de 14 e de 20 municípios. Antecipando informações colhidas na pesquisa ora sendo relatada (a serem discutidas em capítulos posteriores) e utilizando a base de dados RAIS, é possível chegar a uma resposta aproximada para esta questão.

Os seguintes passos foram dados para se obter a estimativa do número total de unidades produtivas (formais e informais) de confecções do Polo-14 e do Polo-20:

- (i) Foram levantadas da Base RAIS as quantidades de empresas formais no ramo de confecções existentes (em 2011), nos 14 municípios e nos 20 municípios: são 3.458 e 3.520 empresas, respectivamente.<sup>18</sup>
- (ii) De modo a atualizar esses dados para 2012, aplicou-se o mesmo percentual de aumento verificado para o Polo-10. Em 2011, havia, segundo a RAIS, 3.367 empresas formais no Polo-10; em 2012, a Datamétrica estimou o número de empresas formais correspondente em 3.665. Comparando os resultados para os dois anos, conclui-se que teria havido um crescimento de 9% (8,9%) no número de empresas formais do Polo-10, entre 2011 e 2012.
- (iii) Aplicando um aumento de 9% ao número RAIS de empresas formais existentes (em 2011) no Polo-14, ou seja, 3.458, chega-se à estimativa do número de empresas formais de confecções nos 14 municípios (em 2012): 3.764. O cálculo análogo, para o Polo-20, produz a estimativa de 3.831 empresas formais.
- (iv) A Datamétrica também estimou, para o Polo-10, em 2012, o número de unidades produtivas informais (15.138). Comparando 15.138 com 3.665 (número de empresas formais estimado para o mesmo ano), conclui-se que no Polo-10 existiriam 4 (com a primeira decimal: 4,1) unidades produtivas informais para cada unidade produtiva formal.
- (v) Admitindo que esta mesma relação média formais/informais prevaleça também para os dez municípios adicionais (ou seja, que existam 4,1 unidades produtivas informais para cada empresa formal, tanto no Polo-10 quanto no Polo-14 e no Polo-20) foi possível estimar o número de unidades produtivas informais no Polo-14. Ele é o resultado do produto  $3.764 \times 4,1$  –igual a 15.547. O cálculo análogo, para o Polo-20, produziu o resultado 15.826.

---

<sup>17</sup> Polo-14: Polo-10 mais Belo Jardim, Gravatá, Passira e Pesqueira; Polo-20: Polo-14 mais Altinho, Frei Miguelinho, Jataúba, Sanharó, Santa Maria do Cambucá e São Caetano.

<sup>18</sup> Para fins de extração de dados da Base RAIS, as atividades consideradas como “confecções” foram “Fabricação de produtos têxteis”; “Confecção de artigos do vestuário e acessórios” e; “Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, Artigos para viagem e calçados”. Essas atividades foram consideradas em todas as tabelas do presente documento.

- (vi) Somando a estimativa do número de empresas formais (3.764) com a estimativa do número de unidades produtivas informais (15.547), chega-se à estimativa do número total de unidades produtivas (formais e informais) de confecções no Polo-14, em 2012. **Este número é 19.311.** O cálculo análogo, para o Polo-20 leva ao resultado de **19.657** unidades produtivas (formais e informais) neste último conjunto.

Em outras palavras: nos dez municípios aqui estudados em profundidade, existem 18.803 unidades produtivas de confecções. Seguindo as sugestões da nova literatura e acrescentando outros dez municípios (ou seja: aumentando em 100% a quantidade de municípios), obtém-se um acréscimo de meros 4,5% do número estimado de empresas. Está visto que não é grande coisa: melhor ficar com o Polo-10.

A tabela a seguir expõe os números envolvidos no cálculo, assim como os resultados obtidos.

**Tabela 3.3**  
**Polo-10, Polo-14 e Polo 20: Elementos para o cálculo e estimativa do número de unidades produtivas de confecções nos dez municípios pesquisados, acrescidos de Belo Jardim, Gravatá, Passira e Pesqueira**

	Número de empresas formais 2011 (RAIS)	Número de empresas formais 2012 (Datamétrica)	Unidades produtivas informais 2012 (Datamétrica)	Número total de unidades produtivas formais e informais, 2012 (Datamétrica)
Polo 10 (Dez municípios onde foi feita aplicação de questionários)	3.367	3.665	15.138	18.803
Polo-14 (Dez municípios do Polo-10 mais Belo Jardim, Gravatá, Passira e Pesqueira)	3.458	3.764	15.547	19.311
Polo-20 (14 municípios do Polo-14 mais Altinho, Frei Miguelinho, Jataúba, Sanharó, Santa Maria do Cambucá e São Caitano)	3.520	3.831	15.826	19.657

Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares

PEQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRA-PE, MTE / RAIS 2011 e elaboração própria, conforme procedimentos explicados no texto.

### 3.3. Quantidade de empresas e empreendimentos complementares

A desagregação por tipo (empresas e empreendimentos complementares) das unidades produtivas, também discriminadas pelos dez municípios pesquisados, é mostrada na tabela abaixo.

Do total de 18.803 unidades produtivas estimativamente existentes no Polo-10, 8.060 são empreendimentos complementares (façções), o que corresponde a 43% do total. Nos três principais municípios do polo, Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, as façções respondem por 40%, 18% e 23%, do número total de empreendimentos complementares estimado para o Polo-10 como um todo.



Por outro lado, as 3.217 facções de Caruaru, representam 71% do total de unidades produtivas do município, uma proporção anormalmente alta. Em Santa Cruz do Capibaribe, por exemplo, esse mesmo indicador assume o valor de 20%. As proporções das “empresas” em relação ao total de unidades produtivas são, como é claro, as diferenças para 100% das participações dos empreendimentos complementares no mesmo total.

**Tabela 3.4**

**Polo-10: Quantidade estimada de unidades produtivas segundo o tipo (empresas ou empreendimentos complementares) nos municípios pesquisados**

Municípios	Unidades Produtivas Número de unidades produtivas	Empresas % no total do polo	Empreendimentos Complementares Número de empresas	% no total do Polo-10	% das empresas no total das unidades produtivas do município	Número de empreendimentos complementares	% no total do Polo-10	% dos empreendimentos complementares no total de unidades produtivas
Agrestina	299	1,6	129	1,2	43,1	170	2,1	56,9
Brejo da Madre de Deus	1.396	7,4	1.156	10,8	82,8	240	3,0	17,2
Caruaru	4.530	24,1	1.313	12,2	29,0	3.217	39,9	71,0
Cupira	135	0,7	80	0,7	59,3	55	0,7	40,7
Riacho das Almas	415	2,2	124	1,2	29,9	291	3,6	70,1
Santa Cruz do Capibaribe	7.169	38,1	5.722	53,3	79,8	1.447	18,0	20,2
Surubim	454	2,4	291	2,7	64,1	163	2,0	35,9
Taquaritinga do Norte	1.185	6,3	821	7,6	69,3	365	4,5	30,8
Toritama	2.818	15,0	962	9,0	34,1	1.856	23,0	65,9
Vertentes	401	2,1	146	1,4	36,4	256	3,2	63,8
<b>Total</b>	<b>18.803</b>	<b>100,0</b>	<b>10.744</b>	<b>100,0</b>	<b>57,1</b>	<b>8.060</b>	<b>100,0</b>	<b>42,9</b>

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Facções)

ESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE



### 3.4. Comparação com 2002: Unidades produtivas

A comparação desses totais de unidades produtivas com os obtidos há uma década no Estudo de Caracterização Econômica mostra alguns aspectos inesperados que exigem considerações específicas.

Uma observação geral, aplicável a todos os casos semelhantes, é que comparações devem sempre ser feita com cuidado, por várias razões, a mais geral delas sendo que, como qualquer estatística, os dois conjuntos de estimativas (ou, melhor dizendo, um intervalo em torno deles) representam, apenas, os valores com maior probabilidade de serem verdadeiros. As “margens de erros” que se tornaram conhecidas do público pela divulgação constante de pesquisas eleitorais, sempre existem e podem ser elevadas. Essa observação, em graus variados, vale para quaisquer pares de estimativas estatísticas. Ela é lembrada aqui porque dois dos resultados (os relativos a Santa Cruz do Capibaribe e a Caruaru) agora obtidos para o número de empresas afastaram-se do que era esperado, na comparação com os valores correspondentes estimados em 2002.

Com essas qualificações em mente, passemos a uma visão comparativa, na tabela a seguir, entre os resultados das pesquisas de 2012 e de 2002, quanto ao número de unidades produtivas. A comparação se limitará aos municípios de Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru e Toritama, os únicos pesquisados em 2002.

**Tabela 3.5**  
**Polo-3: Estimativas do número de unidades produtivas em 2002 e 2012**

Municípios	2002	2012	Varição 2012/2002 (%)
Caruaru	2.380	4.530	90,34
Santa Cruz do Capibaribe	7.565	7.169	-5,23
Toritama	2.196	2.818	28,32
SOMA	12.141	14.517	19,57

Polo 3: Conjunto formado por Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Facções)  
PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
Fonte: SEBRAE-PE; pesquisa FADE/UFPE, 2002/2003 (Estudo de Caracterização Econômica do Polo de Confecções do Agreste Pernambucano, citado, quadros 3.1 e 6.1)

A primeira observação a fazer é que a quantidade de unidades produtivas de confecções existentes nas três principais cidades do Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco teria crescido 20%, entre 2002 e 2012. Este é um percentual que corresponde às expectativas, mas, em parte, ele pode ser ilusório, um acerto pelas razões erradas.

Vejamos isso em maior detalhe. A coluna “Varição 2012/2002” tem dois resultados que se destacam: (i) o número de unidades produtivas em Caruaru teria **crescido 90%**; (ii) esta mesma quantidade, em Santa

Cruz do Capibaribe, teria se **reduzido 5%**. É possível que nenhuma das duas coisas tenha ocorrido exatamente dessa forma, pelas razões expostas a seguir.<sup>19</sup>

### 3.4.1. CARUARU

Em 2002, por razões estritamente orçamentárias, não foi feita contagem (nem mesmo amostral) de unidades produtivas na cidade de Caruaru. O número “estimado” de 2.380 unidades, que consta da tabela acima, é, na verdade, aquele que havia sido suposto a priori, com base apenas em avaliações rudimentares de pessoas que conheciam a realidade do setor, sim, mas também podiam não ter qualquer ideia precisa das grandezas envolvidas. É importante ressaltar, neste ponto, que tal deficiência não foi ocultada no relatório respectivo. Ao contrário, foi explicitamente declarada.<sup>20</sup>

De qualquer forma, como o número estimado de unidades produtivas em Caruaru (2002) não é confiável, qualquer cálculo de seu crescimento nos dez anos seguintes fica, irremediavelmente, comprometido. Não é impossível que o número tenha, mesmo, quase dobrado, mas afirmar isso de modo incisivo seria caminhar em terreno pantanoso.

Nada do que foi dito acima compromete a estimativa feita nesta pesquisa. Pode-se afirmar que, com alta probabilidade, o número de unidades produtivas de confecções existentes, hoje, em Caruaru – somando as formais e as informais; ou, alternativamente, as empresas e os empreendimentos complementares – é muito próximo de 4.530.

### 3.4.2. SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE

Não corresponde às expectativas, por outro lado, que o número de unidades produtivas em Santa Cruz do Capibaribe tenha diminuído 5%, entre 2002 e 2012, como indica a comparação dos resultados das duas pesquisas. Este município, como pode ser constatado por qualquer pessoa que o visite, vive quase exclusivamente da produção de confecções e de atividades a ela correlatas. Ora, mas sabemos que o produto interno bruto real (ou seja, descontada a inflação) de Santa Cruz do Capibaribe cresceu 41%, entre 2002 e 2009, sendo este o último ano para o qual as estatísticas estão disponíveis. Se tomarmos

---

<sup>19</sup> Para Toritama, o crescimento estimado do número de unidades produtivas, entre 2002 e 2012, foi de 28%, o que não confronta as expectativas dos estudiosos nem o conhecimento empírico dos que vivem o dia-a-dia do setor.

<sup>20</sup> Citando a página 63 do *Estudo de Caracterização...* (2003): “Como não se fez uma nova estimativa para o quantitativo de empresas em Caruaru, devemos continuar adotando os valores de 380 empresas formais e 2.000 informais.” Esse número de empresas informais refletia, apenas, o conhecimento assistemático de pessoas do setor. Ele parece, hoje, ter sido grandemente subestimado. (“Empresas”, na terminologia adotada em 2002/2003, corresponde às “unidades produtivas” do presente relatório.)

um período de dez anos (1999 a 2009), para comparar com 2002 a 2012, encontraremos que o PIB municipal de Santa Cruz do Capibaribe cresceu 63%.<sup>21</sup>

Dada a estreita relação entre o PIB e a produção de confecções no município, parece fora de dúvidas que esta última também cresceu substancialmente, nos últimos dez anos. Portanto, mesmo levando em conta que uma parte das novas empresas ou facções foi se formar no interior dos municípios vizinhos, inclusive na Paraíba, se as estimativas estiverem ambas corretas, a única explicação para o declínio do número de unidades produtivas em Santa Cruz do Capibaribe é que tenha havido um processo de concentração do setor produtivo, ou seja, que as unidades produtivas se tenham tornado maiores, de modo que um número menor delas fosse capaz de gerar uma produção maior.

Seria uma possibilidade lógica, mas que não encontra respaldo empírico: as evidências, nesse caso, são inconclusivas.

- (i) Se o tamanho das unidades produtivas for medido pela quantidade de peças produzidas, houve uma redução deste tamanho médio, nas cidades de Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Caruaru, entre 2002 e 2012, conforme os dados mostrados no próximo capítulo (seção 4.3).
- (ii) Semelhantemente, na faixa de menor produção anual (até 1.500 peças), há maior incidência de unidades produtivas hoje do que havia em 2002.
- (iii) Em faturamento médio anual das unidades produtivas, entretanto, as empresas seriam, hoje, em média, maiores. O valor estimado na pesquisa de 2002, atualizado para o corrente ano, foi de R\$ 42.000; ele teria atingido, em 2012, R\$ 65.690.

Diante disso – ou seja, de evidências apontando em direções contrárias –, não pode ser descartada a hipótese de que uma ou as duas estimativas do número de empresas, em 2002 e 2012, esteja errada.

“Erradas”, num sentido bem definido, com certeza estão ambas, pois o erro é inerente às avaliações humanas. A vantagem da Estatística enquanto ciência é que a probabilidade de ocorrência de erros nas estimativas pode ser, em princípio, ela própria, estimada. A margem de erro do arrolamento de construções da pesquisa de 2012 foi calculada em 0,57%; a da contagem de unidades produtivas em Santa Cruz do Capibaribe, em 2002, não aparece explícita no respectivo relatório final, mas, diante das sérias limitações orçamentárias daquele primeiro estudo, ela pode ter sido alta. Talvez tão alta quanto 5%, para mais ou para menos.

---

<sup>21</sup> Os dados são do IBGE, trabalhados pelo Ipea e disponíveis em <http://www.ipeadata.gov.br/>.

Desta forma, a verdadeira quantidade de unidades produtivas existentes, em 2002, em Santa Cruz do Capibaribe poderia ser, num extremo, 5% menor do que o número reportado no Estudo de Caracterização; assim como existe razoável probabilidade de que a verdadeira quantidade de unidades produtivas existentes, em 2012, no mesmo município, seja 0,57% maior do que o número estimado na pesquisa ora sendo relatada. Combinando estas duas hipóteses e recalculando as estimativas, chega-se, praticamente, ao mesmo número de unidades produtivas em 2002 (7.187) e em 2012 (7.210), em Santa Cruz do Capibaribe. O crescimento teria sido, então, de 0,3%. Para todos os efeitos, zero. Ainda não corresponde às expectativas, mas seria menos paradoxal que a redução de 5% no número de unidades produtivas.

Repetindo, com adaptações, o parágrafo de fechamento da subseção anterior, nada do que foi dito acima compromete a estimativa feita na pesquisa ora sendo relatada. Pode-se afirmar que, com alta probabilidade, o número de unidades produtivas de confecções existentes, hoje, em Santa Cruz do Capibaribe – somando as formais e as informais; ou, alternativamente, as empresas e os empreendimentos complementares – é muito próximo de 7.169.

### 3.5. Comparação com 2002: Empresas e empreendimentos complementares

A distribuição das unidades produtivas em empresas e empreendimentos complementares, em 2012, foi dada anteriormente. Na tabela abaixo, faz-se uma comparação das percentagens estimadas de empresas no total das unidades produtivas, em 2002 e em 2012, nas três cidades principais do Polo de Confecções.

**Tabela 3.6**  
**Polo-3: Percentagem das empresas no total das unidades produtivas, 2002 e 2012**

Municípios / Anos	Empresas como % do total das unidades produtivas	
	2002	2012
Caruaru	71,6	29,0
Santa Cruz do Capibaribe	77,6	79,8
Toritama	54,3	36,4
Total dos três municípios	72,2	55,1
Total dos dois municípios (Santa Cruz do Capibaribe e Toritama)	72,3	66,9

Polo 3: Conjunto formado por Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Facções)

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE; pesquisa FADE/UFPE, 2002/2003 (Estudo de Caracterização Econômica do Polo de Confecções do Agreste Pernambucano, citado, Gráfico 6.2)

Excluindo Caruaru, cujos dados, em 2002, têm os problemas já apontados, teria havido, entre 2002 e 2012, um decréscimo (de 72% para 67%) da proporção de empresas no total das unidades produtivas do Polo de Confecções, neste caso, representado apenas por Santa Cruz do Capibaribe e Toritama. Este

resultado foi determinado por Toritama (o número de empresas passou de 54% para 36% das unidades produtivas), já que em Santa Cruz do Capibaribe houve um leve aumento (78% para 80%) na referida proporção. Não é possível dizer se o mesmo movimento também se deu nos demais municípios do Polo, pois, para estes, não existem dados relativos a 2002.

O resultado de Toritama é forte, mas não contraria demasiadamente as expectativas. Ele contrasta, entretanto, com a quase estabilidade da mesma relação em Santa Cruz do Capibaribe. Uma possível explicação para ambos os movimentos é delineada na próxima subseção.

### 3.5.1. TORITAMA

No caso de Toritama, uma das entrevistas qualitativas realizadas com empresários ali sediados forneceu evidência complementar de que o aumento do percentual de facções (outra maneira de referir à diminuição relativa das empresas) está, realmente, acontecendo, além de sugerir as razões que explicariam o fenômeno. Há dois fatores principais envolvidos. A cidade, como se sabe, especializou-se na produção de jeans, segmento no qual o investimento mínimo inicial para a formação de uma empresa é maior que no caso das demais confecções. Há, portanto, uma tendência de que o crescimento da oferta de jeans se concretize mais pelo aumento de produção das empresas já existentes – suplementadas por novas facções – do que pela entrada em operação de novas empresas. Ou seja, diante do custo de uma máquina adicional, o empresário pode preferir sobreutilizar a que já possui, mesmo ao custo de um desgaste mais rápido ou de alguma perda de eficiência.<sup>22</sup>

Mas outro conjunto de fatores também opera, reforçando esse. Em Toritama, de acordo com a opinião ouvida de empresários, “não existem pessoas desempregadas” e essa situação vem se verificando há bastante tempo. Assim, quando as empresas, desejando aumentar a produção, precisam contratar mais gente, elas têm três opções:

- Aumentar o salário que oferecem, no intuito de deslocar trabalhadores de outras empresas
- Esperar que a imigração de pessoas vindas de outros municípios incremente a força de trabalho local, mesmo sem aumento de salários, ou

---

<sup>22</sup> Um dos empresários entrevistados em profundidade (Surubim, 17 de abril de 2012) avaliou que o capital fixo inicial mínimo para montar uma empresa de confecções de tecidos leves é de R\$ 25 mil; uma de jeans, R\$ 100 mil. Além disso, “o capital de giro para o caso dos jeans é muito maior que o das outras confecções”.

- Contratar os serviços de pessoas residentes nas áreas rurais dos municípios vizinhos – que continuam residindo onde já o fazem – as quais, individualmente ou em grupo, formarão facções (“empreendimentos complementares”) para atender às demandas da empresa maior, localizada na sede do município.

As evidências são de que

- Tem havido ganhos salariais, segundo depoimentos de empresários; e
- no intervalo entre os censos demográficos de 2000 e 2010, a população de Toritama cresceu 63% (ou 5% ao ano) – cinco vezes mais rápido que a população do Estado de Pernambuco, indicando que a cidade recebeu muitos imigrantes.

Entretanto, estes dois fatores não foram suficientes para gerar, na cidade, a força de trabalho adicional demandada pelas empresas, segundo o depoimento de alguns proprietários. Eles têm, cada vez mais, recorrido à estratégia de

- Contratar trabalhadores (que se organizam como “empreendimentos complementares” ou, simplesmente, pequenas facções) na zona rural dos municípios vizinhos.<sup>23</sup>

### 3.5.2. SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE

Por outro lado, em Santa Cruz do Capibaribe, onde se produz menos jeans e mais confecções de tecidos leves, as forças que induzem os empresários a responder à demanda por mais produto, preferencialmente, criando empreendimentos complementares ao invés de empresas também devem estar operando. Mas, ali, em face dos menores custos relativos de abrir ou expandir uma empresa (como foi visto, a confecção de peças em jeans exige máquinas mais caras), aquelas forças estariam sendo suplantadas pela preferência natural dos empresários em comandar diretamente todas as etapas de seu próprio negócio. Nesse caso, a lógica econômica somada às preferências empresariais explicaria por que, em Santa Cruz, uma parcela maior da demanda por mais produto venha sendo atendida pela expansão das empresas já existentes e pela criação de outras empresas – relativamente, mais do que de

---

<sup>23</sup> Os custos de formação de um empreendimento complementar são menores porque eles, tipicamente, funcionam nas residências dos donos. Além disso, o capital de giro necessário para colocá-lo em funcionamento é quase nenhum. Neste contexto, uma hipótese plausível é que as facções poderiam se dedicar a etapas do processo produtivo nas quais a exigência de maquinário mais pesado seja menor, desta maneira liberando espaço físico e trabalhadores para operar, nas empresas sediadas nas cidades, as máquinas cuja aquisição envolve pesado investimento.

façções –, justificando que a relação entre empresas e unidades produtivas tenha se alterado pouco; na realidade, tenha apresentado, até mesmo, um pequeno crescimento.

Há outro fator envolvido: os custos do espaço – embora muito altos também em Santa Cruz do Capibaribe – são, provavelmente, um pouco menores. Mais uma vez, isso é hipotético, pois existem apenas indicações indiretas de que tal discrepância exista da forma ora suposta. Uma delas é que este último município tem uma densidade demográfica de 1.383 habitantes por quilômetro quadrado, cinco vezes maior que a de Santa Cruz do Capibaribe (261 hab/km<sup>2</sup>, em ambos os casos, dados do IBGE, Censo Demográfico 2010).

Além disso, sua economia baseada nas confecções de jeans tem crescido ainda mais rapidamente que a desta última cidade, sugerindo uma expansão mais intensa da demanda pelo produto final e, derivadamente, por espaço para a construção de fábricas e de residências. Os dois fatores tendem a gerar preços de terrenos e aluguéis de imóveis relativamente mais baixos em Santa Cruz do Capibaribe, o que reforçaria o argumento de que os empresários desta cidade têm menos incentivos para estimular a criação de facções na zona rural, ao invés de empresas na zona urbana.

### 3.6. Funcionalidades precárias, I: Empresas e empreendimentos complementares

O Polo de Confecções do Agreste tem como uma de suas características marcantes – não que ele seja único, a este respeito – a organização das unidades produtivas em “empresas”: 57% do total, em 2012; e “empreendimentos complementares” (43%). Os franceses, sempre propensos a ornamentar episódios prosaicos com nomes elegantes, chamam isto – o recurso aos empreendimentos complementares – de “produção flexível”. Tal classificação se superpõe a outra, também importante: a dicotomia entre unidades produtivas formais e informais, a ser tratada mais adiante. As duas divisões não se confundem: embora a informalidade seja bem maior entre os empreendimentos complementares (93%) que entre as empresas (66%), existe enorme quantidade de empresas informais, assim como existem empreendimentos complementares formais.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Os dados sobre distribuição das unidades produtivas entre empresas e empreendimentos complementares já foram mostrados acima. Os relativos à informalidade também são apresentados e discutidos de maneira mais sistemática no próximo capítulo.

### 3.6.1. EMPREENDIMENTOS COMPLEMENTARES E CONTRATAÇÃO INDIRETA DE MÃO DE OBRA

O processo produtivo típico de uma peça de vestuário feita no Polo combina intervenções realizadas nas empresas e nos empreendimentos complementares. Como informa Sonia Maria de Lira, “a subcontratação de trabalhos externos acontece através das facções, conforme as máquinas que possuam. Por exemplo, algumas emendam as peças, outras fazem os caseados e a travetagem, que exigem máquinas mais especializadas.” A empresa executaria, então, as demais operações necessárias para ter a peça acabada. Mas há casos extremos de empresas que repassam todas as operações aos empreendimentos complementares. (Uma das empresárias participantes de grupo focal em Santa Cruz do Capibaribe declarou que estava “faccionando” até a operação de corte, o que parece um caso raro.)<sup>25</sup>

O faccionamento – existem “facções” que trabalham com exclusividade para uma só empresa – é a mesma prática conhecida em outros tempos e lugares como putting out, terceirização, ou, já foi dito, “produção flexível”. Ou seja, trata-se de uma modalidade de contratar pessoal indiretamente. Como tal, não é nova, nem específica do Polo. Nas condições culturais e tecnológicas vigentes, ela tem várias vantagens, todas elas convergindo para a redução dos custos de produção:

- (i) As empresas se veem dispensadas de pagar encargos sociais aos seus trabalhadores-pretensamente-empresários
- (ii) Estes permanecem residindo em suas casas (em muitos casos, localizadas no interior), portanto, não têm custos adicionais com alugueis de galpões ou com novas residências na cidade, que se refletiriam em salários nominais (ou em custos por peça produzida) mais elevados
- (iii) A empresa pode aumentar a produção sem precisar construir mais um espaço para abrigar novos trabalhadores
- (iv) A administração desse contingente adicional de mão de obra e das instalações físicas onde o trabalho ocorre fica sob a responsabilidade dos próprios trabalhadores – e não da empresa que os contrata.

Finalmente, nesse arranjo,

- (v) Os resíduos sólidos, líquidos e gasosos que acaso venham a ser gerados pela nova produção não são problema da empresa maior, mas dos trabalhadores travestidos em “empresários”.

Existe, portanto, uma clara funcionalidade na divisão de trabalho entre as empresas e as facções, mas a História ensina que tal funcionalidade depende, destacadamente, da tecnologia – e esta pode mudar. Na Inglaterra do século XVIII,

---

<sup>25</sup> A frase citada está em Sonia Maria de Lira, *Muito além das feiras da Sulanca*, op. cit., pág. 150. “Travetagem”, segundo a mesma autora (pág. 164), é a operação de fazer pequenas costuras que reforçam as extremidades de bolsos e reatas.



Enquanto o equipamento na grande fábrica era o mesmo que na indústria doméstica, produzir fios e tecidos na fábrica saía mais caro do que fazê-lo nas residências rurais. (...) Foi preciso esperar a invenção da máquina movida a energia não-humana para tornar a fábrica competitiva. A energia externa assim aproveitada tornou possível operar máquinas maiores e mais eficientes, desta forma superando em eficiência econômica a indústria doméstica por margens cada vez maiores.<sup>26</sup>

### 3.6.2. CRIAR UMA EMPRESA OU UM EMPREENDIMENTO COMPLEMENTAR?

Uma das questões estratégicas postas diante dos empresários ou possíveis futuros empresários do Polo é, exatamente, a escolha entre criar uma empresa ou uma facção. Trata-se de uma decisão importante: as empresas comandam – as facções obedecem; as empresas têm o horizonte de expansão atrelado a um mercado, em princípio, infinito – os empreendimentos complementares crescerão apenas na medida em que crescerem as empresas às quais elas servem. As empresas são, em regra, maiores; seu percentual de formalização, como foi visto, é, também, mais elevado.

O que governa, então, a escolha entre fundar uma empresa ou uma facção?

A resposta, na maioria dos casos, é o tamanho do capital disponível. Não no que concerne ao investimento fixo. Exceto pelo fato de que os empreendimentos complementares típicos tendem a ser ainda menores que as empresas, o investimento fixo inicial não difere muito entre as duas opções. Aqui prevalece a democracia econômica das reduzidas barreiras à entrada: às vezes, até uma costureira isolada com sua máquina institui uma facção, mais raramente, uma empresa. Existem repetidos casos de pessoas que, depois de trabalhar alguns anos como empregados, partem para montar sua própria unidade produtiva. E, não excepcionalmente, continuam a executar as mesmas tarefas de antes, para a mesma empresa.

Mas o que vale para o investimento fixo inicial (no limite inferior, uma máquina de costura e a sala de estar da casa em que a pessoa já mora) não vale para o capital de giro, muito maior na empresa que no empreendimento complementar, devido ao fato de que a empresa, mas não a facção, direta ou indiretamente, realiza todas as atividades do processo produtivo, desde a compra do tecido até a venda do produto final. De modo que, na soma dos dois investimentos, existe, sim, um diferencial: o capital necessário para montar uma empresa é maior que o volume de recursos exigido para criar um empreendimento complementar – mesmo que os dois tipos de unidades produtivas imaginados tenham o mesmo tamanho, medido, por exemplo, pelo número de máquinas, ou de pessoas ocupadas. É devido a

---

<sup>26</sup> David Landes, *The wealth and poverty of Nations*. Abacus, London, 1999, pág. 209. A tradução contém algumas liberalidades textuais, para facilitar o entendimento. Se um desenvolvimento tecnológico que tenha o mesmo efeito apontado por Landes irá acontecer no Polo do Agreste (e em que prazo) é impossível prever, no momento. Em todo caso, como se argumenta adiante, outras forças já estão operando para subverter o equilíbrio atual entre empresas e facções.

este segundo fator que a escolha entre criar uma empresa ou uma facção, tipicamente, é governada pelo volume de capital com que pode contar o futuro empresário.

## 4. Unidades produtivas: indicadores de tamanho e outros

Neste capítulo são mostradas as estatísticas representativas da distribuição por tamanho das unidades produtivas, empresas e empreendimentos complementares do Polo de Confecções do Agreste, medido (o tamanho) em número de pessoas ocupadas, quantidade de peças produzidas, máquinas existentes e faturamento. A longevidade e a dicotomia formalidade / informalidade também são tratadas. Comparações entre os resultados desta pesquisa e os obtidos em 2002 são feitas em relação às quantidades de peças produzidas, faturamento e formalidade / informalidade. Não foi possível comparar, nos dois anos, a distribuição de empresas por quantidade de pessoas ocupadas, por não haver o dado correspondente a 2002. A seção “Funcionalidades precárias, II” avança na interpretação, desta vez, pondo o foco na dicotomia formalidade / informalidade.<sup>27</sup>

### 4.1. Distribuição das empresas segundo a quantidade de pessoas ocupadas

A tabela abaixo mostra a distribuição das unidades produtivas (discriminadas em empresas e empreendimentos complementares) por tamanho, definido este pelo número de pessoas ocupadas.

---

<sup>27</sup> A dimensão quantidade de trabalhadores, outro indicador de tamanho, é tratada em capítulo específico.

**Tabela 4.1**

**Polo-10: Distribuição das unidades produtivas, empresas e empreendimentos complementares por intervalos de quantidade de pessoas ocupadas (exclusive proprietários e familiares)**

Quantidade de pessoas ocupadas	Unidades produtivas (Empresas + empreendimentos complementares)		Empresas		Empreendimentos Complementares	
	Quantidade de unidades produtivas	(%)	Quantidade de empresas	(%)	Quantidade de empreendimentos complementares	(%)
Até 2	13.665	72,7	7.679	71,5	5.987	74,3
Mais de 2 a 4	2.933	15,6	1.554	14,5	1.379	17,1
Mais de 4 a 6	767	4,1	424	3,9	343	4,3
Mais de 6 a 8	424	2,3	224	2,1	200	2,5
Mais de 8 a 10	231	1,2	173	1,6	58	0,7
Mais de 10 a 12	123	0,7	103	1,0	21	0,3
Mais de 12 a 14	66	0,4	58	0,5	8	0,1
Acima de 14	587	3,1	523	4,9	64	0,8
Não sabem/ Não responderam	7	0,0	6	0,1	1	0,0
<b>Total</b>	<b>18.803</b>	<b>100,0</b>	<b>10.744</b>	<b>100,0</b>	<b>8.060</b>	<b>100,0</b>

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Facções)

Fonte: SEBRAE-PE

As estatísticas acima excluem os proprietários e a mão de obra familiar. O retrato confirma a imagem tradicional do Polo: 73% das unidades produtivas têm até duas pessoas ocupadas; 88% têm até quatro pessoas ocupadas. Para as empresas, os valores respectivos são 71% e 86%; para os empreendimentos complementares, 74% e 91%. Documenta-se, neste ponto, a característica mais importante do setor produtivo de confecções no Agreste pernambucano: trata-se de uma economia maciçamente formada por pequenos produtores. Unidades produtivas “grandes”, ou seja, incluídas na classe de maior tamanho da tabela, com mais de 14 pessoas ocupadas, são somente 5% das empresas e 1% das facções.

#### 4.2. Distribuição das empresas segundo a quantidade de peças produzidas

Pelo indicador “quantidade de peças produzidas por mês”, 53% das empresas são muito pequenas (até 2.000 peças); isso é ainda mais verdadeiro para os empreendimentos complementares, 65% dos quais produzem, no máximo, dois milhares de peças por mês. Acima de 4.000 peças / mês, um número de peças, ainda, muito baixo, há 26% das empresas e somente 14% das facções. Na tabela 4.3, vê-se que a produção média das empresas (4.318 peças / mês) é baixa, embora maior que a das facções (3.124), refletindo a existência de grande número de empresas (e não apenas de empreendimentos complementares) pequenas.

**Tabela 4.2**

**Polo-10: Quantidade de peças produzidas mensalmente pelas empresas e empreendimentos complementares**

	Unidades produtivas		Empresas		Empreendimentos Complementares	
	Número de unidades produtivas	(%)	Número de empresas	(%)	Número de Empreendimentos Complementares	(%)
Até 1.000 peças	4.410	23,5	2.437	22,7	1.973	24,5
Mais de 1.000 a 2.000 peças	6.408	34,1	3.200	29,8	3.208	39,8
Mais de 2.000 a 3.000 peças	2.040	10,8	1.002	9,3	1.038	12,9
Mais de 3.000 a 4.000 peças	1.691	9,0	1.036	9,6	656	8,1
Mais de 4.000 a 5.000 peças	1.196	6,4	964	9,0	231	2,9
Acima de 5.000 peças	2.730	14,5	1.846	17,2	884	11,0
Não sabem / Não responderam	328	1,7	258	2,4	69	0,9
<b>Total</b>	<b>18.803</b>	<b>100,0</b>	<b>10.744</b>	<b>100,0</b>	<b>8.060</b>	<b>100,0</b>

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos

Complementares (Facções)

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

Tabela 4.3

Polo-10: Quantidade média de peças produzidas por mês pelas unidades produtivas, desagregadas em empresas e empreendimentos complementares

	Unidades produtivas 28		Empresas		Empreendimentos complementares (Façções)	
	Número de unidades produtivas	Quantidade média de peças produzidas	Número de empresas	Quantidade média de peças produzidas	Número de Empreendimentos Complementares	Quantidade média de peças produzidas
Total	18.476	3.802	10.485	4.318	7.990	3.124

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Façções)  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: SEBRAE-PE

### 4.3. Comparação com 2002: Quantidade de peças produzidas

A pesquisa de 2002 – aplicada apenas aos municípios de Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe – trabalhou com outra estratificação de quantidades produzidas, dificultando a comparação direta, mas, apesar disso, é possível dizer que os resultados atuais foram bastante diferentes dos obtidos há dez anos. Por exemplo, em 2002, a quantidade média estimada de peças para o conjunto das unidades produtivas foi de 9.200, quase duas vezes e meia maior do que a calculada no corrente ano (3.802).

Em 2002, havia 23% das unidades produtivas na faixa de produção “até 1.500 peças / mês”; em 2012, a primeira classe de tamanho foi fixada em “até 1.000 peças”, tendo sido encontrados, aí, coincidentemente, os mesmos 23% das unidades produtivas. Na classe “até 2.000 peças por mês”, a pesquisa mais recente encontrou 57% delas. Há um intervalo de 34 pontos percentuais entre 23% e 57%. Somando metade disso ao limite inferior, teríamos, numa estimativa grosseira, que, em 2012, haveria 40% de unidades produtivas produzindo até 1.500 peças por mês. Uma grande diferença para o encontrado em 2002. Seria fácil refinar esta estimativa, ou reprocessar os dados para obter a percentagem realmente encontrada em 2012. Mas dificilmente o resultado seria muito diferente.

---

<sup>28</sup> **Nota metodológica:** Em todas as tabelas do presente texto, as colunas designadas “Número de unidades produtivas” (ou “Número de empresas”, ou “Número de empreendimentos complementares”) representam estimativas da quantidade total de unidades produtivas, empresas ou empreendimentos complementares que *teriam respondido* à pergunta específica, caso tivesse sido feito um recenseamento, ao invés de pesquisa por amostragem. Neste sentido, no exemplo acima (coluna “Total / Número unidades produtivas”), 18.476 é o número estimado de empresas que *teriam respondido* (se a todas tivesse sido perguntado, ou seja, se tivesse sido feito um recenseamento) à questão sobre a quantidade média de peças produzidas.

Não existe uma explicação acima de qualquer suspeita para esse achado empírico. Como será visto ao longo do presente relatório, há no Polo forças operando em favor da redução do tamanho médio das unidades produtivas (por exemplo, a tendência das empresas subcontratar fábricas para contornar as obrigações trabalhistas), assim como existem forças operando no sentido contrário. No caso da quantidade de peças, aparentemente, a primeira tendência superou a segunda. Mas o mesmo não se deu no caso do faturamento, como será visto mais à frente.

#### 4.4. Quantidade de máquinas: eletrônicas e convencionais

De acordo com as estimativas feitas a partir dos dados coletados em campo, existem mais de 141 mil máquinas (de costura, bordado, estamparia, e corte) nos dez municípios pesquisados do Polo de Confecções do Agreste. Destas, 55 mil são eletrônicas e 86 mil convencionais. Um fato a destacar, nas duas tabelas seguintes, é que a quantidade média de máquinas existentes (sejam elas eletrônicas ou convencionais) é praticamente a mesma nas empresas e nos empreendimentos complementares. A única comparação possível com os valores de 2002 é a disponibilidade média de máquinas de costura convencionais nas unidades produtivas. Os números que aparecem (seis, em 2012; sete, em 2002) são perfeitamente compatíveis, devendo ser lembrado, mais uma vez, que a pesquisa de 2002 aplicou-se, apenas, aos três municípios principais do Polo: Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe.

**Tabela 4.4**

**Polo-10: Quantidade média e total de máquinas eletrônicas possuídas pelas empresas e empreendimentos complementares**

	Unidades produtivas			Empresas			Empreendimentos Complementares		
	Quantidade de unidades produtivas	Quantidade média de máquinas	Quantidade total de máquinas	Quantidade de empresas	Quantidade média de máquinas	Quantidade total de máquinas	Quantidade de empreendimentos complementares	Quantidade média de máquinas	Quantidade total de máquinas
Máquina de costura	6.445	8	51.560	4.242	7	29.694	2.203	8	17.624
Máquina para bordado	412	2	824	328	3	984	84	2	168
Máquina de estamperia	368	3	1.104	341	3	1.023	27	4	108
Máquina de corte	1.324	1	1.324	1.017	1	1.017	306	1	306
TOTAIS			54.812			32.718			18.206

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Facções). Os totais podem diferir da soma das parcelas devido a arredondamentos no cálculo das médias

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

Informações colhidas com empresários, nas entrevistas em profundidade e nos grupos focais, dão conta de dois aspectos importantes, relacionados à difusão das máquinas eletrônicas. Uma é que, em geral, não se sabe como utilizá-las em todas as suas capacidades – havendo quem afirme que nem 10% das funções que podem ser desempenhadas por estas máquinas são, de fato, postas em uso. O outro é que vale a pena ter as máquinas eletrônicas, mesmo assim, pela sua muito maior eficiência energética. Somente com o que economiza na conta da Celpe (a empresa distribuidora de energia elétrica em Pernambuco), foi dito nessas entrevistas, a máquina se pagaria em poucos meses.<sup>29</sup>

<sup>29</sup> Incidentalmente, essa informação lança preciosa luz sobre um dos problemas centrais – no longo prazo, mais do que neste momento – do Polo de Confecções: a necessidade de mais qualificação de seus trabalhadores e empresários. Pode-se facilmente imaginar os ganhos de produtividade que se conseguiriam se apenas uns e outros aprendessem a extrair das máquinas eletrônicas que já estão instaladas nas unidades produtivas uma proporção maior do que 10% do que elas podem dar.

**Tabela 4.5**

**Polo-10: Quantidade média e total de máquinas convencionais possuídas pelas unidades produtivas, segundo o tipo (Empresas e Empreendimentos Complementares)**

	Unidades produtivas			Empresas			Empreendimentos Complementares		
	Quantidade de unidades produtivas	Quantidade média de máquinas	Quantidade total de máquinas	Quantidade de empresas	Quantidade média de máquinas	Quantidade total de máquinas	Quantidade de empreendimentos complementares	Quantidade média de máquinas	Quantidade total de máquinas
Máquina de costura	12.290	6	73.740	6.637	7	46.459	5.653	5	28.265
Máquina para bordado	185	4	740	155	5	775	30	1	30
Máquina de estamperia	608	12	7.296	552	12	6.624	57	13	741
Máquina de corte	4.133	1	4.133	3.628	1	3.628	505	2	1.010
<b>TOTAIS</b>			85.909			57.486			30.046

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Facções) Os totais podem diferir da soma das parcelas devido a arredondamentos no cálculo das médias.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

a



## 4.5. Longevidade

Um total de 1.726 unidades produtivas de confecções (620 empresas e 1.106 empreendimentos complementares) foi, estimativamente, criado nos dez municípios estudados, durante os 12 meses anteriores à aplicação dos questionários da pesquisa SEBRAE-PE – ou seja, aproximadamente, de agosto 2011 a julho 2012. Considerando este dado e os demais da tabela abaixo, 12% das unidades produtivas existentes no Polo-10 têm menos de um ano de idade. A diferença entre empresas e empreendimentos complementares é marcante, a este respeito: das primeiras, 7% têm menos de um ano; das facções, o percentual correspondente é 17%.

**Tabela 4.6**

**Polo-10: Distribuição estimada das empresas e dos empreendimentos complementares segundo o respectivo tempo de existência**

Tempo de existência	Unidades produtivas		Empresas		Empreendimentos Complementares	
	Número de unidades produtivas*	%	Número de empresas*	%	Número de empreendimentos complementares	%
Menos de 1 ano	1.726	11,5	620	7,5	1.106	16,5
Mais de 1 a 5 anos	8.071	53,8	4.477	53,9	3.594	53,7
Mais de 5 a 10 anos	3.010	20,1	2.039	24,6	971	14,5
Mais de 10 a 15 anos	1.282	8,6	546	6,6	736	11,0
Mais de 15 a 20 anos	571	3,8	380	4,6	191	2,9
Acima de 20 anos	331	2,2	240	2,9	91	1,4
Total	14.992	100,0	8.302	100,0	6.690	100,0

Nem todas as unidades produtivas responderam à questão

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Facções)

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE - 25/06 a 06/07/2012

Ampliando um pouco o intervalo: 66% das unidades produtivas do Polo-10 têm menos de cinco anos de criadas. Se bem que bastante amortecido, permanece o diferencial entre empresas (61% das quais têm menos de um ano) e empreendimentos complementares (71%). Considerando essas evidências, conclui-se que o Polo-10 é formado, majoritariamente, por unidades produtivas jovens, o que pode denotar uma de duas coisas: rápido crescimento do número total de unidades produtivas, nos anos recentes; ou maiores taxas de mortalidade das empresas de cinco anos ou mais, comparativamente às mais jovens.

Na outra ponta, somente 2% das unidades produtivas (3% das empresas; 1% das facções) têm mais de 20 anos de existência. Como o Polo (especialmente, o Polo-3: Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe) já existe há mais de 25 anos – ou 30 –, conclui-se que muito poucas das empresas ou facções fundadas naquela época sobrevivem hoje.<sup>30</sup>

#### 4.6. Faturamento

Nos dez municípios pesquisados, o faturamento total da indústria de confecções, em 2011, atingiu o valor estimado de R\$ 1,1 bilhão. Se se descontar deste total o valor do faturamento das facções (para evitar dupla contagem, pois no faturamento das empresas está incluído o das facções), chega-se a um valor muito próximo da R\$ 1 bilhão. Os dados estão na Tabela 4.8.

As duas tabelas abaixo mostram, neste caso, pelo ângulo financeiro, que o Polo é feito de pequenos negócios. Somente 18% das unidades produtivas (6% dos empreendimentos complementares; 27% das empresas) tiveram faturamento anual acima de R\$ 25 mil, em 2011. R\$ 25 mil são um valor, como se pode perceber, extremamente baixo. Basta dizer que se, ao invés de faturamento, ele fosse renda líquida (lucro, ou salário, por exemplo, não passaria de R\$ 2 mil e poucos reais por mês. Em sendo receita bruta (ou seja, um montante de dinheiro que precisa ser usado para comprar os insumos, pagar os trabalhadores e garantir algum lucro), ele se revela ainda mais insignificante.

Entretanto, o faturamento médio das empresas é de R\$ 88 mil, indicando que há empresas em número razoável com receita bruta muito maior que os R\$ 25 mil acima referidos, na última classe de tamanho considerada. Em outro aspecto a destacar, a segunda tabela abaixo mostra que o faturamento médio anual das empresas em 2011 (R\$ 88 mil) foi quase cinco vezes maior que o dos empreendimentos complementares (R\$ 18 mil).

---

<sup>30</sup> A pergunta sobre o ano de criação da unidade produtiva não foi feita na pesquisa de 2002.

**Tabela 4.7**

**Polo-10: Faturamento anual (em 2011) das unidades produtivas, desagregadas em empresas e empreendimentos complementares, por faixas de faturamento**

Respostas	Unidades Produtivas		Empresas		Empreendimentos Complementares	
	Número de unidades produtivas*	% de unidades produtivas na classe de faturamento	Número de empresas*	% de empresas na classe de faturamento	Número de empreendimentos complementares	% de empreendimentos complementares na classe de faturamento
Não teve faturamento	158	1	89	1	69	1
Até 5.000	1.937	10	1.111	10	826	10
Mais de 5.000 a 10.000	2.259	12	1.137	11	1.122	14
Mais de 10.000 a 15.000	975	5	677	6	299	4
Mais de 15.000 a 20.000	1.560	8	1.082	10	478	6
Mais de 20.000 a 25.000	345	2	133	1	212	3
Acima de 25.000	3.382	18	2.898	27	485	6
Não sabem/Não responderam	8.185	44	3.617	34	4.568	57
<b>Total</b>	<b>18.803</b>	<b>100</b>	<b>10.744</b>	<b>100</b>	<b>8.060</b>	<b>100</b>

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Facções)

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

**Tabela 4.8**

**Polo-10: Faturamento médio e total anual em 2011 das unidades produtivas, desagregadas em empresas e empreendimentos complementares**

	Faturamento das Unidades Produtivas* (R\$ 1000)	Faturamento das Empresas (R\$ 1000)	Faturamento dos Empreendimentos complementares (R\$ 1000)
Média anual	65.690	88.417	18.952
Total	1.102.705	949.952	152.753

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Facções)

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

## 4.7. Comparação com 2002: Faturamento

Muito embora o Polo de Confecções do Agreste tenha sido sempre, pelo que se sabe de observação assistemática ou com base nas poucas pesquisas científicas que ali foram feitas, e continue a ser um território vastamente dominado por micro e pequenas empresas, os dados de faturamento de 2012, comparados com os de 2002, indicam a ocorrência de dois fenômenos importantes:

- (i) A redução do percentual de empresas muito pequenas (até R\$ 10 mil anuais)
- (ii) Um significativo aumento do tamanho médio (em faturamento) das unidades produtivas

Os intervalos estabelecidos em 2012 são muito diferentes dos da pesquisa anterior. Mas uma comparação pode ser feita: na classe de menor faturamento em 2002 (R\$ 10.700, após a correção dos valores nominais para preços de hoje – inflação acumulada do IGPM, 114%) havia 40% das unidades produtivas. Em 2012, apenas 22% delas faturavam até R\$ 10 mil por ano. Em termos de faturamento médio anual das unidades produtivas, o valor estimado na pesquisa de 2002 foi de R\$ 19.590 (Tabela 5.63, pág. 61 do Estudo de Caracterização...) o que a preços do ano atual significariam R\$ 42.000. Em nove anos, esse valor teria crescido 57%, atingindo, em 2011, R\$ 65.690.<sup>31</sup>

Na divisão privilegiada em 2002, entre unidades produtivas “formais” e “informais”, a pesquisa de dez anos atrás encontrou que o faturamento médio das primeiras era quatro vezes maior que o das segundas. Conforme já comentado, em 2012, quando foi adotada uma divisão diferente (mas que tem correlação com a anterior), as empresas faturaram, em média cinco vezes mais que os empreendimentos complementares.

#### 4.8. Formalidade / informalidade<sup>32</sup>

Nos dez municípios, 80% das unidades produtivas são informais; 20%, formais (tabela abaixo). A mais alta taxa de informalidade é a de Taquaritinga do Norte (89%); a mais baixa, a de Surubim (67%). Fora destes extremos, os resultados para os demais municípios são todos muito próximos da média geral. Já foi mencionado que uma única informação nos questionários foi utilizada para identificar a formalidade ou informalidade da unidade produtiva visitada: a existência de CNPJ. Como se poderá ver mais adiante, 12% dos entrevistados não responderam à pergunta correspondente. O problema maior, entretanto, não é este, mas as inúmeras possibilidades de as unidades produtivas obterem uma fachada de formalização, ao tempo em que continuam com o grosso de suas operações no que poderia ser chamado de informalidade formal.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> A rigor, este valor (informado em 2012, mas referente a 2011) deveria ser corrigido pelos dez meses de inflação já verificados no presente ano. Mas esse é um procedimento que pode ser dispensado, pois não traria nenhuma mudança significativa na conclusão obtida.

<sup>32</sup> No processamento das respostas aos questionários da pesquisa, foram consideradas formais as unidades produtivas que declararam possuir CNPJ, ou seja, tinham seu número e nome lançados no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica do Ministério da Fazenda.

<sup>33</sup> Há duas principais estratégias utilizadas para se chegar a uma espécie de “informalidade formal”. Uma é o confeccionista regularizar, apenas, sua loja na cidade ou no centro comercial, passando a ter, em consequência, um número de CNPJ e as correspondentes inscrições nas fazendas estadual e municipal. A segunda possibilidade é a empresa industrial formal recorrer, para grande parte de suas necessidades à mão de obra (informal) das fábricas.

**Tabela 4.9**

**Polo-10: Estimativas da quantidade de unidades produtivas, segundo formalidade e informalidade, por município pesquisado**

Municípios	Unidades Produtivas Informais		Unidades Produtivas Formais	
	Quantidade de Unidades Produtivas Informais	Participação das informais no total das unidades produtivas (%)	Quantidade de Unidades Produtivas Formais	Participação das Formais no total das unidades produtivas (%)
Agrestina	261	87,3	38	12,7
Brejo da Madre de Deus	1.173	84,0	223	16,0
Caruaru	3.568	78,7	963	21,3
Cupira	113	83,7	22	16,3
Riacho das Almas	339	81,7	76	18,3
Santa Cruz do Capibaribe	5.820	81,2	1.349	18,8
Surubim	304	67,0	150	33,0
Taquaritinga do Norte	1.057	89,2	128	10,8
Toritama	2.174	77,1	644	22,9
Vertentes	329	82,0	72	18,0
<b>TOTAL</b>	<b>15.138</b>	<b>80,5</b>	<b>3.666</b>	<b>19,5</b>

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Facções)

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

Como seria de esperar e já foi, parcialmente, antecipado no texto, a informalidade é proporcionalmente maior nos empreendimentos complementares (93%) do que nas empresas (66%). (Tabela abaixo.)

**Tabela 4.10**

**Polo-10: Percentual de formalidade / informalidade no total das empresas e dos empreendimentos complementares: Total do Polo-10**

	Empresas (%)	Empreendimentos Complementares (%)
Informais	66,4	93,2
Formais	33,6	6,8
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.

12,2% das empresas e 8,9% dos empreendimentos complementares não responderam à questão específica quanto à formalidade. Eles foram ignorados no cálculo dos percentuais acima.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

## 4.9. Comparação com 2002: Formalidade / informalidade

Tendo em vista a fragilidade da estimativa do número de empresas em Caruaru, na pesquisa de 2002, as comparações sobre percentuais de formalidade / informalidade ficam restritas às cidades de Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. A tabela abaixo expõe os resultados para os dois municípios nos dois anos.

**Tabela 4.11**

**Toritama e Santa Cruz do Capibaribe: Percentual de informalidade no total das unidades produtivas: Comparação dos resultados de 2002 e 2012**

	2002 (%)	2012 (%)
Toritama	92,0	77,1
Santa Cruz do Capibaribe	94,3	81,2

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fontes: para 2012, SEBRAE-PE; para 2002, Estudo de Caracterização... (citado), pág. 63, Quadro 6.1

Observa-se coerência nos dados obtidos nas duas pesquisas. Tanto em 2002 quanto agora, a informalidade se apresenta alta em Santa Cruz do Capibaribe e em Toritama, sendo maior na primeira que na segunda. Além disso, há uma **queda no percentual de informalidade** das unidades produtivas, em ambas as cidades, o que constitui um resultado esperado. A redução da informalidade (que, entretanto, permanece extremamente elevada) constitui uma resposta ao incremento relativo da fiscalização tributária, trabalhista e ambiental; ao melhor tratamento fiscal dado ao setor, por uma série de leis e decretos federais e estaduais, o mais antigo deles datando de 2003; e ao novo Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte (2006).<sup>34</sup>

#### 4.10. Funcionalidades precárias, II: a dicotomia formalidade / informalidade

Um conjunto de fatores explica a existência e o crescimento da produção de confecções no Agreste pernambucano. A alta informalidade é um dos mais importantes: até hoje, o Polo tem vivido e se expandido, em grande medida, porque paga poucos impostos e, menos ainda, direitos e obrigações trabalhistas. Tal situação já perdura por 30 ou 40 anos, mas, no longo prazo, é insustentável. Aqui se repete o mesmo dilema da saúva, inventado por Auguste de Saint-Hilaire, no século XIX, mas popularizado no Brasil dos anos 1930: ou o Polo de Confecções do Agreste acaba com a informalidade, ou a informalidade acabará com ele.

---

<sup>34</sup> O governo de Pernambuco instituiu, em 2003, e mantém até hoje, o “Sistema Simplificado de Tributação do ICMS relativa às operações realizadas com Fios, Tecidos, Artigos de Armarinho e Confecções”. Este sistema, de acordo com publicação oficial da Secretaria da Fazenda do Estado, originou-se do Decreto nº 25.936, de 29 de setembro de 2003, várias vezes alterado, desde então. Segundo a Secretaria, “o governo do Estado de Pernambuco, objetivando estimular o **comércio atacadista** de tecidos e artigos de armarinho, além da **indústria de confecções**, de artigos de armarinho, fios e tecidos, instituiu uma sistemática especial de tributação para estes segmentos. Esta consiste basicamente na redução da carga tributária dos setores por meio da concessão de redução de base de cálculo ou atribuição de crédito presumido, de forma a propiciar maior competitividade na busca de novos mercados, bem como estimular a formação dos negócios. (Governo do Estado de Pernambuco. Secretaria da Fazenda. *Informativo*, revisado até 21.06.2011). O novo Estatuto da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte foi instituído pela Lei Complementar 123 / 2006.

## 5. Qualificação da força de trabalho

A exemplo da informalidade, também a baixa qualificação (e, correspondentemente, baixa remuneração) da mão de obra do Polo de Confecções, ao mesmo tempo em que lhe tem garantido, junto com outros fatores, vantagens competitivas temporárias, mas duradouras, representa uma ameaça à sua sustentabilidade de longo prazo. As razões desta afirmativa são alinhadas na última seção do presente capítulo, que primeiro expõe alguns indicadores, construídos com base em dados secundários, da qualificação da mão de obra nos dez municípios estudados.

### 5.1. Limitações das pesquisas

Nesta seção, é feita uma tentativa de, usando dados do IBGE (e do Ministério da Educação, mas veiculados pelo IBGE), construir um conjunto de indicadores da provável qualificação dos trabalhadores empregados na produção de confecções nos dez municípios do Agreste pernambucano ora sendo estudados.

### 5.2. Características gerais da população

A tabela abaixo reúne informações, para cada município pesquisado e mais outros três, que servirão como marcadores, sobre o tamanho da população, a densidade demográfica, a taxa de alfabetização, o número de matrículas nos ensinos fundamental e médio, e o rendimento mensal domiciliar per capita.

**Tabela 5.1**

**Polo-10: Dados gerais sobre as características da população dos dez municípios estudados, 2010**

Municípios	População	Densidade demográfica (hab/km <sup>2</sup> )	Pessoas de 15 anos ou mais de idade que não sabem ler e escrever (%)	Matrícula - Ensino fundamental (Matrículas)	Matrícula - Ensino médio (Matrículas)	Relação entre matrículas do ensino médio e matrículas do ensino fundamental (%)	Rendimento mensal domiciliar per capita nominal - total - 2º (mediana) quartil (R\$)	% de pessoas com rendimento mensal domiciliar per capita nominal - total de até 1/2 salário mínimo (%)
Agrestina	22.679	112,6	32,4	4.971	692	13,9	170	68,2
Brejo da M. de Deus	45.180	59,3	32,3	9.121	1.328	14,6	170	68,1
Caruaru	314.912	342,1	15,6	52.390	14.004	26,7	306	44,1
Cupira	23.390	221,6	30,7	5.109	1.038	20,3	198	64,7
Riacho das Almas	19.162	61,0	34,5	3.396	700	20,6	200	64,0
S. Cruz do Capibaribe	87.582	261,2	16,0	15.413	3.506	22,7	306	40,8
Surubim	58.515	231,4	24,9	10.734	3.129	29,2	217	60,6
Taquaritinga do Norte	24.903	52,4	23,0	3.921	808	20,6	262	49,4
Toritama	35.554	1.383,2	20,6	6563	949	14,5	300	42,9
Vertentes	18.222	92,8	24,4	2955	553	18,7	233	56,9
<b> Marcos de comparação</b>								
Recife	1.537.704	7.037,6	7,1	229.263	91.549	39,9	366	38,5
Petrolina	293.962	64,5	12,1	56.163	15.999	28,5	255	51,4
Manari	18.083	47,4	39,9	3.892	582	15,0	91	83,1

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.

PESQUISA POLO DE CONFECCOES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: IBGE / IBGE Cidades; os dados de matrículas têm como fonte o INEP e se referem a 2009



### 5.2.1. POPULAÇÃO E DENSIDADE DEMOGRÁFICA

Embora não sejam, em si, indicadores de qualificação da mão de obra, o tamanho da população e a densidade demográfica podem estar relacionados àquela variável. Isso por que uma cidade muito pequena, em população, dificilmente pode oferecer oportunidades educacionais variadas aos seus habitantes, especialmente, se estes poucos cidadãos se distribuírem por vasta área. Quando a dispersão espacial é menor, o problema se reduz, mas nem sempre a alta densidade demográfica compensa as desvantagens da população reduzida. Toritama, por exemplo, um município com pequena população (apesar de alta densidade demográfica), tem uma intensa atividade produtiva, mas enfrenta grave deficiência na oferta de educação no nível médio, como estaremos vendo mais à frente. Em compensação, dos municípios do Polo, os mais populosos (Caruaru e Santa Cruz do Capibaribe) desfrutam de situações menos desfavoráveis com respeito à oferta de educação. Nada que se compare ao Recife, entretanto.

### 5.2.2. ANALFABETISMO

Nenhuma boa notícia. Enquanto, no Recife, a incidência de analfabetos (“pessoas de 15 anos ou mais que não sabem ler e escrever”) na população total é de 7%, não há nenhuma cidade das dez pesquisadas em que a mesma taxa fique abaixo de 15%. O pior caso é o de Riacho das Almas, com 35% de analfabetos, mas também em Agrestina, Brejo da Madre de Deus e Cupira, a percentagem dos que não sabem ler supera os 30%. Dentro do Polo-10, os melhores resultados, neste indicador, são os de Caruaru (16%), Santa Cruz do Capibaribe (16%) e Toritama (21%), exatamente os municípios onde a atividade produtora de confecções é mais antiga e mais concentrada.

Isso pode ser interpretado com base em dois argumentos não mutuamente excludentes. O primeiro é que a geração de renda (mais intensa nos municípios onde há mais produção) vai, aos poucos, criando a demanda por mais educação como um bem de consumo, ao que a oferta (de educação) responde, pela pressão política, no caso do ensino público, ou pelas razões que Adam Smith nos ensinou a enxergar, no caso do ensino privado. Tal fenômeno pode ocorrer mesmo se dispor de trabalhadores mais qualificados não seja um requisito para que as empresas mantenham e expandam a produção, por exemplo, de confecções. O segundo argumento supõe existir causalção no sentido inverso: o aumento da produção e a relativa sofisticação dos produtos que se pretende confeccionar exige que as empresas contem com trabalhadores capazes de, pelo menos, ler instruções simples.

O fato menos auspicioso para os municípios do Polo de Confeções – mesmo para os mais antigos – é que este segundo mecanismo, aparentemente, não tem operado de forma muito intensa. Pois a verdade é que, ao longo dos anos, a produção de confeções no Agreste tem crescido bastante, enquanto os índices de analfabetismo continuam altos, com redução lenta.

### 5.2.3. ENSINO MÉDIO

Como estatísticas municipais sobre a educação em nível médio não estiveram disponíveis para a redação do presente documento, uma aproximação foi construída: a relação entre as matrículas do ensino médio e as do ensino fundamental em cada município. Em princípio, quanto mais alta esta relação, maior a percentagem de alunos do município que, sem deixar de residir na cidade, continuam os estudos depois do nível fundamental.

Vista por esse ângulo, a situação do ensino médio no Polo é muito ruim. Dentre os dez municípios estudados, os mais altos valores da relação matrículas do ensino médio / matrículas do ensino fundamental são registrados em Caruaru (27%), Santa Cruz do Capibaribe (23%) e Surubim (30%) – não por coincidência, os três de maior população. Como marco de comparação, o mesmo indicador, para o Recife, alcança 40%. No Polo-10, três dos quatro municípios onde a relação ora sendo referida é menos de metade da registrada no Recife (Agrestina, 14%; Brejo da Madre de Deus, 15%; Toritama, 15% e Vertentes, 19%) estão entre os menos populosos. A exceção é Brejo da Madre de Deus.<sup>35</sup>

### 5.2.4. RENDIMENTOS

As duas últimas colunas da tabela acima têm a ver com rendimentos. Não com os valores médios, mas com os da metade mais pobre da população, ou seja, com a massa dos trabalhadores. Mais especificamente, no primeiro caso, com a mediana do rendimento mensal domiciliar per capita; no segundo, com a percentagem de pessoas cujo rendimento domiciliar mensal per capita é menor ou igual a meio salário mínimo.

Os três rendimentos mensais per capita medianos mais altos do Polo-10 são os de Caruaru (R\$ 306), Santa Cruz do Capibaribe (R\$ 306) e Toritama (R\$ 300). A interpretação desta estatística é conhecida, mas pode ser lembrada: ao dizermos que o rendimento domiciliar per capita mediano em Caruaru é de R\$ 306 estamos dizendo que em metade dos domicílios daquela cidade as pessoas ganham, em média, menos do que (ou, no limite, igual a) aquele valor. Sob este aspecto, os três municípios mais antigos e de

maior concentração na produção de confecções não se saem mal nas comparações com Petrolina (R\$ 255) e, até mesmo, com o Recife (R\$ 366). Nos dez municípios estudados, o valor mais baixo dessa mediana foi R\$ 170 (em Agrestina e Brejo da Madre de Deus), quase duas vezes superior ao de Manari (R\$ 91), nosso contra-exemplo preferido.

Os menores valores, no Polo-10, para a porcentagem de pessoas com rendimento mensal domiciliar per capita de até meio salário mínimo são os de Santa Cruz do Capibaribe (41%), Toritama (43%) e Caruaru (44%). Eles não estão demasiadamente acima do registrado no Recife (39%) e são melhores que o de Petrolina (51%). Os piores resultados, entretanto, são muito ruins: Agrestina (68%), Brejo da Madre de Deus (68%), Cupira (65%) e Riacho das Almas (64%). Todos ganham de Manari (91%).

Deve ser notado, em qualquer caso, que um rendimento mediano de, aproximadamente, meio salário mínimo é muito baixo e indica que a atividade confeccionista, apesar de “empregar todo mundo”, ainda remunera mal. Este é, na verdade, um de seus segredos de polichinelo.

### 5.3. Funcionalidades precárias, III: vantagens e desvantagens do trabalho barato

Assim como ocorre com a informalidade, a baixa qualificação da mão de obra – e, associada a isto, sua baixa remuneração – constitui uma vantagem transitória e uma ameaça permanente. A tendência de longo prazo é que o recolhimento de impostos, o atendimento às normas ambientais e o pagamento dos direitos trabalhistas sejam mais e mais exigidos, com os correspondentes aumentos nos custos de produção. Não obstante a essas exigências, os empresários precisarão, também utilizar mais e melhor as máquinas modernas (inclusive as que já possuem); racionalizar a administração, o que não dispensará o uso intensivo da informática; distribuir melhor suas compras, economizando capital de giro; profissionalizar a criação de novas peças e coleções, como forma de se diferenciar da concorrência. Neste cenário, a demanda por trabalhadores mais e mais qualificados aparecerá naturalmente. Ela será exercida pelos próprios empresários. Fechar esta equação – ou seja, garantir que a oferta de trabalhadores qualificados, realmente, se expanda, com o tempo – é uma necessidade vital, de longo prazo, do Polo de Confecções do Agreste. Provavelmente, trata-se de uma tarefa de que os empresários, sozinhos, não poderão dar conta. Mas, definitivamente, não será possível conviver por tempo indeterminado com o estado atual das coisas.<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> Um aspecto deixado implícito do argumento merece ser enfatizado: essas pressões competitivas se exercerão também sobre os produtores cujas vendas se concentram nos mercados de mais baixa renda.

O fato de os empresários confeccionistas do Agreste pernambucano terem inventado o seu (no agregado) grande negócio e terem-no feito expandir-se tanto como aconteceu, nas condições prevalentes, nos últimos trinta ou quarenta anos, dá um sinal de que eles serão também capazes de fazer as mudanças inevitáveis. Essa é uma boa expectativa. Pois, afinal, trabalhadores mais bem qualificados ganharão mais, terão um horizonte de interesses e de realizações mais amplo. Serão, com toda certeza, mais felizes, sem precisar se mudar para o Butão.

## 6. Trabalhadores nas empresas e empreendimentos complementares

Este capítulo contém dez seções. Elas tratam das estimativas da quantidade de pessoas ocupadas, da mão de obra familiar, dos rendimentos dos trabalhadores, das jornadas de trabalho e da distribuição do pessoal segundo as atividades do processo produtivo. Também são feitas, onde possível, comparações entre as estatísticas de 2012 e as obtidas há dez anos.

### 6.1. Quantidade de pessoas ocupadas

A quantidade de pessoas ocupadas – trabalhadores contratados, familiares e proprietários das unidades produtivas – em atividades de produção de confecções nos dez municípios do Agreste pernambucano estudados é de 107 mil, sendo a maior quantidade de ocupações (38.973, 36% do total) a de Santa Cruz do Capibaribe, seguida de Caruaru (24.963, 23%) e Toritama (17.750, 17%). Dentre os sete “novos” municípios que ficaram fora da pesquisa de 2002, os destaques em número de ocupações são Brejo da Madre de Deus e Taquaritinga do Norte.

A quantidade de pessoas ocupadas em 2012 foi estimada a partir do arrolamento de construções, já descrito anteriormente. Os dados estão na tabela a seguir.

**Tabela 6.1**

**Polo-10: Pessoas ocupadas na produção de confecções dos dez municípios estudados**

Municípios	Número de pessoas ocupadas nas unidades produtivas	Porcentagem no total de pessoas ocupadas em confecções no Polo-10
Agrestina	1.402	1,3
Brejo da Madre de Deus	7.580	7,1
Caruaru	24.963	23,3
Cupira	1.286	1,2
Riacho das Almas	2.629	2,5
Santa Cruz do Capibaribe	38.973	36,4
Surubim	3.184	3,0
Taquaritinga do Norte	6.072	5,7
Toritama	17.750	16,6
Vertentes	3.338	3,1
<b>Total dos dez municípios</b>	<b>107.177</b>	<b>100,0</b>

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Facções)

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

Comparativamente à população em idade ativa, verifica-se, na tabela seguinte, que a proporção das pessoas ocupadas na atividade confeccionista é muito alta (61%) em Toritama e (54%) em Santa Cruz do Capibaribe, cidades onde a atividade econômica é inteiramente dominada por esta indústria. Caruaru, embora tenha o segundo maior contingente de pessoas ocupadas na produção de peças de vestuário, registra apenas 9% de sua população em idade ativa ocupadas no setor.

**Tabela 6.2**

**Polo-10: Pessoas ocupadas na produção de confecções e população em idade ativa dos dez municípios estudados**

	Total de pessoas ocupadas no setor de confecções	População em idade ativa	Participação das pessoas ocupadas no setor de confecções no total da população em idade ativa (%)
Agrestina	1.402	18.959	7,4
Brejo da Madre de Deus	7.580	36.864	20,6
Caruaru	24.963	264.345	9,4
Cupira	1.286	19.666	6,5
Riacho das Almas	2.629	16.185	16,2
Santa Cruz do Capibaribe	38.973	72.459	53,8
Surubim	3.184	49.291	6,5
Taquaritinga do Norte	6.072	20.727	29,3
Toritama	17.750	28.908	61,4
Vertentes	3.338	15.117	22,1
<b>Total dos dez municípios</b>	<b>107.177</b>	<b>542.521</b>	<b>19,8</b>

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Fações)

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE e IBGE, Censo Demográfico 2010

## 6.2. Comparação com 2002: Quantidade de pessoas ocupadas

As estimativas do número total de pessoas ocupadas feitas pela pesquisa de 2002 para Toritama e Santa Cruz do Capibaribe estão mostradas na tabela seguinte. Caruaru foi excluído pelas mesmas razões já expostas na seção que comparou as estimativas de hoje e as de 2002 da quantidade de empresas. Os números encontrados há dez anos para a quantidade de pessoas ocupadas na produção de confecções nas duas cidades são muito próximos, mas levemente maiores, do que os da pesquisa mais recente. É possível que eles embutem o mesmo tipo de problema extensamente discutido no capítulo 3.

**Tabela 6.3**  
**Toritama e Santa Cruz do Capibaribe: Pessoas ocupadas na produção de confecções em 2002 e em 2012**

	2002	2012
Toritama	20.000	17.750
Santa Cruz do Capibaribe	40.200	38.973

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fontes: para 2012, SEBRAE-PE; para 2002, Estudo de Caracterização... (citado), pág. 64, Gráfico 6.3

Da mesma forma que foi dito na conclusão daquela discussão, as estimativas de quantidade de pessoal ocupado, em 2012, na produção de confecções feitas na pesquisa mais recente são as melhores que poderiam ser obtidas e devem ser consideradas como refletindo a realidade dos dois municípios, assim como de todo o Polo-10.

## 6.3. Mão de obra familiar

A utilização de mão de obra de familiares dos proprietários dos estabelecimentos está descrita nas três tabelas seguintes. Um dos cálculos feitos, a divisão do total das unidades produtivas que utilizam mão de obra de familiares do proprietário (12.764) pelo número total de unidades produtivas (18.803), revela que 68% das empresas do Polo-10 utilizam mão de obra familiar. A percentagem correspondente é maior nas empresas (71%) do que nos empreendimentos complementares (64%).<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup> Outro indicador do caráter familiar das empresas, a ser mostrado em capítulo posterior, é que 82% delas e também das facções são administradas pelos proprietários.

**Tabela 6.4**

**Polo-10: Quantidade de unidades produtivas, empresas e empreendimentos complementares em que há familiares do proprietário trabalhando**

Unidades produtivas		Empresas		Empreendimentos Complementares (Facções)	
Número de unidades produtivas em que há familiares do proprietário trabalhando	Percentagem no total de unidades produtivas (%)	Número de empresas em que há familiares do proprietário trabalhando	Percentagem no total de empresas (%)	Número de empreendimentos complementares em que há familiares do proprietário trabalhando	Percentagem no total de empreendimentos complementares (%)
12.764	68	7.581	71	5.183	64

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Facções)

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

A distribuição das unidades produtivas, empresas e empreendimentos complementares segundo o número de familiares que empregam está mostrada adiante. O número médio de familiares empregados é 2, igual entre empresas e empreendimentos complementares.

**Tabela 6.5**

**Polo-10: Quantidade de unidades produtivas, empresas e empreendimentos complementares em que há familiares do proprietário trabalhando, segundo o número de familiares trabalhando**

Número de familiares trabalhando	Unidades produtivas		Empresas		Empreendimentos Complementares (Facções)	
	Número de unidades produtivas que empregam familiares	Percentual do total de unidades produtivas que empregam familiares(%)	Número de empresas que empregam familiares	Percentual do total de empresas que empregam familiares (%)	Número de empreendimentos complementares que empregam familiares	Percentual do total de empreendimentos complementares que empregam familiares (%)
1	5.175	40,8	3.077	40,8	2.098	40,9
2	4.197	33,1	2.368	31,4	1829	35,6
3	1.686	13,3	1.265	16,8	421	8,2
4	883	7,0	414	5,5	469	9,1
5	455	3,6	171	2,3	284	5,5
Acima de 5	278	2,2	247	3,3	31	0,6
<b>Total de unidades produtivas que empregam familiares</b>	<b>12.674</b>	<b>100,0</b>	<b>7.542</b>	<b>100,0</b>	<b>5.132</b>	<b>100,0</b>

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Facções)

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE



**Tabela 6.6**

**Polo-10: Quantidade média de familiares que trabalham na unidade produtiva, empresa ou empreendimento complementar em que há familiares do proprietário trabalhando**

Unidades produtivas		Empresas		Empreendimentos Complementares (Facções)	
Quantidade de unidades produtivas	Quantidade média de familiares que trabalham nas unidades produtivas	Quantidade de empresas	Quantidade média de familiares que trabalham nas empresas	Quantidade empreendimentos complementares	Quantidade média de familiares que trabalham nos empreendimentos complementares
12.674	2	7.542	2	5.132	2

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Facções)

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

#### 6.4. Comparação com 2002: Mão de obra familiar

A pesquisa de 2002 estimou (Quadro 5.10 do Estudo de Caracterização) que 83% das unidades produtivas empregavam mão de obra familiar e que a média de familiares por unidade produtiva era de 2,5 (neste caso, o depois da vírgula importa). O segundo número (2,5) pode não ser estatisticamente diferente do agora encontrado (2), embora não haja informação suficiente para testar esta hipótese. A percentagem (83%) das unidades produtivas que empregavam mão de obra familiar, em 2002, entretanto, é muito maior (também no sentido estatístico) que os 68% estimados para 2012.

A redução relativa das unidades produtivas familiares constitui outra evidência de que transformações importantes estão em curso no Polo. Já tinha sido visto que a informalidade caiu de mais de 90% para 80%, entre 2002 e 2012. Mais adiante, será tratado o aspecto da comercialização – que também sofreu notáveis modificações qualitativas. Há, inegavelmente, uma mudança em marcha que, entretanto, coexiste com persistentes traços arcaicos. É a modernização truncada.

#### 6.5. Rendimentos dos trabalhadores

Os rendimentos médios dos trabalhadores – profissionais especializados ou não – nas unidades produtivas, empresas e empreendimentos complementares do Polo-10 estão expostos na tabela abaixo.

**Tabela 6.7**

**Polo-10: Rendimento bruto médio mensal dos trabalhadores nas empresas e empreendimentos complementares, segundo as áreas de atividade**

	<b>Empresas Rendimento médio (bruto) das pessoas trabalhando na área (R\$/mês)</b>	<b>Empreendimentos complementares Rendimento médio (bruto) das pessoas trabalhando na área (R\$/mês)</b>
Criação	1.135,30	(*)
Produção	681,13	631,73
Beneficiamento	683,77	583,72
Manutenção	(*)	(*)
Administração	1.419,50	938,36
Vendas	1.167,50	(**)
Estagiários	(*)	(*)

(\*) Número de estabelecimentos que responderam ao item específico ficou abaixo de 2% do total de estabelecimentos na respectiva categoria, o que fez a informação ser considerada não representativa. (\*\*) Nenhum empreendimento complementar possui pessoal de vendas

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Facções)

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

Duas observações devem ser feitas, em relação aos dados acima. A primeira é que, em todos os casos comparáveis, as empresas pagam melhor que as facções; a segunda é que os rendimentos médios do pessoal de criação, administração e vendas, nas empresas, são os maiores, ficando em torno de dois salários mínimos. Deve ser mencionado que a pergunta feita não continha a ressalva de que os “empregados” deveriam trabalhar em tempo integral na unidade produtiva. Ou seja: nos rendimentos médios acima especificados – especialmente, nas áreas de criação e vendas – estão enquadrados muitos casos de pessoas que apenas prestam serviços em tempo parcial às empresas respondentes.

De qualquer forma, o quadro geral de rendimentos oferecido pela tabela acima está muito longe de permitir avaliações indiscriminadamente otimistas. É certo que, nas atividades que exigem mais qualificação, como criação e vendas, os rendimentos são relativamente altos, se considerarmos que a atividade confeccionista está instalada em uma região pobre, onde a remuneração típica do trabalho é muito baixa. Já o caso dos rendimentos correspondentes à administração deve ser encarado com reservas: como, tipicamente, o “administrador” é o próprio dono do negócio, os seus rendimentos misturam os ganhos que poderiam ser atribuídos ao seu trabalho com os lucros do empreendimento.

Mas a grande maioria dos trabalhadores está na produção. As atividades de “produção” são várias e diversas, algumas delas exigindo mais habilidades adquiridas do que outras. Na média disso tudo, os trabalhadores recebem um pouco mais do que o salário mínimo, inclusive aqueles que, tipicamente, informais, são empregados nas facções. Para a média de ganhos da região, mais uma vez, não é pouco. Mas não se esperaria que a realização máxima do Polo fosse pagar salário mínimo a quem nele se emprega.

## 6.6. Comparação com 2002: Rendimentos dos trabalhadores

Tendo em vista que a classificação das unidades produtivas privilegiada em 2002 as separou em “formais” e “informais”, uma comparação direta dos resultados então obtidos com os da pesquisa mais recente só pode ser feita de forma aproximativa. Na tabela abaixo, foram colocados lado a lado os rendimentos de cada categoria de trabalhador (i) nas empresas (2012) e nas unidades produtivas formais (2002); e (ii) nos empreendimentos complementares (2012) e nas unidades produtivas informais (2002). Os dois últimos grupos são mais comparáveis, já que 93% dos empreendimentos complementares, em 2012, são informais. Já a identificação entre empresas (na terminologia deste relatório) e unidades produtivas informais é mais problemática.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> É importante ter em mente que a pesquisa de 2002 foi aplicada apenas aos municípios de Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe.

**Tabela 6.8**

**Polo-10 e Polo-3: Rendimento bruto médio mensal dos trabalhadores nas empresas e empreendimentos complementares, segundo as áreas de atividade. Comparação entre 2002 e 2012**

	Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, 2002	Polo-10, 2012	Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, 2002	Polo-10, 2012
	Unidades produtivas formais Rendimento médio (bruto) das pessoas trabalhando na área (R\$/mês a preços de julho 2012)	Empresas Rendimento médio (bruto) das pessoas trabalhando na área (R\$/mês)	Unidades produtivas informais Rendimento médio (bruto) das pessoas trabalhando na área (R\$/mês a preços de julho 2012)	Empreendimentos complementares Rendimento médio (bruto) das pessoas trabalhando na área (R\$/mês)
Criação	1.162,47	1.135,30	1.108,28	(*)
Produção	618,42	681,13	634,85	631,73
Administração	1.465,43	1.419,50	1.750,18	938,36
Vendas	984,57	1.167,50	724,13	(**)

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Polo-3: Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares (Facções). A correção dos valores nominais de 2002 (Quadro 5.9, pág. 34 do Estudo de Caracterização) foram corrigidos pela variação acumulada (114%) do IGPM entre dezembro de 2002 e julho de 2012.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE e Fade-UFPE, Estudo de Caracterização..., citado.

Esses problemas de comparar pares diferentes de estimativas é diminuído, no caso específico, porque os rendimentos de cada categoria encontrados em 2002 e em 2012, não diferem muito entre unidades produtivas formais e informais e nem entre empresas e empreendimentos complementares. Na verdade, os dados da tabela acima mostram grande coerência entre os resultados comparáveis das duas pesquisas. Mostram, também, que não houve variações apreciáveis de rendimentos médios entre os dois anos. A única diferença notável está nos rendimentos do pessoal da administração (facções e informais), que teria sido muito maior em 2002 do que atualmente.

Mais uma vez, os rendimentos das pessoas ocupadas não causam grande admiração. Eram baixos, há dez anos, e permanecem baixos, hoje. Isso aponta para um aspecto crucial das perspectivas de longo prazo do Polo: tal como ele se encontra estruturado, hoje, os baixos salários (contrapartida da pouca qualificação dos trabalhadores) são um fator decisivo para a competitividade da produção de confecções no Agreste pernambucano. Mas isto não pode permanecer assim por todo o tempo, pois os custos do trabalho para os empresários irão crescer, acompanhando o inevitável aumento da formalização das empresas e dos empregos.

Se a produtividade do trabalho crescer junto – por efeito de uma melhor qualificação e do emprego de tecnologias mais eficientes – o crescimento dos custos do trabalho poderá incluir a melhoria dos rendimentos dos trabalhadores e, não obstante isso, ser absorvido pelas empresas sem o comprometimento de sua lucratividade. Na ausência do aumento da produtividade do trabalho, a sustentabilidade do Polo de Confecções do Agreste estará, irremediavelmente, comprometida.

## 6.7. Jornadas de trabalho

Com exceção de “criação” e “vendas”, onde é maior a incidência de profissionais que não trabalham exclusivamente para uma só empresa, as jornadas de trabalho estão próximas às 40 horas semanais.

**Tabela 6.9**

**Polo-10: Jornada semanal média dos trabalhadores nas empresas e empreendimentos complementares, segundo as áreas de atividade**

	<b>Empresas</b> Jornada semanal média (horas)	<b>Empreendimentos complementares</b> Jornada semanal média (horas)
Criação	28	(*)
Produção	40	43
Administração	38	43
Vendas	33	(**)

(\*) Número de estabelecimentos que responderam ao item específico ficou abaixo de 2% do total de estabelecimentos na respectiva categoria, o que fez a informação ser considerada não representativa. (\*\*) Nenhum empreendimento complementar possui pessoal de vendas

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares

## 6.8. Comparação com 2002: Jornadas de trabalho

Nas duas únicas categorias comparáveis, não há diferenças a comentar entre a extensão da jornada de trabalho nos dois anos pesquisados. Exceto que a jornada semanal de trabalho na Administração teria caído de 43 para 38 horas, um resultado pouco provável.

Ou a informação prestada contém imprecisões, ou são os primórdios do Estado do Bem-Estar chegando ao Agreste.

**Tabela 6.10**  
**Polo-10 e Polo-3: Jornada semanal média dos trabalhadores nas empresas e empreendimentos complementares, segundo as áreas de atividade, 2002 e 2012**

	Polo-3 (2002)	Polo-10 (2012)	Polo-3 (2002)	Polo-10 (2012)
	<b>Unidades produtivas formais Jornada de trabalho semanal (horas)</b>	<b>Empresas Jornada de trabalho semanal (horas)</b>	<b>Unidades produtivas informais Jornada de trabalho semanal (horas)</b>	<b>Empreendimentos complementares Jornada de trabalho semanal (horas)</b>
Produção	43	40	43	43
Administração	43	38	43	43

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE e Fade-UFPE, Estudo de Caracterização..., citado, tabela 5.24.

## 6.9. Distribuição da mão de obra segundo as atividades

As estimativas da quantidade média de pessoas ocupadas segundo as atividades, nas empresas e nos empreendimentos complementares estão expostas na tabela seguinte. Deve ser notado que uma mesma pessoa pode ocupar várias posições, alternando entre elas, o que explica a existência de mais “pessoas ocupadas” em beneficiamento do que a própria média de pessoas ocupadas pelas empresas.

**Tabela 6.11**

**Polo-10: Quantidade média de pessoas por atividade nas empresas e empreendimentos complementares, segundo as áreas de atividade**

Atividades	Empresas	Empreendimentos complementares
Criação	2	1
Produção	4	3
Beneficiamento	5	6
Manutenção	1	1
Administração	1	1
Vendas	2	1

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: SEBRAE-PE.

## 6.10. Modernização truncada

Embora outras evidências ainda estejam para ser apresentadas, já é possível dizer, neste ponto, que o Polo dá sinais contraditórios, no que diz respeito às transformações que ali vêm ocorrendo. Por um lado, mudanças visíveis e importantes estão acontecendo, como a incorporação de novas tecnologias. A frase “muita gente está investindo em novas máquinas”, foi ouvida em Santa Cruz do Capibaribe; “todos, até os pequenos, estão comprando máquinas eletrônicas”, em Toritama. Há sinais de modernidade também nas saias, blusas, calças que estão sendo postas à venda: “a qualidade do produto tem melhorado muito”, disse um dos empresários entrevistados em Toritama.<sup>39</sup>

Uma modernização truncada está em andamento – e o tronco ainda tem muito pouca altura. Os capítulos à frente, que tratam, entre outras coisas, da criação de modelos, da administração, da comercialização e do crédito acrescentarão novos elementos a este quadro. Alguma coisa, não muita, tem mudado na criação de modelos; a comercialização deu um salto espetacular, em relação a 2002; mas, na antiquada forma de administrar os negócios, o quadro atual pouco difere do de dez anos atrás; no uso limitado e ineficiente do crédito, idem.

---

<sup>39</sup> As entrevistas em Santa Cruz do Capibaribe e Toritama foram feitas no dia 18 de abril de 2012.

## 7. Criação, estilo e variedade de produtos

O processo de criação dos modelos (no presente contexto, “criação” é um termo elástico, que também inclui a pura e simples cópia) e de coleções, assim como a utilização de marcas e a variedade dos produtos são os temas cobertos neste capítulo.

### 7.1. Criação de modelos e desenvolvimento de coleções

Sendo as empresas definidas como aquelas unidades produtivas que fabricam um produto final, elas precisam resolver o problema de que modelos fabricar. Mais da metade das vezes (53%), elas resolvem isso pela simples cópia: há uma prática generalizada, no Polo, de um produtor copiar os produtos do outro ou, então, os dois copiarem o mesmo produto de um terceiro. Conforme a tabela abaixo, as empresas responderam, entretanto, que em 59% dos casos, elas fazem “criação própria”. O fato de a soma de 53 com 59 (sem contar as demais alternativas da tabela) ultrapassar 100 é explicado pela possibilidade, aberta na entrevista, de o empresário indicar mais de uma opção de método: alguns deles tanto copiam como fazem criação própria, de modelos diferentes, claro.

**Tabela 7.1**

**Polo-10: Métodos usados para a criação dos produtos pelas empresas e empreendimentos complementares**

Método	Porcentagem das empresas que fazem a “criação” por um dos métodos discriminados	Porcentagem dos empreendimentos complementares que fazem a “criação” por um dos métodos discriminados
Cópia	53,0	22,0
Criação própria	59,0	4,0
Criação de estilista/ designer contratado	7,0	1,0
Pesquisas em livros/revistas técnicas	24,0	1,0
Pesquisas na internet	17,0	0

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: SEBRAE-PE

Dentre as facções, 22% declaram fazer cópia; 4% declaram fazer criação própria. Nos dois casos, os valores parecem resultar de má interpretação das perguntas feitas. Como as facções foram definidas como aquelas unidades produtivas que não vendem (portanto, não fabricam) produtos finais delas próprias, faz pouco sentido que elas façam criação daquilo que não produzem. “Copiar”, aqui, provavelmente, significa reproduzir o modelo que a empresa contratante entregou ao faccionista.

Sete por cento das empresas recorrem a estilistas ou designers contratados para produzir suas criações, indicando o desenvolvimento (ainda incipiente, na verdade) de um mercado para esses profissionais.



Este assunto é tratado mais abaixo, em seção própria. Finalmente, os 24% que fazem “pesquisas em livros, revistas técnicas e/ou na internet” estão apenas usando outra maneira de dizer que também copiam.

Somente 933 empresas (9% do total) desenvolvem coleções; o percentual das facções é zero. (A referência, neste ponto é às duas tabelas seguintes.) Das empresas que desenvolvem coleções, 32% desenvolvem duas delas por ano; 29%, quatro.

**Tabela 7.2**

**Polo-10: Desenvolvimento de coleções pelas empresas**

Desenvolve coleções?	Percentual de empresas (%)
Sim	9
Não	90
Não sabem/Não responderam	1
Total	100

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: SEBRAE-PE

**Tabela 7.3**

**Polo-10: Quantitativo de coleções produzidas em um ano pelas empresas e empreendimentos complementares**

Quantas coleções desenvolve por ano?	Percentual de empresas (%)
Uma	8
Duas	32
Três	15
Quatro	29
Mais de quatro	10
Não sabem/Não responderam	5
Total	100

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: SEBRAE-PE

## 7.2. Comparação com 2002: Criação de modelos

Com a ressalva de que os resultados de 2002 se referem apenas às três cidades principais do Polo, enquanto os da pesquisa de 2012 cobrem dez cidades, a tabela abaixo põe lado a lado os resultados das duas pesquisas no quesito referente aos métodos de “criação” dos modelos. Há, também aqui, uma grande coerência entre os dois conjuntos de resultados. Pode ter havido leve acréscimo do recurso à cópia (50%, em 2002; 53%, em 2012) e também da criação própria (56% para 59%).

A contratação de estilista ou designer, ao contrário, teria caído de 10% para 7%. Este resultado é estranho e contradiz o que foi ouvido em entrevistas qualitativas. Talvez se pudesse explicar pelo aumento do número relativo de empresas muito pequenas (pelo indicador número de peças produzidas por mês), mas, como outros indicadores de tamanho (por exemplo: faturamento) deram evidências contraditórias, não é possível resolver o impasse. Na prática, será aceita aqui a opinião majoritária dos empresários ouvidos nas entrevistas em profundidade: o mercado de trabalho para aqueles profissionais tem se ampliado, nos últimos anos.

Não houve modificação nas “pesquisas em livros e revistas técnicas”. A grande diferença aparece no recurso à internet. Em 2002, ela só era utilizada para auxiliar na “criação” por 2% dos empresários; dez anos depois, o número respectivo havia crescido para 17%.

### Tabela 7.4

#### **Polo-3 e Polo-10: Métodos usados para a criação dos produtos pelas empresas e empreendimentos complementares: comparação entre 2002 e 2012**

Método	Porcentagem das empresas que fazem a “criação” por um dos métodos discriminados	
	Polo-3 (2002)	Polo-10 (2012)
Cópia	50	53
Criação própria	56	59
Criação de estilista/ designer contratado	10	7
Pesquisas em livros/revistas técnicas	24	24
Pesquisas na internet	2	17

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Polo-3: Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe  
PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE e Fade-UFPE, Estudo de Caracterização..., citado, tabela 5.21, pág. 41.

## 7.3. Profissionais da moda: um mercado em expansão

Com as cautelas devidas, pelos motivos sugeridos na seção imediatamente anterior, é possível dizer que já existe um mercado, embora ainda incipiente, para profissionais da moda (estilistas, designers) no Polo de Confecções. Isso refletiria a ação conjunta de várias forças, dentre as quais

- (i) a necessidade sentida por alguns empresários de melhorar a qualidade de seu produto, habilitando-o a competir em mercados mais sofisticados; e
- (ii) a crescente oferta de cursos técnicos e de nível superior na área, nas próprias cidades do Polo e, também, no Recife.

Como exemplo do fator (i), há o registro já mencionado de que 7% das empresas contratam os serviços de designers ou estilistas para produzir suas criações e coleções. No mesmo sentido, um empresário entrevistado em Surubim, deu este testemunho:

Dos modelos produzidos [no Polo], 90% são cópia. A pessoa compra uma peça e faz igual. Mas, talvez, duas mil empresas (é muito, não chega a tanto) fazem criação. Não temos estilistas para atender todo mundo. Ganham muito bem. Eu tinha uma. Em meio expediente [ou seja, uma manhã, ou tarde] por semana, ganhava R\$ 2 mil por mês. Saiu porque encontrou oferta melhor.<sup>40</sup>

Como exemplo do fator (ii), várias instituições de ensino têm ofertado cursos de formação de estilistas e designers da moda nas principais cidades do Polo de Confecções e no Recife. Já em abril de 2005, a Universidade Federal de Pernambuco anunciava:

**UFPE investe em cursos de moda.** Dois cursos e um só objetivo: atender a demanda do setor produtivo da moda do Estado de Pernambuco. Dessa forma, a Pós-Graduação em Moda, no Recife, e o Bacharelado em Design I, curso de graduação da mesma área que será oferecido no campus avançado de Caruaru, passaram a fazer parte, neste ano, do quadro de cursos oferecidos pela Universidade.<sup>41</sup>

Atualmente, existe um Núcleo de Design do Centro Acadêmico do Agreste, da UFPE. A Universidade de Pernambuco também participa da oferta de cursos nesta área, em colaboração com a Universidade Federal. A Faculdade Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) do Recife oferece um curso de dois anos em Tecnologia em Design da Moda.<sup>42</sup>

Em Santa Cruz do Capibaribe funciona a Faculdade de Desenvolvimento e Integração Regional (Fadire) [que] está com inscrições abertas para o Vestibular. Os cursos oferecidos pela instituição são Administração de Empresas, Ciências Contábeis e Design de Moda.<sup>43</sup>

---

<sup>40</sup> Entrevista (qualitativa) realizada em 17 de abril de 2012.

<sup>41</sup> Em [http://www.ufpe.br/agencia/index.php?option=com\\_content&view=article&id=10544:&catid=5&Itemid=78](http://www.ufpe.br/agencia/index.php?option=com_content&view=article&id=10544:&catid=5&Itemid=78)

<sup>42</sup> Anúncio no Jornal do Commercio (Recife), 18/11/2012, pág. 5

<sup>43</sup> Publicado em 1/11/12, em <http://ne10.uol.com.br/canal/interior/agreste/noticia/2012/11/01/fadire-abre-inscricoes-para-vestibular-2013-na-segunda-378126.php>

## No nível técnico,

**Senac Caruaru abre vagas para cursos de moda.** O Senac Caruaru está com matrículas abertas para novas turmas de Design e Estilo e Vitrinismo. Nas aulas de Design e Estilo, serão abordados temas como história contemporânea da moda, identificação dos grupos sociais e segmentos de públicos consumidores; desenvolvimento de coleção; proatividade para o profissional de moda, entre outros tópicos. O curso tem carga horária de 100h.<sup>44</sup>

São sinais da percepção pelas instituições de ensino de que existe um efetivo ou potencial mercado de trabalho para profissionais da criação de moda nas cidades do Agreste pernambucano que hoje são grandes produtoras de confecções.

Mas as evidências colhidas na pesquisa ora sendo relatada não foram inequivocamente favoráveis, a esse respeito. Pode-se argumentar que o percentual (7%) das empresas que declararam contratar serviços de designers ou estilistas ainda é muito baixo. Em grande parte dos casos, as empresas que fazem “criação própria” usam um membro da família – que pode ser a esposa ou a filha do dono – para desenhar os modelos. Essa pessoa pode ter frequentado algum curso; tipicamente, entretanto, ela é uma autodidata que aprendeu o ofício com a prática e a internet.

### 7.4. Produtos próprios ou de terceiros

Como mostra a tabela abaixo, 86% das empresas produzem seus próprios produtos. Como seria de esperar, a percentagem correspondente aos empreendimentos complementares é diminuta, embora diferente de zero. Mas a tabela também traz outras informações importantes, como a de que 24% das empresas “produzem produtos de outras empresas” (a cacofonia está no questionário). Isso quer dizer que algumas empresas também funcionam como facção, ou empreendimento complementar; seja regularmente, seja de modo excepcional, para socorrer outras empresas que estejam enfrentando aumentos inesperados de encomendas.

---

<sup>44</sup> Publicado em 02.07.2012, em <http://ne10.uol.com.br/canal/interior/agreste/noticia/2012/07/02/senac-caruaru-abre-vagas-para-cursos-de-moda-352106.php>

**Tabela 7.5**

**Polo-10: Produtos próprios, produtos de terceiros e subcontratação pelas empresas e empreendimentos complementares**

	Percentagem das empresas que responderam sim (%)	Percentagem dos empreendimentos complementares que responderam sim (%)
A unidade produtiva produz seus próprios produtos	86	4
A unidade produtiva produz produtos de outras empresas	24	74
A unidade produtiva contrata sua produção em outras unidades produtivas (todo ou parte do processo)	21	18
A unidade produtiva produz produtos de terceiros (private label)	12	41

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: SEBRAE-PE.

## 7.5. Variedade de produtos e segmentos de atuação

A “modinha”, ou “moda casual” é o segmento em que atua a maioria das empresas. Os empreendimentos complementares executam tarefas, sobretudo, na linha jeanswear. Em se tratando de estilos, o feminino adulto é o preferido tanto das empresas quanto dos empreendimentos complementares. As duas tabelas seguintes dão outras informações.

**Tabela 7.6**

**Polo-10: Segmentos de atuação da empresas e dos empreendimentos complementares**

Segmentos	Percentagem das empresas que atuam no segmento (%)	Percentagem dos empreendimentos complementares que atuam no segmento (%)
Moda casual (modinha)	53,8	33,1
Jeanswear	18,6	54,3
Streetwear	8,4	9,6
Moda íntima	7,6	5,0
Roupas para esportes	6,4	4,9
Moda praia	4,1	3,1
Roupas profissionais	3,5	1,9
Moda festa	3,8	1,3
Cama, mesa e banho	1,9	0,3

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.  
 Obs.: A soma nas colunas pode ultrapassar 100% porque cada entrevistado poderia apresentar mais de uma resposta  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: SEBRAE-PE

**Tabela 7.7**

**Polo-10: Estilo dos segmentos de atuação da empresas e dos empreendimentos complementares**

Estilos	Percentagem das empresas que produzem no estilo (%)	Percentagem dos empreendimentos complementares que produzem no estilo (%)
Feminino adulto	60,1	58,2
Masculino adulto	31,8	40,7
Feminino infantil	21,0	28,1
Masculino infantil	21,6	25,2
Feminino jovem	16,5	25,7
Masculino jovem	10,8	22,7
Unisex adulto	5,1	17,0
Unisex infantil	4,7	15,0
Unisex jovem	3,7	13,6

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.

Obs.: A soma nas colunas pode ultrapassar 100% porque cada entrevistado poderia apresentar mais de uma resposta  
PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

## 8. Aspectos Gerenciais

Este capítulo trata das formas de administração, do controle de qualidade, da utilização de marcas, da extensão do uso da informática, da capacitação e treinamento dos trabalhadores e dos graus de obediência das empresas e empreendimentos complementares às normas e leis fiscais, trabalhistas e ambientais. Onde for possível, serão feitas comparações com a situação encontrada em 2002.

O aspecto mais grave dos dados deste capítulo é que vários deles sugerem, na comparação com os de 2002, que teria havido uma piora na qualidade da administração das empresas e empreendimentos complementares. Há todas as razões para interpretar essas evidências com cautela, dadas as dificuldades de comparar as duas pesquisas e o fato de que se trata de resultados inesperados. Mas, obviamente, elas merecem ser expostas e discutidas.

### 8.1. Formas de administração

Como mostra a tabela abaixo, 82% das empresas e também das fações são administradas exclusivamente pelos proprietários. Se a essas se somarem as que são administradas pelo proprietário e os familiares, a proporção se eleva a 93% das empresas e 95% dos empreendimentos complementares. Outro dado importante é que não há “só gerentes” administrando nem umas, nem outras. Todas as demais categorias incluem o proprietário, menos uma (“só familiares”) que, entretanto, é quase um conjunto vazio (1% das empresas; zero empreendimento complementar).

As evidências vão se acumulando: o Polo é um território dominado por empresas pequenas, informais, familiares, administradas pelos proprietários. “Precisamos de um grande programa de capacitação profissional, não apenas da mão de obra, mas dos empresários”, disse o dono de uma empresa, para os padrões locais, grande, em Surubim.<sup>45</sup>

**Tabela 8.1**

**Polo-10: Perfil de gerenciamento das unidades produtivas, empresas e empreendimentos complementares**

Tipo de gerenciamento	Unidades produtivas (%)	Empresas (%)	Empreendimentos Complementares (%)
Só proprietário	82	82	82
Só gerentes	-	-	-
Proprietário e familiares	12	11	13
Proprietário e gerentes	2	2	1
Proprietário e familiares e gerentes	1	2	-
Só familiares	1	1	-
Não sabem/Não responderam	2	2	3
Total	100	100	100

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

## 8.2. Comparação com 2002: Formas de administração

Conforme demonstra a tabela 8.2, os resultados das duas pesquisas foram bastante diferentes, no que tange às formas de administrar. A categoria largamente dominante em 2012 (“administração só pelo proprietário”) teria tido um valor muito mais baixo em 2002. Em contrapartida, a administração do tipo “proprietário e gerentes” teria tido participação expressiva em 2002, mas praticamente nenhuma, dez anos depois.

Se os dados forem tomados, num primeiro momento, pelo valor de face, o grande aumento das unidades produtivas administradas apenas pelos proprietários deve ser considerado um indicador de piora na qualidade da administração. Especialmente porque, ao mesmo tempo, teria havido uma também acentuada redução do tipo de administração “proprietário e gerentes”. Estariam as unidades produtivas do Polo caminhando para uma forma de administração mais primitiva, em que só existe um nível de comando, ao mesmo tempo em que a figura do “gerente” (não-membro da família) praticamente desaparece?<sup>46</sup>

<sup>45</sup> Entrevista em 17 de abril de 2012.

<sup>46</sup> É certo que as unidades produtivas, em sua quase totalidade, são muito pequenas, de modo que a sua administração não poderia mesmo conter muitos níveis hierárquicos. Mas elas já eram pequenas em 2002.

**Tabela 8.2**

**Polo-10 e Polo-3: Perfil de gerenciamento das empresas e empreendimentos complementares. Comparação com 2002**

	Polo-3 (2002)	Polo-10 (2012)	Polo-3 (2002)	Polo-10 (2012)	Polo-3 (2002)	Polo-10 (2012)
Tipo de gerenciamento	Unidades produtivas (formais e informais) (%)	Unidades produtivas (%)	Unidades produtivas formais (%)	Empresas (%)	Unidades produtivas informais (%)	Empreendimentos complementares (%)
Só proprietário	32,5	82,0	20,7	82,0	36,4	82,0
Só gerentes	1,2	-	1,7	-	1,0	-
Proprietário e familiares	43,2	12,0	44,0	11,0	42,9	13,0
Proprietário e gerentes	10,5	2,0	26,3	2,0	5,3	1,0
Proprietário e familiares e gerentes	(*)	1,0	(*)	2,0	(*)	-
Só familiares	11,6	1,0	6,9	1,0	13,1	-

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Polo-3: Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. Em 2012, (Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares); em 2002, (Unidades produtivas = empresas formais + empresas informais). Note-se que, em 2002, foi usado o termo “empresa” também para os empreendimentos complementares, ou facções.

(\*) Não foi feita essa pergunta;

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE e Fade-UFPE, Estudo de Caracterização..., citado, Quadro 5,5, pág. 32.

Aqui, há duas possibilidades:

- (i) O Polo, realmente, experimentou mudanças drásticas, na forma de suas unidades produtivas serem administradas
- (ii) A interpretação dada em 2002– e transmitida aos entrevistados – dos “tipos de gerenciamento” foi muito diferente da seguida na pesquisa de 2012, tornando a comparação sem sentido.

Em relação a (i), registre-se que essas possíveis “drásticas mudanças” não foram aventadas em nenhuma entrevista em profundidade e/ou grupo focal. Sob este ângulo, portanto, elas deveriam ser consideradas improváveis. Dois fatos, entretanto, devem ser levados em conta:

(i.1) Numa das melhores entrevistas em profundidade realizadas, o empresário ouvido apontou como um problema sério do Polo o fato de que “95% das empresas não têm chefia intermediária”

(i.2) Outras evidências da pesquisa de 2012, expostas e discutidas mais adiante, são compatíveis com a hipótese de que tenha havido uma deterioração nas formas de administrar.

Em relação à possibilidade (ii) é possível, sim, que tenha havido diferenças de interpretação do que estava sendo pedido. Em 2002, a pergunta foi: “como é gerenciada sua empresa”; em 2012, o entrevistador leu a frase: “na empresa, a gestão é feita por...” Em ambos os casos, tratou-se de pergunta fechada.



É possível (apenas, possível) que, no primeiro ano, os respondentes tenham sido induzidos a responder “proprietário e familiares” ou “proprietário e gerentes” porque algumas decisões de importância menor eram (são?), de fato, tomadas por outras pessoas que não os proprietários. Se o entendimento da palavra “gerente” tiver sido tão flexível a ponto de incluir o responsável por uma determinada operação no processo produtivo, não seria improvável que a pessoa entrevistada respondesse a “como é gerenciada sua empresa?” assinalando a alternativa “proprietário e gerentes”. O mesmo vale, mutatis mutandis, para “proprietário e familiares”.

Em 2012, claro, o entendimento da pergunta foi outro.

### 8.3. Controle de qualidade

Um total de 56% das empresas fazem controle de qualidade em todo o processo produtivo, contra apenas 39% das facções. 40% das facções não fazem controle algum de qualidade; para as empresas, o número correspondente é 25%. A tabela abaixo expõe os demais resultados.

**Tabela 8.3**

**Polo-10: Controle de qualidade na produção: Unidades produtivas, desagregadas em empresas e empreendimentos complementares**

Faz controle de qualidade?	Unidades produtivas (%)	Empresas (%)	Empreendimentos Complementares (%)
Sim, em todo processo	49,0	56,0	39,0
Sim, no produto final	19,0	18,0	19,0
Não existe controle	32,0	25,0	40,0
Não sabem/Não responderam	-	-	1
Total	100,0	100,0	100,0

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

No caso dos empreendimentos complementares, a percentagem das empresas que não fazem controle algum é praticamente o mesmo das que fazem o controle em todas as fases do processo.

### 8.4. Comparação com 2002: Controle de qualidade

Em todas as três categorias (unidades produtivas, empresas e empreendimentos complementares), houve aumento significativo do número de respostas “sim, [faz controle de qualidade] em todo o processo”. Mas, de modo paradoxal, reduziu-se também muito a percentagem das unidades produtivas, empresas e empreendimentos complementares que fazem controle de qualidade no produto final. E aumentou a percentagem, nas três categorias, dos que responderam “não existe controle”.

Não chega a ser um panorama de claro declínio na qualidade da administração, vista sob esse ângulo particular, mas tampouco se pode dizer que esta qualidade, inequivocamente, tenha aumentado.

**Tabela 8.4**

**Polo-10 e Polo-3: Controle de qualidade na produção. Comparação com 2002**

	Polo-3 (2002)	Polo-10 (2012)	Polo-3 (2002)	Polo-10 (2012)	Polo-3 (2002)	Polo-10 (2012)
Faz controle de qualidade?	Unidades produtivas (formais e informais) (%)	Unidades produtivas (%)	Unidades produtivas formais (%)	Empresas (%)	Unidades produtivas informais (%)	Empreendimentos complementares (%)
Sim, em todo processo	26,9	49,0	41,8	56,0	21,6	39,0
Sim, no produto final	43,9	19,0	42,2	18,0	44,5	19,0
Não existe controle	29,2	32,0	16,0	25,0	33,9	40,0

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Polo-3: Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. Em 2012, (Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares); em 2002, (Unidades produtivas = empresas formais + empresas informais). Note-se que, em 2002, foi usado o termo “empresa” também para os empreendimentos complementares, ou facções.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE e Fade-UFPE, Estudo de Caracterização..., citado, Quadro 5,32, pág. 46.

### 8.5. Produtos com marcas: quem tem, quem não tem

59% das empresas têm marcas próprias, contra somente 6% dos empreendimentos complementares; muitas empresas (32%) e facções (29%) produzem sem marcas. 48% das facções só produzem para outras marcas (8% das empresas).

**Tabela 8.5**

**Polo-10: Posse de marca própria pelas empresas e empreendimentos complementares**

Possui marca própria?	Unidades produtivas	Empresas (%)	Empreendimentos Complementares (%)
Sim	36	59	6
Só produz para outras marcas	25	8	48
Produz sem marcas	31	32	29
Não sabem/Não responderam	8	1	16
Total	100	100	100

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

Quem tem marca (94% das empresas que têm marcas), tem uma. No caso dos empreendimentos complementares, é 100%, mas de um número pequeno deles.

**Tabela 8.6**

**Polo-10: Quantidade de marcas próprias que as empresas e empreendimentos complementares que possuem marcas possuem**

Marcas próprias que a empresa ou empreendimento possui	Empresas (%)	Empreendimentos Complementares (%)
Uma	94	100
Mais que uma	6	-
Não sabem/Não responderam	1	-
Total	100	100

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

Das empresas que têm marcas, 36% não têm uma única marca registrada; 55% têm uma; 5%, mais do que uma marca registrada.

**Tabela 8.7**

**Polo-10: Quantidade de marcas próprias de que as empresas e empreendimentos complementares que possuem marcas possuem registro**

Número de marcas próprias de que a empresa ou empreendimento possui registro	Empresas (%)
Nenhuma	36
Uma	55
Mais que uma	5
Não sabem/Não responderam	4
Total	100

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

O mais comum (tabela abaixo) é que nenhum tipo de promoção da marca exista (46% das empresas). Os grandes meios de divulgação são os cartões de visita (16%), o “boca-a-boca” (15%) e a participação em feiras (13%). O uso dos demais meios, inclusive da internet, é baixo. Observa-se, assim, que muito poucas empresas vão além da promoção zero ou das formas de promoção mais rudimentares.

Há uma racionalidade nesse estado de coisas. Com raras exceções, os produtos do Polo não são procurados pela marca. Para cada patamar de qualidade (que o comprador avalia, o mais das vezes, visualmente), a decisão de compra é regulada pelo preço. Nessas condições, a marca não tem valor econômico; despender recursos para promovê-la seria, portanto, um desperdício. Por outro lado, a marca tem um valor administrativo, pois identifica quem fez determinado produto. Se o pequeno comerciante levou peças de diversos confeccionistas para vender na feira e algumas sobraram, as marcas servem

para ele preparar os pacotes de devolução fabricante por fabricante. Se algum comprador levou uma peça com defeito, não lembra em qual balcão a comprou, mas quer ter seu dinheiro restituído, o vendedor erroneamente solicitado a fazê-lo pode alegar que sua marca é outra. E assim por diante.

**Tabela 8.8**

**Polo-10: Recursos de promoção de marcas adotados pelas empresas**

Recurso utilizado	(%)
Nenhum	46
Cartões de visita	16
Boca-a-boca	15
Participação em feiras	13
Internet	4
Campanhas publicitárias	3
Catálogos	3
Revistas	2
Mostruário	1
Rádios	1
Desfiles	-
Patrocínios	-
Assessoria de imprensa	-
Representantes	-
Panfletos	-
Banner	-
Telefonia	-
Não sabem/Não responderam	4

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

Obs.: A soma nas colunas pode ultrapassar 100% porque cada entrevistado poderia apresentar mais de uma resposta.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

## 8.6. Comparação com 2002: Produtos com marcas

No que diz respeito a marcas, a comparação com 2002 também traz alguns indicativos inesperados. O principal deles é que teria caído (de 53% para 36%) o número de unidades produtivas que possuem marcas e aumentado muito (de 1,8% para 24%) o número das que só produzem para outras marcas.

**Tabela 8.9**

**Polo-10 e Polo-3: Posse de marca própria pelas empresas e empreendimentos complementares. Comparação com 2002**

	Polo-3 (2002)	Polo-10 (2012)	Polo-3 (2002)	Polo-10 (2012)	Polo-3 (2002)	Polo-10 (2012)
Possui marca?	Unidades produtivas (formais e informais) (%)	Unidades produtivas (%)	Unidades produtivas formais (%)	Empresas (%)	Unidades produtivas informais (%)	Empreendimentos complementares (%)
Sim	53,1	36,0	86,2	59,0	39,5	6,0
Só produz para outras marcas	1,8	25,0	1,6	8,0	1,8	48,0
Produz sem marcas	45,1	31,0	12,2	32,0	58,6	29,0

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Polo-3: Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. Em 2012, (Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares); em 2002, (Unidades produtivas = empresas formais + empresas informais). Note-se que, em 2002, foi usado o termo “empresa” também para os empreendimentos complementares, ou facções. Em 2002, a pergunta “tem marca?” comportava duas respostas afirmativas: “Sim e só produz para ela” e “Sim e produz para outras”. Na Lina “sim”, acima, está a soma destas duas respostas.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE e Fade-UFPE, Estudo de Caracterização..., citado, Quadro 5.21, pág. 41.

**Tabela 8.10**

**Polo-10 e Polo-3: Quantidade de marcas próprias de que as empresas e empreendimentos complementares que possuem marcas possuem registro. Comparação com 2002**

	Polo-3 (2002)	Polo-10 (2012)
Possui registro da marca?	Unidades produtivas (formais e informais) (%)	Empresas (%)
Nenhum	58,5	36,0
Um e mais que um	41,3	55,0

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Polo-3: Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. Em 2012, (Unidades produtivas = Empresas + Empreendimentos Complementares); em 2002, (Unidades produtivas = empresas formais + empresas informais). Note-se que, em 2002, foi usado o termo “empresa” também para os empreendimentos complementares, ou facções. Em 2002, a pergunta “tem marca?” comportava duas respostas afirmativas: “Sim e só produz para ela” e “Sim e produz para outras”. Na Lina “sim”, acima, está a soma destas duas respostas.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE e Fade-UFPE, Estudo de Caracterização..., citado, Quadro 5.22, pág. 42.

A quantidade relativa de unidades produtivas que tinham marcas registradas também caiu bastante, entre 2002 e 2012, como se vê na tabela acima.

## 8.7. Extensão do uso da informática

A informática é utilizada pelas empresas, mas não (ou apenas por uma reduzida minoria) pelos empreendimentos complementares. As principais atividades em que a informática é utilizada incluem as de administração, contabilidade, controle da produção, controle de estoques, controle das vendas e nas pesquisas (provavelmente, de modelos) na internet.<sup>47</sup>

**Tabela 8.11**

**Polo-10: Utilização de recursos de informática pelas unidades produtivas, desagregadas em empresas e empreendimentos complementares**

Utiliza recursos de informática? (Percentuais de respostas "sim")	Unidades produtivas (%)	Empresas (%)	Empreendimentos Complementares (%)
Na administração (contabilidade, finanças, etc.)	11	17	2
No relacionamento bancário (da Empresas)	7	11	2
Nas compras diversas (para a empresa)	5	9	-
Nas pesquisas diversas (produtos, tendências, mercado, etc.)	6	11	-
No processo de criação/desenvolvimento de produtos	5	9	-
Nos controles de produção	8	12	2
Nos controles de estoques	7	12	2
Nos controles de vendas	8	14	2
Nos controles de clientes	7	11	-
Na comunicação com clientes	8	12	2

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

## 8.8. Capacitação dos trabalhadores: máquinas eletrônicas

A tabela seguinte deve ser interpretada com cautela. À primeira vista, ela traz um resultado negativo: somente 24% dos donos ou responsáveis pelas empresas (e correspondentes 14%, no caso dos empreendimentos complementares) acham que seus trabalhadores estão capacitados para manusear as máquinas eletrônicas.

---

<sup>47</sup> As perguntas feitas sobre a utilização da informática na pesquisa de 2002 não permitem comparação com os resultados acima. Mas a utilização da informática, em 2002, era muito baixa: pouco mais de metade das empresas formais responderam que o faziam; da internet, menos de 5%.

Não é o que parece. Observe-se que, para 54% das empresas (64% das facções), a pergunta “não se aplica”. Além disso, outros 20% das empresas (17%, das facções) “não sabem ou não responderam”. Ou seja, somente 26% das empresas (19% dos empreendimentos complementares) responderam, efetivamente, à pergunta. Dos que responderam, 24 (de um total de 26, no caso das empresas, ou 14 de 19, no caso dos empreendimentos complementares) disseram que os trabalhadores estão capacitados a operar as máquinas eletrônicas. Ou seja, a resposta “sim, estão capacitados” derrota sua rival “não, não estão capacitados” por doze a um.

**Tabela 8.12**

**Polo-10: Capacitação dos trabalhadores para manuseio de máquinas eletrônicas**

	<b>Empresas</b>	<b>Empreendimentos Complementares (Facções)</b>
	<b>(%)</b>	<b>(%)</b>
Sim, estão capacitados	24	14
Não estão capacitados	2	5
Não se aplica	54	64
Não sabem/Não responderam	20	17
Total	100	100

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

## 8.9. Treinamento dos trabalhadores

À pergunta: “a unidade produtiva adota algum programa de treinamento para os trabalhadores?”, a resposta foi, maciçamente, “não” (95%, empresas; 93%, empreendimentos complementares). Na prática, treinamento zero, tanto para empresas quanto para facções.

**Tabela 8.13**

**Polo-10: Adoção do programa de treinamento pelas empresas e empreendimentos complementares**

	<b>Empresas</b>	<b>Empreendimentos Complementares (Facções)</b>
	<b>(%)</b>	<b>(%)</b>
Sim	4	2
Não	95	93
Não sabem/Não responderam	1	5
Total	100	100

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

Não é exclusivo do Polo, mas é um problema sério, que está a merecer atenção. Para empresas minúsculas – e minúsculas são quase todas as unidades produtivas de confecções do Agreste pernambucano –, financiar o treinamento de empregados pode ser algo acima de sua capacidade. Não apenas pela possibilidade de a pessoa se mudar para outro emprego, depois de treinada; mas também porque, quando se tem dois homens ou mulheres trabalhando, liberar um deles para fazer cursos significa cortar em 50% a capacidade produtiva da empresa ou facção. Claramente, ninguém pode fazer isso.

## 8.10. Graus de obediência às normas e leis

Os custos (presumivelmente, de operação) são o principal obstáculo à formalização das empresas e, ainda mais, dos empreendimentos complementares. Mas também se alega desconhecimento das normas. Os que não veem nenhuma dificuldade já devem estar formalizados.

**Tabela 8.14**  
**Polo-10: Motivos para a possível não formalização da unidade produtiva**

Qual a principal dificuldade para a formalização da empresa?	Empresas (%)	Empreendimentos complementares (%)
Nenhuma	15	8
Desconhecimento das normas	17	7
Custos	64	74
Falta de incentivo	-	-
Falta de controlador	-	-
Burocracia	-	-
Pouco tempo de vendas	-	-
O tamanho da facção	-	-
Não sabem/Não responderam	4	11

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

“Custos” são, também, o maior empecilho ao cumprimento das normas e leis ambientais (34%, empresas; 39%, empreendimentos complementares). Mas o desconhecimento das normas também é apresentado como motivo (30%, empresas; 21%, empreendimentos complementares). 27% das empresas e 19% das facções não vêem problema algum, o que deve significar que estão cumprindo as normas.



**Tabela 8.15**

**Polo-10: Motivos para o possível não cumprimento das normas ambientais**

Qual a principal dificuldade de cumprimento das normas ambientais	Empresas (%)	Empreendimentos complementares (%)
Nenhuma	27	19
Desconhecimento das normas	30	21
Custos	34	39
Falta de incentivo	-	-
Burocracia	-	-
Funcionários não cumprem as regras da empresa	-	-
Pouco tempo de vendas	-	-
Não sabem/Não responderam	9	20

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

Mais uma vez, os custos são o principal obstáculo ao cumprimento das normas (e leis) trabalhistas: 51% das empresas, 58% dos empreendimentos complementares. Os percentuais de quem alega desconhecimento (18% e 15%) são, também, altos. 23% das empresas e 12% dos empreendimentos complementares não acham que haja obstáculos, apesar de que o percentual das facções informais supera os 90%.

**Tabela 8.16**

**Polo-10: Motivos para o possível não cumprimento das normas trabalhistas**

Qual a principal dificuldade de cumprimento das normas trabalhistas	Empresas (%)	Empreendimentos complementares (%)
Nenhuma	23	12
Desconhecimento das normas	18	15
Custos	51	58
Falta de controlador	1	-
Burocracia	-	-
Funcionários não cumprem as regras da empresa	-	1
Pouco tempo de vendas	-	-
Concorrência fiscal	-	-
Não sabem/Não responderam	7	13

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

Como seria de esperar, os “custos” são o principal obstáculo apontado pelas empresas (64%) e pelos empreendimentos complementares (64%) ao cumprimento das normas tributárias. O desconhecimento delas também é uma causa destacada.

**Tabela 8.17**

**Polo-10: Motivos para o possível não cumprimento das normas tributárias**

Qual a principal dificuldade de cumprimento das normas tributárias	Empresas (%)	Empreendimentos complementares (%)
Nenhuma	12	9
Desconhecimento das normas	18	14
Custos	64	64
Pouco tempo de vendas	-	-
Não sabem/Não responderam	6	13

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

## 9. As relações comerciais: compras e vendas

### 9.1. Compras segundo a modalidade de pagamento

A frequência das compras à vista ou a prazo de materiais como tecidos e aviamentos; de equipamentos (por exemplo, máquinas de costura) e de bens de capital, como veículos e imóveis está mostrada na tabela seguinte.

**Tabela 9.1**

**Polo-10: Percentual médio de compras anuais de materiais e equipamentos pelas empresas e empreendimentos complementares, segundo a modalidade de pagamento à vista ou a prazo**

Materiais / Equipamentos	Percentual Empresas médio de compras (%)		Empreendimentos Complementares Percentual médio de compras (%)	
	À vista	A prazo	À vista	A prazo
Tecidos	49	51	73	27
Aviamentos	66	34	80	20
Equipamentos	54	46	62	38
Veículos	33	67	24	76
Imóveis	57	43	(*)	(*)

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

(\*) Menos de 2% do total dos entrevistados tinha feito essa operação

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

É interessante notar que, apesar de “nunca terem solicitado empréstimos” (é o caso da maioria absoluta, conforme será visto no próximo capítulo), as empresas e empreendimentos complementares têm, sim, acesso a alguma forma de crédito. Na compra de tecidos, por exemplo, 51% das empresas, 27% das confecções, compram a prazo; no caso de equipamentos, as proporções respectivas são 46% e 38%; de veículos, 67%, 76%.

## 9.2. Compras segundo a origem dos recursos

A tabela seguinte acrescenta uma informação importante: mesmo que percentagens significativas das empresas e empreendimentos complementares usem alguma forma de crédito, elas não identificam os bancos ou os fornecedores como fontes de recursos, exceto no caso da aquisição de veículos. A explicação provável é que, neste caso, o financiamento, além de ser feito em nome das pessoas físicas (e não das empresas, a maioria das quais não existe, legalmente), tem o problema da garantia resolvido pelo sistema de leasing dos automóveis.

**Tabela 9.2**

**Polo-10: Percentual médio das compras das empresas e empreendimentos complementares segundo a origem dos recursos**

Item comprado	Origem dos recursos	Empresas	Empreendimentos Complementares (Façções)
		Percentual médio de compras (%)	Percentual médio de compras (%)
Tecidos	Próprios	94	87
	Crédito bancário	-	1
	Crédito de fornecedor	6	12
Aviamentos	Próprios	95	96
	Crédito bancário	1	-
	Crédito de fornecedor	5	4
Equipamentos	Próprios	91	92
	Crédito bancário	4	6
	Crédito de fornecedor	6	2
Veículos	Próprios	59	50
	Crédito bancário	40	50
	Crédito de fornecedor	1	1
Imóveis	Próprios	78	(*)
	Crédito bancário	3	(*)
	Crédito de fornecedor	19	(*)

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

(\*) Menos de 2% do total dos entrevistados tinha feito essa operação

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

Tecidos são comprados com recursos próprios, aviamentos, idem; equipamentos, a mesma coisa. Somente aparecem recursos bancários significativos na compra de veículos. Mesmo os imóveis são comprados com recursos não bancários, aparecendo uma participação de 19% (nas empresas) de “créditos do fornecedor”. Neste caso, quando o financiamento é feito pela própria empresa construtora.

### 9.3. Compras segundo características dos fornecedores

As unidades produtivas, sejam empresas, sejam empreendimentos complementares, compram, quase sempre, de atacadistas em Pernambuco. Muitos destes estão instalados nas próprias cidades do Polo 10, especialmente, as três principais.

**Tabela 9.3**

**Polo-10: Percentual médio de compras das empresas e empreendimentos complementares por fornecedor**

	Tecidos	Aviamentos		Equipamentos	
	Empresas Percentual médio de compra por tipo de fornecedor (%)	Empresas Percentual médio de compra por tipo de fornecedor (%)	Empreendimentos Complementares Percentual médio de compra por tipo de fornecedor (%)	Empresas Percentual médio de compra por tipo de fornecedor (%)	Empreendimentos Complementares Percentual médio de compra por tipo de fornecedor (%)
Direto da fábrica em Pernambuco	3	2	3	3	10
Direto da fábrica fora do estado	5	3	-	2	-
Representantes	5	3	11	4	7
Atacadistas em Pernambuco	85	92	77	89	76
Atacadistas fora do estado	1	-	6	2	4
Outros	-	-	3	1	3
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

As compras de tecidos por fações existem apenas em um número muito pequeno de casos.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

#### 9.4. Compras segundo a periodicidade

As empresas compram tecido semanalmente (35% delas), quinzenalmente (25%) ou mensalmente (26%). Aviamentos são comprados, tanto por empresas quanto por empreendimentos complementares, numa base, predominantemente, semanal. Equipamentos são comprados, “quando se precisa” deles.

**Tabela 9.4**  
**Polo-10: Periodicidade das compras das empresas e empreendimentos complementares**

Periodicidade	Tecidos	Aviamentos		Equipamentos		
	Percentual das empresas que compram com a periodicidade especificada na linha (%)	Percentual das empresas que compram com a periodicidade especificada na linha (%)	Percentual dos empreendimentos complementares que compram com a periodicidade especificada na linha (%)	Periodicidade	Percentual das empresas que compram com a periodicidade especificada na linha (%)	% dos empreendimentos complementares que compram com a periodicidade especificada na linha (%)
Semanal	35	50	25	Anual	5	2
Quinzenal	25	25	12	Quando precisa	91	82
Mensal	26	17	9	Alugado	-	-
Bimestral	-	-	-	Semestral	-	-
Trimestral	--	-	-	Mensal	-	-
Diariamente	-	-	-	Não compra	-	14
Não compra	9	4	49	Não sabem/Não responderam	3	2
Não sabem/Não responderam	4	4	6	Total	100	100
Total	100	100	100			

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

As compras de tecidos por fações existem apenas em um número muito pequeno de casos.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

## 9.5. Comparação com 2002: Compras

A pesquisa de 2002 enfocou dois aspectos das compras: o local onde eram elas feitas e a sua periodicidade. Por larga margem, a maioria das compras (para o conjunto das unidades produtivas, 89% dos tecidos; 96% dos aviamentos; 93% dos equipamentos) era feita no “Distribuidor do Agreste”. Esta alternativa de resposta não foi incluída na pesquisa mais recente, sendo substituída por “Atacadistas em Pernambuco”. Entretanto, informações obtidas posteriormente levam a crer que, para a realidade específica do Polo, as duas categorias são uma só. Ou seja, que há dez anos, como agora, os “atacadistas em Pernambuco” relevantes para o Polo estavam e estão localizados no Agreste.

As percentagens respectivas de respostas “atacadistas em Pernambuco” para a pergunta sobre onde as empresas fazem suas compras de tecidos, aviamentos e equipamentos, hoje, são 85%, 92% e 89%. Uma importante conexão entre as atividades industrial e comercial, ambas convergindo para criar renda e ocupações produtivas na região, é revelada deste modo.

O segundo local importante onde fazer as compras, em 2002, era “direto na fábrica”, mas apenas para tecidos (7%). Em 2012, esta categoria foi desmembrada em “Direto da fábrica em Pernambuco” e “Direto da fábrica fora do estado”. No ano em curso, as empresas do Polo fazem 8% de suas compras de tecidos; 5% das de aviamentos; e 5% das de equipamentos “direto das fábricas”, sejam estas localizadas ou não em Pernambuco. Note-se que se trata do número de vezes em que uma compra é feita, não do valor delas. Os tecidos eram, em 2002, e ainda são, comprados, predominantemente, em intervalos de 30 dias. Os aviamentos, a cada semana; os equipamentos, sempre que necessário.<sup>48</sup>

As duas pesquisas não captaram diferenças notáveis nas práticas de compra das unidades produtivas do Polo do Agreste, em 2002 e em 2012.

## 9.6. Vendas, aspectos gerais: preços e modalidades

Treze por cento das empresas e 37% dos empreendimentos complementares fabricam (ou ajudam a fabricar) produtos cujo valor médio é inferior a R\$ 2. Se o limite de preço for elevado para “até R\$ 4”, as proporções respectivas ficam sendo 44% e 58%. No outro extremo, (“acima de R\$ 14 por peça”), só há 17% das empresas e zero empreendimento complementar. Mais uma evidência de que o Polo é constituído, em sua maior parte, por empresas cujo público-alvo são as classes de renda baixa, exatamente aquelas que estão em ascensão, tanto em termos de número quanto de rendimentos médios.

---

<sup>48</sup> Os quadros relevantes, no *Estudo de Caracterização* de 2002, são, para os locais, os de números 5.26, 5.27 e 5.28, todos à pág. 44; para a periodicidade, os de números 5.29, 5.30 e 5.31, à pág. 45..

**Tabela 9.5**

**Polo-10: Preço médio de venda de uma peça nas empresas e empreendimentos complementares**

Faixas de preços médios	(%) das empresas cujo preço médio de venda de seus produtos está na faixa indicada na linha	(%) dos empreendimentos complementares cujo preço médio de venda de seus produtos está na faixa indicada na linha
Até 2 Reais	13	37
Mais de 2 a 4 Reais	11	21
Mais de 4 a 6 Reais	22	2
Mais de 6 a 8 Reais	12	2
Mais de 8 a 10 Reais	10	-
Mais de 10 a 12 Reais	3	-
Mais de 12 a 14 Reais	4	-
Acima de 14 Reais	17	-
Não sabem/Não responderam	8	38
Total	100	100

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

Quase todos (90%) vendem o que produzem, mas 44% têm os produtos vendidos por terceiros (ou *também* vendidos por terceiros.)

**Tabela 9.6**

**Polo-10: O que vende a empresa?**

	%
Vende o que produz	90
Vende produtos de terceiros	14
Seus produtos são vendidos por terceiros	44
Não sabem / não responderam	

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

Em 63% dos casos, os produtos são vendidos para pronta entrega; em 37%, são fabricados após a empresa receber o respectivo pedido.



**Tabela 9.7**  
**Polo-10: Formas de venda das empresas**

Forma de venda	Percentual médio (%)
Pedido	37
Pronta entrega	63
Total	100,00

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.  
PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
Fonte: SEBRAE-PE

## 9.7. Canais de vendas: mercados e outros aspectos

Sacoleiras, feirantes e atacadistas são os principais canais de venda dos produtos das empresas. Um detalhe importante: exportação zero.

**Tabela 9.8**  
**Polo-10: Canais de venda dos produtos das empresas (Vendas totais, percentual médio por canal) (I)**

Canal de vendas	Percentual das vendas das empresas no canal indicado na linha
Redes especializadas (do tipo C&A, Renner, Marisa, Branner, Tok-Final)	-
Lojas especializadas (que não fazem parte de uma rede)	11
Lojas de departamentos ou Hipermercados (Jurandir Pires, Ferreira Costa, Carrefour)	-
Atacadista (Clientes que lhe compram para revender a lojistas)	14
Sacoleiras	26
Feirantes (Para terceiros - feirantes tradicionais de rua)	42
Institucional	1
Consumidor final	5
Exportação (Mercado internacional)	-
Outros	1
Total	100

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.  
PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
Fonte: SEBRAE-PE

Visto pelo ângulo dos locais de venda, destacam-se as feiras (portanto, também os centros de comercialização: Moda Center em Santa Cruz do Capibaribe; e Polo de Caruaru; Parque das Feiras, em Toritama) nas três principais cidades produtoras.

**Tabela 9.9**

**Polo-10: Locais de venda dos produtos das empresas (Vendas totais, percentual médio por local)**

Local de vendas	Percentual das vendas das empresas no canal indicado na linha
Loja própria - no seu município	4
Loja própria - outros municípios	2
Loja própria - outros estados	5
Feira de Caruaru	21
Feira de Toritama	19
Feira de Santa Cruz do Capibaribe	36
Direto da fábrica	3
Em consignação	1
Vendedor autônomo	2
Representante	5
Outros	1
Total	100

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados. Unidades produtivas = empresas + empreendimentos complementares.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

A maior parte das empresas (63%) vende seu produto em Pernambuco. Outros estados para onde há vendas incluem Bahia (30%), Paraíba (21%) e Minas Gerais (13% das empresas).

**Tabela 9.10**

**Polo-10: Estados para os quais as empresas vendem e percentual das empresas que vendem para estes estados**

Estado / UF	Número de empresas	% do total das empresas	Estado / UF	Número de empresas	% do total das empresas
AM	334	3	SE	267	2
PA	705	7	BA	3.213	30
MA	1.136	11	MG	1.378	13
PI	274	3	ES	166	2
CE	770	7	RJ	516	5
RN	368	3	SP	694	6
PB	2.265	21	RS	245	2
PE	6.716	63	MT	270	3
AL	1.067	10	GO	371	3

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.

A soma ultrapassa 100% porque muitas empresas declararam vender em mais de um estado.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

## 9.8. Comparação com 2002: Vendas

Porque as perguntas feitas sobre vendas foram diferentes, os resultados da pesquisa de 2002 não são facilmente comparáveis aos agora obtidos. Os principais pontos de venda, dez anos atrás eram, como ainda são, as feiras (agora estendidas, em Santa Cruz do Capibaribe e, parcialmente, Caruaru e Toritama, aos centros de comercialização) dos três municípios mais importantes do Polo.

## 9.9. Modernização truncada, II

A venda foi uma das atividades da produção *latu sensu* de confecções que mais evoluíram, desde a realização da pesquisa de 2002. Hoje ela tem dois componentes modernos, já incorporados à infraestrutura e às práticas do Polo. São os centros de comercialização, o mais importante dos quais é o Moda Center de Santa Cruz do Capibaribe, e as Rodadas de Negócios, oportunidades em que se põem em contato os produtores de confecções do Agreste e seus potenciais compradores de várias partes do Brasil e do mundo.

No caso dos centros de comercialização, persistem alguns problemas, o que sinaliza uma modernização truncada. Das Rodadas de Negócios não se pode dizer o mesmo: elas são amplamente valorizadas pelos empresários do Polo e dão a impressão de se tornar a cada edição mais importantes para a captação de novos mercados e a fixação dos já alcançados pelos produtores de confecções de Pernambuco.

### 9.9.1. OS CENTROS DE COMERCIALIZAÇÃO

No que tange aos centros de comercialização, o Moda Center de Santa Cruz do Capibaribe é o melhor exemplo da modernização – infelizmente, nas demais cidades-líderes do Polo de Confecções, uma modernização truncada. Construído e administrado na modalidade de condomínio de empresários privados (a ajuda da prefeitura teria se limitado à cessão do terreno), o shopping de Santa Cruz do Capibaribe recebeu avaliação positiva de todos os participantes dos grupos focais e das pessoas entrevistadas na fase qualitativa da pesquisa.



(A) Inaugurado em 2006, o Moda Center de Santa Cruz do Capibaribe recebeu alta valorização positiva de todos os empresários do município ouvidos nas entrevistas e em grupos focais



(B) Em semanas normais, o Moda Center é visitado por 30 mil pessoas, em média. Este número triplica nos períodos de alta estação

Créditos das fotos: (A) <http://trialx.com/ii/2011/07/31/pictures-and-other-geographical-data-about-santa-cruz-do-capibaribe-brazil/>

(B) [http://blogdacdlscc.blogspot.com.br/2010/12/moda-center-santa-cruz-recebe-um-grande\\_07.html](http://blogdacdlscc.blogspot.com.br/2010/12/moda-center-santa-cruz-recebe-um-grande_07.html)



O Pólo Comercial de Caruaru está localizado no km 62 da BR-104. Tem 64 mil m<sup>2</sup> de área coberta, onde se instalam lojas, boxes, quiosques e grandes empreendimentos. São 3 mil vagas de estacionamento. O setor de lojas possui mais de 580 operações, sendo 87% destas voltadas para vestuário. Há, também, restaurantes, lanchonetes, padaria, lojas de vários produtos, um posto avançado do Detran e instituições de ensino superior.



A Feira da Sulanca, em Caruaru, reúne mais de 10.000 barracas de roupas, calçados e complementos de segunda mão. Recebe uma média de 60 mil pessoas por semana, movimentando aproximadamente R\$ 30 milhões. "Esse número de feirantes sobe até para 100 mil em meses de pico como junho, novembro e dezembro", destaca o secretário de Gestão de Serviços Urbanos de Caruaru, André Alexei.



O Parque das Feiras, em Toritama, é uma grande feira coberta onde os confeccionistas expõem seus produtos para milhares de compradores, mas, como se vê na foto, a feira extrapola o galpão coberto e se prolonga pelas ruas. O parque é um complexo de nove hectares que comporta mais de 700 boxes / lojas, possui praça de alimentação e estacionamento para mais de 2 mil veículos e está localizado na BR-104 (km 30). Foi inaugurado em setembro de 2001.

Em Toritama, apesar do seu pioneirismo (o Parque das Feiras foi inaugurado em 2001), a estrutura coberta já não é suficiente para abrigar os vendedores de confecções, que se amontoam pelas ruas próximas.

## 9.9.2. AS RODADAS DE NEGÓCIOS

A Rodada de Negócios da Moda Pernambucana, que teve sua 14ª edição realizada em agosto de 2012, é um evento da Associação Comercial e Empresarial de Caruaru (ACIC), em parceria com o Sebrae-PE e a Agência de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco (AD-Diper, órgão do governo estadual). Apóiam a iniciativa as associações empresariais de Santa Cruz do Capibaribe, Toritama, Surubim, entre outras, além do Sindinvest, Senac e a Prefeitura de Caruaru.

De acordo com as informações oficiais, há 14 edições (mais de uma por ano; em 2012, foram duas), a Rodada de Negócios da Moda Pernambucana reúne lojistas e consumidores de todo o Brasil – em especial da Bahia, Ceará, Piauí, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nessas ocasiões, as centenas de empresas expositoras, sediadas em Caruaru e demais municípios do Agreste, apresentam suas criações em moda feminina, infantil, íntima, jeans, masculina, praia, fitness, surf e streetwear durante os dias de realização do evento.

Na última edição, estiveram presentes 406 empresas compradoras nacionais, além dos compradores internacionais de três países (Angola, Cabo Verde e Panamá), que fizeram negócios avaliados em mais de R\$ 20 milhões. O evento recebeu 1.428 visitantes, que puderam negociar com 120 empresas de Caruaru, Toritama, Santa Cruz do Capibaribe e Surubim.<sup>49</sup>

## 10. Crédito: utilização de recursos de terceiros

Uma percentagem pequena das empresas e ainda menor dos empreendimentos complementares utiliza o crédito bancário, seja para financiar o capital de giro ou novos investimentos em máquinas e equipamentos. Formas de crédito não-bancário – por exemplo, parcelamento das compras diretamente com os fornecedores – são mais comuns.

### 10.1. Crédito bancário

Somando os “não” aos “não sabem / não responderam”, 82% das empresas e 90% das facções não pediram empréstimos de qualquer natureza nos últimos cinco anos. Como a maioria delas não tem cinco anos de existência, segue-se que nunca pediram empréstimo.

---

<sup>49</sup> O texto dos dois últimos parágrafos foi adaptado de <http://www.rodadamodape.com/o-evento/> e <http://www.rodadamodape.com/14%C2%B0-edicao/>

**Tabela 10.1**

**Polo-10: Ocorrência de solicitação de empréstimo pelas empresas e empreendimentos complementares nos últimos cinco anos**

Solicitou empréstimo nos últimos cinco anos?	Empresas (%)	Empreendimentos Complementares (%)
Sim, a banco	17	9
Sim, a terceiros	1	-
Sim, a bancos e terceiros	-	-
Não	72	80
Não sabem / Não responderam	10	10
Total	100	100

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: SEBRAE-PE

À pergunta: “as linhas de crédito existentes nas instituições financeiras atendem suas necessidades?”, (tabela abaixo) 39% das empresas e o mesmo percentual das facções dizem que sim, as linhas de crédito atendem as necessidades. Das duas uma, ou não têm necessidade, ou lhes falta conhecimento. Igual percentual das empresas, e 49% dos empreendimentos complementares não sabem ou não responderam (provavelmente, porque não sabem).<sup>50</sup>

**Tabela 10.2**

**Polo-10: Avaliação dos responsáveis pelas unidades produtivas da adequação ou não das linhas de créditos existentes**

	Empresas (%)	Empreendimentos Complementares (%)
Sim, as linhas de crédito existentes são adequadas	39	39
Não, as linhas de crédito existentes não são adequadas	19	11
Em parte: as linhas de crédito existentes são adequadas, em parte	2	1
Não sabem / Não responderam	39	49
Total	100	100

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: SEBRAE-PE

## 10.2. Crédito não-bancário

Embora não recorram a bancos, as empresas e empreendimentos complementares têm, sim, acesso a alguma forma de crédito, por exemplo, na compra de tecidos, aviamentos e equipamentos, conforme foi visto no capítulo anterior.

<sup>50</sup> Uma parcela muito pequena das unidades produtivas respondeu à pergunta seguinte, sobre as razões pelas quais as linhas de crédito eram inadequadas. A resposta de maior frequência, entre esses poucos respondentes foi “não sabem / não responderam”.

### 10.3. Comparação com 2002: Crédito

Também em 2002, “o pedido de empréstimo, seja a banco ou a terceiros, não [era] comum entre os empresários” do Polo de Confecções. Menos de 20% deles tinham contraído empréstimos, nos dois anos anteriores a 2002, um resultado muito próximo do obtido na pesquisa mais recente. De forma semelhante, já havia, dez anos atrás, significativa utilização de crédito nas compras de tecidos, aviamentos e equipamentos.<sup>51</sup>

### 10.4. Funcionalidades precárias, VI: Há crédito, mas não há crédito

Os empresários participantes dos grupos focais, todos de porte médio, formais, declararam utilizar regularmente o crédito bancário (“dinheiro existe, não é problema”), especialmente, do Banco do Brasil e da Caixa Econômica. Eles reconhecem que as taxas cobradas pelo Banco do Nordeste são melhores, mas dizem que as exigências de documentação feitas por este banco são demasiadas, inviabilizando, na prática, a tomada de empréstimos.

Se o dinheiro existe, a explicação mais provável para que a maioria das unidades produtivas do Polo nunca recorra aos é sua incapacidade de atender aos requerimentos legais mínimos para efetuar essas operações. Falta-lhes, para começo de conversa, o próprio CNPJ. Desta forma, a não utilização do crédito bancário por parte da quase totalidade das unidades produtoras de confecções no Agreste é mais uma consequência de sua informalidade.

Também por esse ângulo, portanto, se observa que a informalidade é funcional, por reduzir custos, mas, ao mesmo tempo, é disfuncional, por impedir o acesso das empresas ao crédito bancário. Sem crédito, elas ficam mais vulneráveis a oscilações de mercado, além de ter sua capacidade de crescimento severamente limitada. São as funcionalidades precárias.

## 11. Como os empresários vêem o polo e seu ambiente institucional

Várias perguntas foram feitas solicitando que os empresários avaliassem aspectos ligados à qualidade da mão de obra disponível. As respostas com relação à mão de obra tendem a se distribuir, majoritariamente, em “regular” e “boa”.

Adverte-se que as tabelas deste capítulo devem ser lidas com cuidado, pois o número de respostas obtidas foi, tipicamente, muito baixo (é por isso que este número, para cada pergunta, está exposto nas

---

<sup>51</sup> Estudo de Caracterização, págs. 55 e 56.



tabelas), de modo que a maioria dos resultados não tem precisão, nem mesmo no sentido estatístico da palavra. Mas tem interesse, de qualquer modo, cabendo, apenas, guardar cautela para não lhe atribuir significação indevida.<sup>52</sup>

### 11.1. Adequação dos trabalhadores

Com a ressalva feita acima, o fato notável é registrar é que praticamente em todos os casos, tanto no caso das empresas quanto dos empreendimentos complementares, os empresários ou responsáveis declararam estar muito satisfeitos com a mão de obra, que seria boa ou ótima. É um resultado que contrasta fortemente com o que foi ouvido, de forma predominante, nas entrevistas qualitativas e nos grupos focais onde, ao contrário, houve muitas reclamações quanto à qualidade da mão de obra.

---

<sup>52</sup> Deve ser lembrado que o “número absoluto” de empresas ou de empreendimentos complementares não corresponde ao número de questionários respondidos, mas sim a esse número expandido para o universo, conforme Nota Metodológica inserida em nota de rodapé ao Capítulo 4

**Tabela 11.1**

**Polo-10: Qualidade da mão de obra técnica e não técnica, segundo os responsáveis pelas empresas e empreendimentos complementares, por área de atividade (Continua)**

		Empresas		Empreendimentos Complementares (Façções)	
		(Número Absoluto)	(%)	(Número Absoluto)	(%)
Criação	Ótimo	512	43	12	22
	Bom	458	38	33	60
	Regular	47	4	7	13
	Ruim	3	-	-	-
	Não sabem/Não responderam	175	15	3	5
Produção	Ótimo	2.722	29	1.109	15
	Bom	4.988	54	5.354	71
	Regular	844	9	549	7
	Ruim e péssimo	22	-	97	1
	Não sabem/Não responderam	657	7	478	6
Beneficiamento	Ótimo	73	7	27	10
	Bom	826	83	239	87
	Regular	80	8	-	-
	Não sabem/Não responderam	19	2	7	3
Manutenção	Ótimo	57	19	4	1
	Bom	231	76	176	64
	Regular	8	2	12	4
	Não sabem/Não responderam	10	3	85	31
Administração	Ótimo	695	29	319	13
	Bom	971	40	1.688	67
	Regular	12	1	21	1
	Não sabem/Não responderam	739	31	487	19
Vendas	Ótimo	196	19	3	7
	Bom	646	62	15	39
	Regular	11	1	-	-
	Não sabem/Não responderam	188	18	21	54
Estagiário	Bom	25	74	4	100
	Não sabem/Não responderam	9	26	-	-

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: SEBRAE-PE

## 11.2. Adequação das circunstâncias externas: água, energia, segurança e outras

A mesma ressalva feita na seção anterior vale para as oito partes da Tabela 11.2. Elas devem ser lidas com cuidado, pois o número de respostas obtidas foi, em alguns casos, baixo, de modo que a maioria dos resultados não tem rigor estatístico.

**Tabela 11.2 (Primeira Parte)**

**Polo-10: Qualidade de circunstâncias que influenciam a produção, segundo os responsáveis pelas empresas e empreendimentos complementares, por área de atividade (Continua)**

		Empresas		Empreendimentos Complementares (Facções)	
		(Número Absoluto)	(%)	(Número Absoluto)	(%)
Abastecimento de água	Péssimo	1.008	9	288	4
	Ruim	820	8	298	4
	Regular	2.097	20	1.560	19
	Bom	5.290	49	5.213	65
	Ótimo	1.384	13	557	7
	Não sabem/Não responderam	144	1	144	2
Acesso aos mercados	Péssimo	389	4	182	2
	Ruim	137	1	262	3
	Regular	3.257	30	1.824	23
	Bom	6.495	60	4.644	58
	Ótimo	368	3	450	6
	Não sabem/Não responderam	98	1	698	9

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: SEBRAE-PE

Treze por cento das empresas (7% dos empreendimentos complementares) responderam que o abastecimento de água é ótimo. Como os questionários foram aplicados entre junho e agosto, a pior fase da seca (outubro e novembro) ainda não tinha acontecido. A notícia mais recente de Santa Cruz do Capibaribe dá conta de estar o abastecimento de água na cidade sujeito a forte racionamento.

O acesso a mercados foi considerado regular e bom por, aproximadamente, 90% dos empresários e responsáveis pelas unidades produtivas entrevistados.

Num exercício de autoavaliação, a gestão dos negócios foi considerada regular e boa por 78% dos respondentes (empresas) e 71% dos empreendimentos complementares.

**Tabela 11.2 (Segunda Parte)**

**Polo-10: Qualidade de circunstâncias que influenciam a produção, segundo os responsáveis pelas empresas e empreendimentos complementares, por área de atividade (Continua)**

		Empresas		Empreendimentos Complementares (Fações)	
		(Número Absoluto)	(%)	(Número Absoluto)	(%)
Gestão do negócio	Péssimo	580	5	213	3
	Ruim	714	7	497	6
	Regular	3.881	36	2.631	33
	Bom	4.564	42	3.087	38
	Ótimo	180	2	357	4
	Não sabem/Não responderam	825	8	1.275	16
Carga fiscal	Péssimo	2.444	23	341	4
	Ruim	2.037	19	917	11
	Regular	2.910	27	2.800	35
	Bom	2.480	23	1.465	18
	Ótimo	42	-	326	4
	Não sabem/Não responderam	830	8	2.211	27

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: SEBRAE-PE

Uma parte significativa (42%) das empresas acha a carga fiscal ruim e péssima, mais que os empreendimentos complementares.

Tabela 11.2 (Terceira Parte)

Polo-10: Qualidade de circunstâncias que influenciam a produção, segundo os responsáveis pelas empresas e empreendimentos complementares, por área de atividade (Continua)

		Empresas		Empreendimentos Complementares (Facções)	
		(Número Absoluto)	(%)	(Número Absoluto)	(%)
Energia	Péssimo	935	9	202	3
	Ruim	629	6	536	7
	Regular	2.401	22	2.119	26
	Bom	5.572	52	4.711	58
	Ótimo	1.168	11	455	6
	Não sabem/Não responderam	38	-	36	-
Estacionamento para compradores	Péssimo	1.421	13	489	6
	Ruim	1.174	11	592	7
	Regular	2.469	23	2.183	27
	Bom	4.453	41	2.278	28
	Ótimo	492	5	336	4
	Não sabem/Não responderam	734	7	2.180	27

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: SEBRAE-PE

O fornecimento de energia é bom e ótimo para 63% das empresas (64% das facções); a disponibilidade de estacionamento para compradores é considerada, predominantemente, regular e boa.

**Tabela 11.2 (Quarta Parte)**

**Polo-10: Qualidade de circunstâncias que influenciam a produção, segundo os responsáveis pelas empresas e empreendimentos complementares, por área de atividade (Continua)**

		Empresas		Empreendimentos Complementares (Facções)	
		(Número Absoluto)	(%)	(Número Absoluto)	(%)
Estradas e rodovias	Péssimo	2.860	27	1.269	16
	Ruim	2.347	22	1.773	22
	Regular	2.916	27	2.819	35
	Bom	2.359	22	2.045	25
	Ótimo	129	1	57	1
	Não sabem/Não responderam	133	1	96	1
Acesso a informação de moda	Péssimo	1.025	10	434	5
	Ruim	888	8	629	8
	Regular	2.924	27	2.089	26
	Bom	4.642	43	3.418	42
	Ótimo	143	1	175	2
	Não sabem/Não responderam	1.121	10	1.315	16

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: SEBRAE-PE

Percentagens relativamente altas de empresas e empreendimentos complementares acham ruins e péssimas as estradas e rodovias; o acesso às informações da moda está entre regular e boa para a vasta maioria dos empresários e responsáveis, nos dois tipos de unidades produtivas.

**Tabela 11.2 (Quinta Parte)**

**Polo-10: Qualidade de circunstâncias que influenciam a produção, segundo os responsáveis pelas empresas e empreendimentos complementares, por área de atividade (Continua)**

		Empresas		Empreendimentos Complementares (Fações)	
		(Número Absoluto)	(%)	(Número Absoluto)	(%)
Acesso a novas tecnologias	Péssimo	1.068	10	270	3
	Ruim	1.426	13	892	11
	Regular	3.104	29	2.332	29
	Bom	3.828	36	3.384	42
	Ótimo	75	1	267	3
	Não sabem/Não responderam	1.242	12	915	11
Serviços de comunicação (internet)	Péssimo	858	8	204	3
	Ruim	1.218	11	604	7
	Regular	3.077	29	2.505	31
	Bom	3.863	36	3.108	39
	Ótimo	314	3	527	7
	Não sabem/Não responderam	1.412	13	1112	14

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: SEBRAE-PE

Sempre a predominância do regular e bom, no caso da tabela acima, para o acesso a novas tecnologias e os serviços de comunicação, com destaque para a internet.

**Tabela 11.2 (Sexta Parte)**

**Polo-10: Qualidade de circunstâncias que influenciam a produção, segundo os responsáveis pelas empresas e empreendimentos complementares, por área de atividade (Continua)**

		Empresas		Empreendimentos Complementares (Fações)	
		(Número Absoluto)	(%)	(Número Absoluto)	(%)
Acesso a matéria prima	Péssimo	618	6	65	1
	Ruim	310	3	261	3
	Regular	2.704	25	1.841	23
	Bom	6.339	59	5.008	62
	Ótimo	711	7	472	6
	Não sabem/Não responderam	61	1	412	5
Qualificação de mão-de-obra	Péssimo	757	7	304	4
	Ruim	1.125	10	938	12
	Regular	3.452	32	2.294	28
	Bom	4.947	46	3.983	49
	Ótimo	262	2	370	5
	Não sabem/Não responderam	200	2	171	2

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: SEBRAE-PE

Ratificando os resultados mostrados na seção anterior, a qualificação da mão-de-obra é avaliada como regular e boa. O mesmo em relação ao acesso a matéria prima.

**Tabela 11.2 (Sétima Parte)**

**Polo-10: Qualidade de circunstâncias que influenciam a produção, segundo os responsáveis pelas empresas e empreendimentos complementares, por área de atividade (Continua)**

		Empresas		Empreendimentos Complementares (Fações)	
		(Número Absoluto)	(%)	(Número Absoluto)	(%)
Questões ambientais	Péssimo	1.325	12	477	6
	Ruim	567	5	580	7
	Regular	3.468	32	2.215	27
	Bom	3.990	37	2.536	31
	Ótimo	149	1	123	2
	Não sabem/Não responderam	1.245	12	2.129	26
Destino do resíduo sólido na indústria	Péssimo	1.925	18	638	8
	Ruim	1.496	14	933	12
	Regular	2.324	22	1527	19
	Bom	3.055	28	2.634	33
	Ótimo	197	2	222	3
	Não sabem/ Não responderam	1.746	16	2.105	26

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: SEBRAE-PE

Regular e bom também predominam nas avaliações da questão ambiental e, em particular, do destino dos resíduos sólidos.

**Tabela 11.2 (Oitava Parte)**

**Polo-10: Qualidade de circunstâncias que influenciam a produção, segundo os responsáveis pelas empresas e empreendimentos complementares, por área de atividade (Conclusão)**

		Empresas		Empreendimentos Complementares (Fações)	
		(Número Absoluto)	(%)	(Número Absoluto)	(%)
Segurança na cidade e nas estradas	Péssimo	2.836	26	1.483	18
	Ruim	2.885	27	1.766	22
	Regular	2.176	20	1.515	19
	Bom	2.378	22	2.462	31
	Ótimo	62	1	248	3
	Não sabem/Não responderam	406	4	585	7

Polo 10: Conjunto formado pelos dez municípios pesquisados.  
 PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: SEBRAE-PE

A segurança na cidade e nas estradas, entretanto, é tida como péssima e ruim por 53% das empresas e 40% dos empreendimentos complementares. Não é ótima, praticamente, para ninguém.



## 12. Competitividade do polo de confecções

Quando perguntados sobre os pontos fortes do Polo de Confecções – explicativos, em última instância, de sua demonstrada competitividade– os empresários, nem todos, nem sempre, mas com frequência, colocam o “preço baixo” dos seus produtos em primeiro lugar. É outra forma de dizer que o grande mercado das confecções produzidas em Caruaru, Toritama, Santa Cruz do Capibaribe e demais cidades pesquisadas tem sido a população de baixa renda. Cada vez mais, em todo o Brasil.

Existe, hoje, muita diversidade na região, de modo que ali se encontram confeccionistas que adotaram a estratégia de melhorar a qualidade das peças produzidas (com o inevitável aumento de preços), procurando compradores que valorizam isso e podem pagar o custo adicional. Mas a vasta maioria dos fabricos e facções do Agreste pernambucano ainda vende seus produtos para as classes de menor renda.

Uma vez reconhecido isso, é fácil ver que os principais condicionantes macroeconômicos do sucesso do Polo de Confecções do Agreste Pernambucano, nos últimos vinte anos, foram os seguintes:

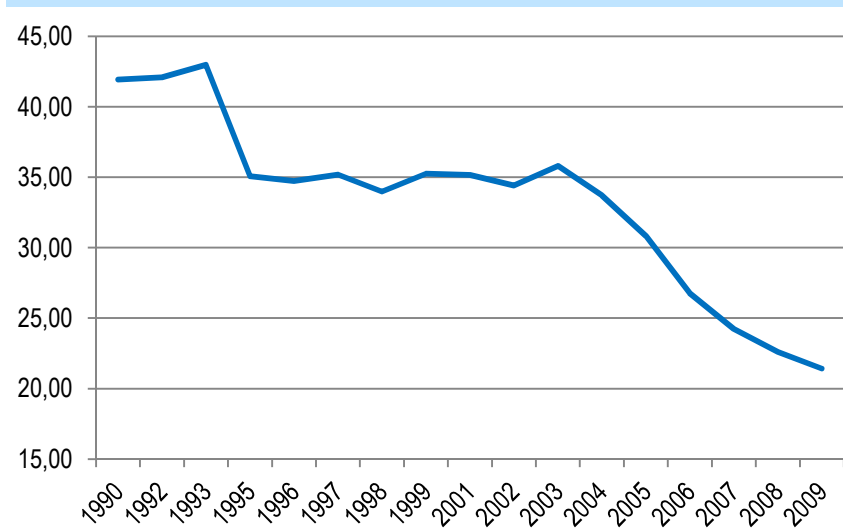
- a) **A participação dos pobres na população total caiu drasticamente**, passando de 42% em 1990 para 21% em 2009. Houve um declínio abrupto, em 1994, um período de estabilidade, de 1995 a 2002, seguido por uma contínua queda ainda em processo nos dias de hoje. Isso quer dizer que a renda real – ou seja, o poder de compra – das pessoas que menos ganham no Brasil vem subindo continuamente, nos últimos 18 anos, a ponto de fazer com que uma parcela significativa delas ultrapassasse o limite de renda que as definia como “pobres”.<sup>53</sup>
- b) **A renda média mensal dos pobres cresceu**, no mesmo período (de R\$ 97,78, em 1990, para R\$ 111,42, em 2009), significando que mesmo aqueles que não conseguiram emergir da linha de pobreza passaram a ganhar, em média, um pouco mais.<sup>54</sup>

---

<sup>53</sup> Definição da variável, em citação literal do Ipea / Ipeadata: **Pobreza (Taxa de Pobreza)** é o percentual de pessoas na população total com renda domiciliar per capita inferior à linha de pobreza. A linha de pobreza aqui considerada é o dobro da linha de extrema pobreza, uma estimativa do valor de uma cesta de alimentos com o mínimo de calorias necessárias para suprir adequadamente uma pessoa, com base em recomendações da FAO e da OMS. São estimados diferentes valores para 24 regiões do país. Série calculada a partir das respostas à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE).

<sup>54</sup> Em valores de 2009. Definição da variável, em citação literal do Ipea / Ipeadata: **Renda domiciliar per capita / média dos pobres** (em R\$ de out/2009) é a razão entre o somatório da renda per capita de todos os indivíduos considerados pobres e o número total desses indivíduos. A linha de pobreza aqui considerada é o dobro da linha de extrema pobreza, uma estimativa do valor de uma cesta de alimentos com o mínimo de calorias necessárias para suprir adequadamente uma pessoa, com base em recomendações da FAO e da OMS. São estimados diferentes valores para 24 regiões do país. Série calculada a partir das respostas à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE).

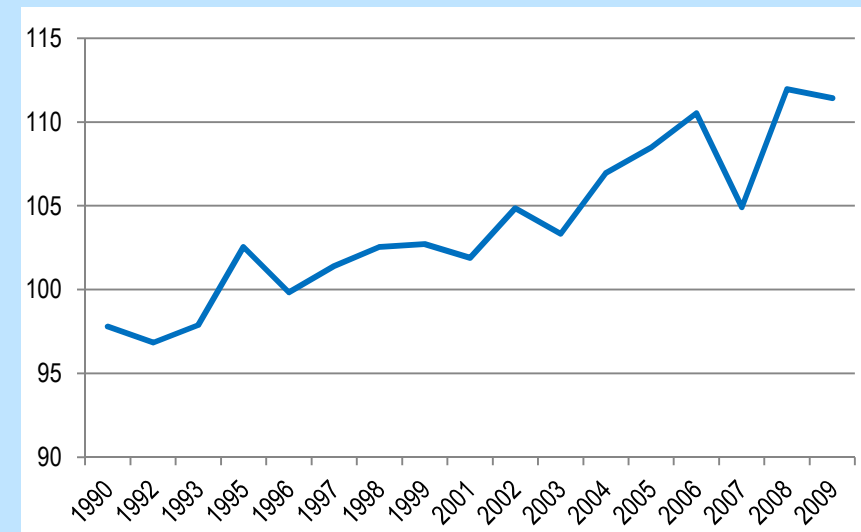
**Figura 12.1**  
**Brasil: Percentagem de pobres na população total, 1990/2009 (%)**



PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: IBGE / Elaboração Ipea, Ipeadata

Como consequência do aumento da renda das pessoas de renda mais baixa, a percentagem de pobres na população total do Brasil caiu pela metade, de 1990 a 2009. Este é o último dado disponível, mas evidências de outras fontes sugerem que o processo continua em marcha.

**Figura 12.2**  
**Brasil: Renda média mensal dos pobres, 1990/2009 (R\$ de 2009)**



PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: IBGE / Elaboração Ipea, Ipeadata

Mesmo os que, tecnicamente, não saíram da pobreza ficaram "menos pobres". A renda média dos que permaneceram pobres também cresceu bastante, no mesmo período de 1990 a 2009. Muitas dessas pessoas entraram no mercado pela primeira vez, entre outras coisas, para comprar roupas fabricadas no Polo do Agreste.

Deve ser reconhecido que esses fatores macroeconômicos não beneficiaram apenas os produtores de confecções de Caruaru, Toritama, Santa Cruz do Capibaribe e cidades vizinhas. Eles atuaram em todo o território nacional. Mas em muito poucos lugares foram tão bem aproveitados quanto nas cidades que compõem o Polo de Confecções do Agreste pernambucano.

## 12.1. Pontos fortes e pontos fracos<sup>55</sup>

Em sua avaliação geral das condições de funcionamento da indústria de confecções do Agreste, os empresários enfatizaram os seguintes pontos fortes e fracos, nas entrevistas em profundidade e grupos focais. (A ordem em que os fatores estão listados não corresponde à sua frequência relativa, mas a uma tentativa de aproximar as temáticas semelhantes.)

### 12.1.1. PONTOS FORTES

1. Preço baixo do produto
2. Baixo custo da mão de obra
3. Capacidade empreendedora
4. Adaptabilidade à mudança
5. “Pessoas bravas, guerreiras”
6. Formas de negociar adotadas
7. Capacidade produtiva das pessoas e máquinas
8. Localização do Polo
9. Radiação do Polo
10. Alta concentração de empresas em pequeno espaço.

Os itens 1 e 2 estão, obviamente, relacionados. Em grande medida, é o “baixo custo da mão de obra” que viabiliza o “preço baixo do produto”. Mas convém assinalar as variações em andamento: a escassez da mão de obra (citada adiante como um ponto fraco), por exemplo, tem se traduzido em algum ganho salarial, especialmente, para os trabalhadores especializados. “Um mecânico bom ganha R\$ 15 mil por mês. Minha estilista ganhava R\$ 2 mil [por mês] para dar meio expediente por semana; saiu porque arranhou outro lugar que lhe paga mais”, disse um dono de confecção de Surubim. Além disso, uma parte importante do baixo custo da mão de obra se deve à informalidade e há um sentimento geral (entre os empresários formalizados) de que isso deve acabar.<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> Esta seção e a seguinte se baseiam nas entrevistas em profundidade, nos testemunhos dados nos grupos focais, e em conversas informais do redator com empresários de confecções sediados nas principais cidades do Polo. As entrevistas foram feitas nos dias 17 e 18 de abril de 2012 em Surubim, Toritama, Santa Cruz do Capibaribe e Caruaru. Os grupos focais ocorreram nos dias 6 e 7 de novembro do mesmo ano, nas duas últimas cidades citadas acima. Conversas informais ocorreram ao longo de todo o processo de elaboração da pesquisa de campo e de redação do relatório, ou seja, entre os meses de junho e novembro. Apesar da itemização nesta e na próxima seções (pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças) lembrar a Análise SWOT, nenhum dos rituais prescritos pelos adeptos desta metodologia foi seguido. Qualquer semelhança, portanto, é mera coincidência.

<sup>56</sup> Entrevista em Surubim, 17/4/2012.

A “capacidade empreendedora”, por seu turno, tem a ver com a “adaptabilidade à mudança”, citada por um dos empresários ouvidos. Ele se referia aos rearranjos que o Polo já experimentou, quando teve de reagir a pressões. Em 2005, por exemplo, houve uma série de ações patrocinadas pelo Ministério Público estadual contra as lavanderias poluidoras de Toritama.

Não é um ponto incontroverso, mas a reação das lavanderias de Toritama exemplifica a alegada adaptabilidade à mudança. As “formas de negociar”, supostamente, novas e em constante mudança seriam outro aspecto da mais geral “adaptabilidade à mudança”.<sup>57</sup>

A expressão “pessoas bravas, guerreiras” foi pronunciada por uma empresária em um grupo focal de Santa Cruz do Capibaribe e ela explicou o que tinha em mente: “as pessoas vão atrás das coisas; mal o dia amanhece elas já estão cuidando de seus negócios”. Não foi possível determinar se essa avaliação positiva se estende aos trabalhadores ou se vale apenas para os donos de negócio.

Por “capacidade produtiva das pessoas e máquinas” existentes no Polo, a pessoa que emitiu esta opinião tinha em mente que, em muitos anos de funcionamento da atividade confeccionista, uma mão de obra treinada (no serviço) tinha, afinal, se formado na região, diferenciando-a de outras. A correspondência disso na acumulação de máquinas também conta a favor.

Finalmente, as três últimas características citadas como pontos fortes (“localização”, perto de cidades como Recife e João Pessoa; a “radiação” do Polo, entendida como a extensão da atividade confeccionista para outras cidades, a partir do núcleo original; e a “alta concentração de empresas em pequeno espaço”) estão, todas, bem alicerçadas na experiência e na teoria econômica.

---

<sup>57</sup> “Em Toritama, Pernambuco, as águas do Rio Capibaribe chegaram a mudar de cor com o despejo das lavagens de jeans. Mas, em 2005, o Ministério Público regularizou 56 lavanderias na cidade. Hoje, toda a água é reciclada e tratada, antes de ser lançada no rio.” (Mariana Tavares e Ricardo Arnt, “Velha, azul, desbotada... e poluente”. *Revista Planeta*, edição 462, março de 2011. Disponível em <http://www.terra.com.br/revistaplaneta/edicoes/462/artigo213115-2.htm>. Ao invés de “o Ministério Público regularizou 56 lavanderias na cidade”, melhor seria dizer que o MP exigiu que as lavanderias tomassem as medidas necessárias à sua regularização ambiental.

## 12.1.2. PONTOS FRACOS

1. Má formação da mão de obra
2. Escassez de trabalhadores, especialmente, qualificados
3. Falta de profissionalismo
4. Predominância de empresas informais;
5. Carga tributária excessiva ;
6. Questão ambiental
7. Imagem da região, como produtora de bens de baixa qualidade
8. Falta de segurança

Três dos pontos percebidos como fracos dizem respeito ao fator humano: má formação da mão de obra, escassez de trabalhadores qualificados, falta de profissionalismo. No último caso, tanto dos empresários quanto dos trabalhadores, segundo foi esclarecido por quem opinou daquela forma. Possivelmente, no pensar de alguns, a “falta de profissionalismo” é uma causa determinante da predominância de empreendimentos informais.

Ninguém quer ser empreendedor individual, apesar de todos incentivos para isso. Preferem continuar na informalidade.<sup>58</sup>

Outros opinaram, enfaticamente, que a opção pela informalidade é irracional:

É mais caro ser informal que formal. O informal não tem acesso a crédito, não pode vender pra quem exige nota fiscal, compra [o tecido] mais caro. Se você fizer as contas, o custo do informal é maior. Mas ninguém faz as contas.<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup> Anotado em grupo focal em Santa Cruz do Capibaribe, 6/11/2012.

<sup>59</sup> Entrevista em Toritama, 18/4/2012.

A carga tributária é sentida como excessiva por uma parte dos empresários formalizados. Eles também se ressentem que a fiscalização só é exercida sobre as empresas legalizadas. O mesmo se dá com respeito ao cumprimento das normas ambientais. Tudo isso termina gerando um incentivo não-intencional à informalidade:

O governo aperta a fiscalização, a gente reduz o tamanho e corre para a informalidade. Já tive 35 empregados; hoje tenho oito. Houve um tempo em que a conversa [entre os empresários] era sempre sobre aumentar de tamanho; hoje é o contrário, estamos encolhendo. Utilizamos as facções para reduzir os custos da formalização.<sup>60</sup>

Finalmente, a falta de segurança (medo de assaltos e de que isso afugente os compradores) é percebida como um problema, o que talvez se explique por um aumento hipotético (pois não foram apresentadas estatísticas que comprovem isso) da violência na região.<sup>61</sup>

## 12.2. Oportunidades e ameaças

As duas principais “oportunidades” mencionadas nas entrevistas e grupos focais foram a “formalização” e a “abertura para os mercados do Sul e do Sudeste”. As ameaças incluem, destacadamente, a concorrência asiática (especialmente, chinesa) e a informalidade, especialmente, nas relação de trabalho.

---

<sup>60</sup> Anotado em grupo focal em Caruaru, 7/11/2012.

<sup>61</sup> Que existe alguma base impressionista para essa afirmação, existe. Veja-se uma pequena amostra de notícias recentes: 1. **Ônibus de sulanqueiros assaltado em Caruaru.** (Em <http://aquitoritama.blogspot.com.br/2012/04/onibus-de-sulanqueiros-foi-assaltado-em.html>, 17/4/2012). 2. **PMs do Gati prendem assaltantes perigosos de Santa Cruz do Capibaribe** (Em <http://acatendequeeuquero.blogspot.com.br/2012/09/pms-do-gati-predem-assaltantes.html>, 18/9/2012). 3. **Preso comerciante de Santa Cruz de Capibaribe acusado de roubo de carga de tecidos** (Em <http://radiojornal.ne10.uol.com.br/2012/10/16/preso-comerciante-de-santa-cruz-de-capibaribe-acusado-de-roubo-de-carga-de-tecidos/>, 16/10/2012). 4. **Toritama: assaltantes de lotérica, trocam tiros com PMs, atingem policial e também são atingidos** (Em <http://acatendequeeuquero.blogspot.com.br/2012/10/toritama-assaltantes-de-loterica-trocam.html>, 25/10/2012). 5. **Policiais prenderam em Santa Cruz do Capibaribe quatro pessoas que seriam responsáveis por vários roubos e assaltos na cidade.** (Em <http://santacruzagora.blogspot.com.br/>, 8/11/2012). As notícias devem ser lidas tendo em mente tratarem-se de cidades de porte pequeno e médio.

### 12.2.1. OPORTUNIDADES

1. Formalização
2. Conquista de mercados no Sul e Sudeste

Ambas as “oportunidades” identificadas exigem o rompimento de práticas muito difundidas (especialmente, a informalidade), mas, na visão de alguns empresários, podem garantir ao Polo a sustentabilidade política, econômica, ambiental que ele não tem, hoje.

### 12.2.2. AMEAÇAS

1. Concorrência de fora (produtos chineses, sobretudo)
2. Informalidade, especialmente, nas relações de trabalho
3. Aumento da consciência ambiental
4. Carga tributária alta para os formais
5. Especulação imobiliária
6. Guerra fiscal (ICMS de confecções reduzido em vários estados, incluindo São Paulo e Rio de Janeiro)

As “ameaças” são as mesmas que foram identificadas em vários capítulos anteriores deste relatório. A única resposta adequada para elas é o aumento de produtividade baseado em maior qualificação dos empresários e da mão de obra, na incorporação e efetiva utilização de tecnologia avançada, na melhoria das práticas administrativas. Tudo isso terá de ser feito ao mesmo tempo em que se reduz a informalidade, se atendem às exigências ambientais e se enfrenta a especulação imobiliária.

### 12.3. Quem são os competidores do Polo?

O fato de as barreiras à entrada na indústria de confecções serem poucas e fáceis de ser superadas (a tecnologia é de domínio público e vem junto com as máquinas que qualquer um pode comprar; os requerimentos de capital inicial são baixos) expõe os produtores já estabelecidos à permanente ameaça de nova competição.

Os atuais e potenciais competidores dos produtores de confecções no Agreste pernambucano são, em primeiro lugar, **os produtores de outras regiões do país**. Em adição a estes, os do Exterior, particularmente, da China, também ameaçam dominar os mercados atualmente abastecidos pelas peças de vestuário produzidas no Agreste.

### 12.3.1. OS COMPETIDORES NACIONAIS

Uma pesquisa na internet permitiu identificar 76 concentrações geográficas de indústria de confecções no Brasil, incluindo a região em torno de Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. Quando os dados de número de estabelecimentos e de vínculos empregatícios formais foram levantados para esses locais, entretanto, apenas 64 se revelaram quantitativamente relevantes. E 19 deles são, especialmente, significativos, por terem, cada um, mais de 10.000 empregos formais.<sup>62</sup>

---

<sup>62</sup> A relação completa desses locais, que inclui, efetivamente, a região objeto do presente estudo, está no Anexo 4. A rota de acesso na internet às fontes consultadas estão no Anexo 5.



**Tabela 12.1**

**Brasil: Concentrações geográficas de produtores de confecções com mais de 10.000 empregos formais em 2011**

Ordem	UF	APL ou concentrações de produtores	Municípios	Número de empresas formais	Pessoas ocupadas em empresas formais
1	SP	Polos de Confecções do Brás e Bom Retiro	São Paulo	19.188	163.700
2	SC	Blumenau	Brotuverá, Brusque, Camboriú, Doutor Pedrinho, Garpar, Guabiruba, Ibirama, Ilhota, Indaial, Itajaí, Ituporanga, Lontras, Luiz Alves, Navegantes, Pomerode, Rio dos Cedros, Rio do Sul, Rodeio, Timbó, Agrolândia, Apiúna, Ascurra, Balneário Camboriú, Benedito Novo, Blumenau	8.487	148.079
3	CE	Polo de Moda do Ceará	Fortaleza	4.896	67.532
4	PR	Maringá e Região	Cianorte, Ângulo, Astorga, Cidade Gaúcha, Floresta, Guaporema, Iguaraçu, Indianópolis, Japurá, Jussara, Mandaguaçu, Mandaguari, Marialva, Maringá (Cidade Pólo), Nova Olímpia, Paçandu, Rondon, São Manoel do Paraná, São Tomé, Sarandi, Tapejara, Tapira, Terra Boa e Tuneiras do Oeste	2.786	39.373
5	MG	Juiz de Fora / São João Nepomuceno	Astolfo Dutra, Bicas, Cataguases, Descoberto, Guarani, Guarará, Juiz de Fora, Mar de Espanha, Maripá de Minas, Rio Novo, Rio Pomba, Rochedo de Minas, São João Nepomuceno	1.824	27.202
6	PE	Polo de Confecções do Agreste	Agrestina, Belo Jardim, Brejo da Madre de Deus, Caruaru, Cupira, Gravatá, Passira, Pesqueira, Riacho das Almas, Santa Cruz do Capibaribe, Surubim, Taquaritinga do Norte, Toritama, Vertentes	3.458	24.449
7	GO	Goiânia	Goiânia	3.700	24.166
8	SC	Jaraguá do Sul	Jaraguá do Sul	541	23.868
9	SP	Americana	Americana	1.102	23.624
10	BA	Moda do Estado da Bahia	Feira de Santana, Amélia Rodrigues, Coração de Maria, Conceição da Feira, Santo Estevão, São Gonçalo dos Campos, Conceição do Coité, Santa Luz, Serrinha, Tanquinho, Santo Antonio de Jesus e Jequié	946	23.305
11	MS	Campo Grande	Aparecida do Taboado, Caarapó, Campo Grande, Dourados, Glória de Dourados, Naviraí, Nova Andradina, Paranaíba, Ponta Porã, Sidrolândia, Três Lagoas	508	21.474
12	RJ	Nova Friburgo	Cantagalo, Cordeiro, Duas Barras, Bom Jardim, Macuco e Nova Friburgo	1.746	20.540
13	SC	Joinville	Joinville	582	14.516
14	PB	Campina Grande	Campina Grande	327	14.325
15	SP	Ibitinga	Ibitinga	743	13.259
16	RJ	Moda de Petrópolis	Petrópolis	798	10.823
17	MG	Divinópolis	Divinópolis	1.161	10.722
18	ES	Grande Vitória	Vitória (RM)	1.177	10.655
19	SC	Rio do Sul	Agronômica, Aurora, Braço do Trombuco, Dona Emma, Laurentino, José Boiteux, Mirim Doce, Petrolândia, Pouso Redondo, Presidente Getúlio, Presidente Nereu, Rio do Campo, Rio do Oeste, Salete, Santa Terezinha, Taió, Trombuco Central, Vitor Meireles, Witmarsun	614	10.422

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012

Fonte: MTE / RAIS 2011

De uma forma geral, cada um desses pólos tem uma especialização.

**No Sul de Minas Gerais** está localizado o conhecido circuito da malha, que se destaca pela produção do tricô, principalmente blusas de frio. Nos arredores de **Juiz de Fora** (MG), predomina a moda íntima. No **Norte e Noroeste do Paraná**, o jeans é o carro-chefe. De lá sai quase toda a produção que abastece redes como Ellus, Zoomp e Forum. Trata-se de um corredor de 100 km que envolve as cidades de Maringá, Londrina, Apucarana e Cianorte, cuja produção chega a 130 milhões de peças por ano e o faturamento bate os R\$ 2 bilhões.

### **A relação continua:**

**Nova Friburgo** (RJ) é o maior pólo confeccionista de moda íntima do país (lingerie dia, fitness e moda praia), com cerca de 800 confecções formais que geram 20 mil empregos. **Petrópolis** (RJ) tem atualmente mais de 800 indústrias de confecção, que geram 30 mil empregos (indústrias, distribuidores e pontos de vendas) com faturamento mensal de cerca de R\$ 100 milhões e mais de 8 milhões de peças/mês vendidas em todo o país. Os produtos principais são malha e tricô.

### **E mais:**

**Itaperuna**, no Noroeste Fluminense, produz lingerie noite e fornece pijamas e camisolas para butiques e magazines nacionais, além de exportar para países da Europa e Mercosul. **Cabo Frio** (RJ) especializou-se na moda praia. Com 400 empresas que geram 5.500 empregos, a região exporta para Espanha, Itália, França, Portugal e México. Cabo Frio conta também com uma vitrine a céu aberto, a famosa “Rua dos Biquinis”, que possui mais de 150 lojas de moda praia.

## Finalmente:

O **Espírito Santo** tem perto de 1.500 pequenas indústrias fabricantes de moda dia-a-dia, roupa esportiva e masculina. O **Ceará** conta com 2.600 empresas distribuídas por quatro cidades que se especializaram na produção de artigos de moda íntima e praia. Há ainda os já conhecidos pólos do **Rio Grande do Sul**, famoso pelo tricô, e **Santa Catarina**, com cerca de 6.000 indústrias produtoras de malharia circular.<sup>63</sup>

Mas a especialização de hoje não é, necessariamente, a de amanhã e, na medida em que assim indiquem as expectativas de lucro, as indústrias de confecções de outras regiões podem dirigir sua produção mais e mais para os mercados hoje (parcialmente) supridos pelos pernambucanos.

### 12.3.2. OS COMPETIDORES ESTRANGEIROS

A China, em particular, e os países asiáticos, em geral, são os grandes competidores externos do Polo de Confecções do Agreste. Na verdade, de toda a indústria brasileira de confecções. A ameaça cresceu muito, nos anos posteriores a 2002: como mostra a Figura 12.3, o percentual do consumo interno de peças de vestuário e acessórios atendido por importações, no Brasil, passou de 0,9%, em 2002, para 10%, no terceiro trimestre de 2011. A previsão é que o mesmo indicador chegue, em 2012, a 12,5%.<sup>64</sup>

Em 28/3/2012, a Folha de São Paulo publicava:

**Importação de vestuário no Brasil bate recorde.** O Brasil nunca importou tantos casacos, ternos, camisas masculinas e femininas, roupas íntimas, camisetas e roupas para bebês como no primeiro bimestre deste ano. (...) As compras de vestuário de outros países ultrapassaram US\$ 462 milhões, 72,5% mais em relação a igual período de 2011, quando as importações já haviam batido recordes. O cenário reflete (...) o crescimento das vendas das roupas mais em conta da indústria de confecção da China, que responde por 60% de tudo o que o Brasil compra.<sup>65</sup>

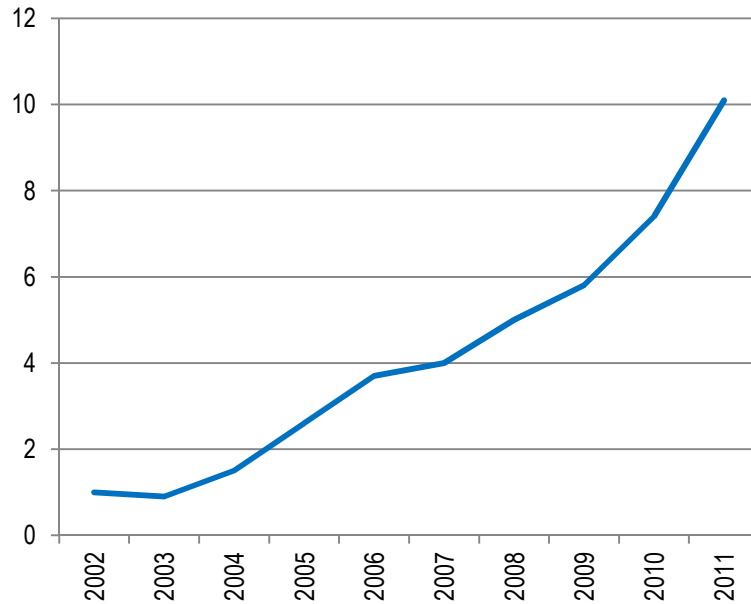
---

<sup>63</sup> Adaptado de Ricardo Oliveros, “Geografia da Moda Brasileira: a importância dos Pólos de Moda”, em Blog Fora de Moda, <http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/> (17/2/2008) O Polo do Agreste merece a seguinte referência da mesma fonte: “no interior de Pernambuco existem 6.000 fábricas, produtoras de moda íntima, jeans, surfwear”.

<sup>64</sup> A unidade de medida é o “Coeficiente de penetração das importações” que, de acordo com o Ipeadata, “é calculado sobre fluxos acumulados em quatro trimestres, a preços constantes de 2007. É o percentual do consumo aparente (oferta interna) atendido pelas importações. Elaborado pela Funcex com dados da Secex/MDIC e publicado pela CNI. Indústrias de transformação - Confecção de artigos do vestuário e acessórios”. (Em <http://www.ipeadata.gov.br/>). A previsão para 2012 está em <http://www.exportnews.com.br/2012/03/importacao-de-pecas-de-vestuario-deve-aumentar-42-em-2012/>

<sup>65</sup> Em <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1068168-importacao-de-vestuario-no-brasil-bate-recorde.shtml> A ilustração seguinte foi retirada da mesma fonte.

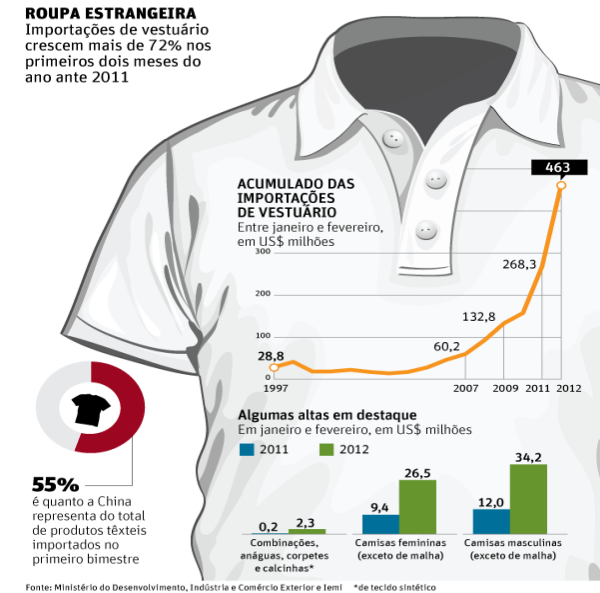
**Figura 12.3**  
**Brasil: Vestuário e Acessórios, 1996/2012**  
**Percentual do consumo interno atendido por importações (%)**



Fonte: CNI / Ipeadata

A participação de produtos importados (predominantemente, da China) na oferta interna de vestuário e acessórios no Brasil cresceu de 0,9%, em 2002, a 12,5% previstos para 2012. A Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecções (ABIT) está pedindo ao governo federal que adote salvaguardas contra o súbito aumento das importações ocorrido, especialmente, entre 2011 e 2012.

**Figura 12.4**  
**Brasil: Importações de Vestuário e Acessórios, 1997/2012**  
**(em US\$ milhões)**



Mais uma vez sob a liderança da China (de onde teriam se originado 55% das importações), as compras pelos brasileiros de roupas confeccionadas no Exterior saltaram de US\$ 60 milhões para US\$ 462 milhões, entre anos 2007 e o presente. A ilustração acima foi publicada pelo jornal Folha de São Paulo em 28 de março de 2012, acompanhando matéria com o título "Indústria têxtil pede ao governo cotas para importação de roupas"

As reações também já se articulam, lideradas por entidades nacionais:

**Indústria têxtil pede ao governo cotas para importação de roupas.** O setor privado solicitou ao governo que adote uma barreira contra a importação de roupas. A Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit) protocolou ontem um pedido de investigação de salvaguarda para vestuário, alegando que está ocorrendo um "surto" de importações de roupas no País, que causa prejuízos à indústria nacional.<sup>66</sup>

É pouco provável que medidas permanentes de restrição, adicionais às já existentes (a tarifa brasileira de importação de produtos de vestuário é de 35%), sejam adotadas. Os produtores do Agreste irão ter de conviver com as crescentes ameaças da competição internacional, assim como já convivem com os perigos originados dentro do próprio país. O grande desafio será aumentar a competitividade, ao mesmo tempo em que reduzem a informalidade e cumprem, de fato, as leis tributárias, trabalhistas e ambientais. É onde entra o diamante de Porter. Não apenas ele.

#### 12.4. O diamante e outros pertences menos valiosos de Porter<sup>67</sup>

Em artigo-resumo de seu livro *The Competitive Advantage of Nations*, Michael Porter assim introduziu a apresentação dos quatro componentes de seu "Diamante da Vantagem Competitiva Nacional":

Por que determinadas companhias com sede em determinadas nações são capazes da inovação consistente? Por que perseguem sem parar as melhorias, procurando uma fonte sempre mais sofisticada da vantagem competitiva? Por que podem superar as fortes barreiras à mudança e à inovação que tão frequentemente acompanham o sucesso? A resposta encontra-se em quatro amplos atributos de uma nação, atributos este que individualmente e enquanto sistema constituem o diamante da vantagem nacional, o campo de jogo que cada nação estabelece para suas indústrias.

---

<sup>66</sup> O Estado de São Paulo, 23/8/2012, em <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia,industria-textil-pede-ao-governo-cotas-para-importacao-de-roupas,124288,0.htm>

<sup>67</sup> A utilização do "Diamante de Porter" como referencial para a análise da competitividade do Polo de Confeções do Agreste pernambucano foi determinada pelo Edital do Sebrae-PE que norteou o trabalho de pesquisa ora sendo relatado. Há um problema com isso, na avaliação do redator deste documento. Michael Porter queria explicar a "vantagem competitiva das nações" e, em larga medida, o conseguiu. Sua contribuição tem enorme valor. Mas, pela própria natureza de objeto estudado, os elementos explicativos realçados foram os fatores únicos, de difícil transposição, sofisticados, de alta tecnologia, permanente inovação, cuja posse distinguia a indústria internacionalmente competitiva de um país A da outra indústria – que não chegava a tanto – do país B. O Polo do Agreste não é internacionalmente competitivo (talvez venha a ser; talvez *precise* vir a ser) e, portanto, as razões de seu sucesso até o dia de hoje não têm muito a ver com aquelas relacionadas por Porter. Exigir dos pequenos produtores de confeções do Agreste que estejam à altura de um diamante norteamericano vai além do que seria razoável e terminaria produzindo uma avaliação extremamente pessimista. Felizmente, nem tudo no mundo se resume a jóias caras, nem mesmo na obra do professor de Harvard. Daí a expressão "outros pertences, menos valiosos", no subtítulo acima. Talvez estes, mais que o diamante, tenham a ver com a explicação do passado e a antevisão do futuro do Polo.

## Estes atributos são:

1. **Condições dos fatores.** A disponibilidade nacional dos fatores da produção – tais como trabalho qualificado ou infraestrutura – necessários para competir em uma indústria dada. 2. **Condições da demanda.** A natureza da demanda do mercado interno para o produto ou o serviço da indústria. 3. **Indústrias correlatas e de apoio.** A presença ou a ausência na nação das indústrias fornecedoras e de outras indústrias relacionadas internacionalmente competitivas. 4. **Estratégia, estrutura e rivalidade das empresas.** As condições nacionais que determinam como as companhias são criadas, organizadas, e controladas, assim como a natureza da rivalidade doméstica.<sup>68</sup>

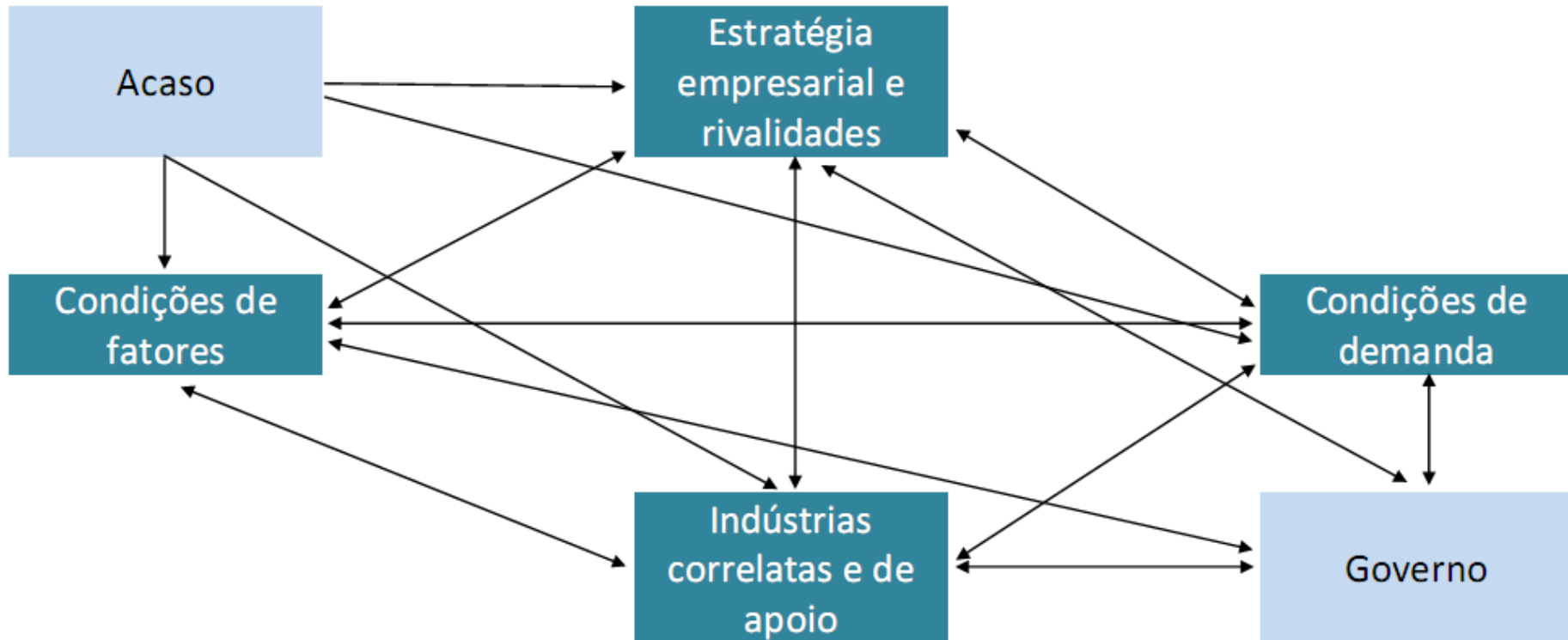
A Figura 12.5, a seguir, mostra os quatro elementos básicos do diamante. Também incorpora o “Acaso” e o “Governo”, posteriormente admitidos por Porter, como fontes de importantes influências sobre a competitividade internacional.

Os eventos agrupados sob o nome **acaso** representam tudo o que influencia o desempenho da empresa, mas está fora do seu controle. Esses eventos – por exemplo, mudanças tecnológicas ou crises macroeconômicas – podem alterar as condições de funcionamento dos mercados, beneficiando ou prejudicando algumas empresas. Ações do **governo**, nos níveis municipal, estadual ou federal, também influenciam cada um dos quatro determinantes da competitividade. Incentivos fiscais ou proteção tarifária para um setor é um caso que pode ser citado.

---

<sup>68</sup> Michael E. Porter, “The Competitive Advantage of Nations”, *Harvard Business Review*, March-April 1990, page 78.

Figura 12.5  
O Diamante da Vantagem Competitiva Nacional, de Michael E. Porter



PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
Fonte: Michael E. Porter, A Vantagem Competitiva das Nações. Rio Janeiro, Campus, 1992

No restante deste capítulo, o diamante de Porter é utilizado, com grande liberdade interpretativa, para analisar a competitividade atual e futura do Polo de Confecções do Agreste

#### 12.4.1. ACASO

Ao invés de constituir um resultado da atuação de forças impessoais, o Polo de Confecções do Agreste foi construído, pelo somatório de ações racionais, intencionais, voltadas para um objetivo, das pessoas que habitaram e habitam a região.

As circunstâncias foram importantes elementos coadjuvantes desse processo: a crise do algodão, cujo golpe final veio com o aparecimento do bicudo, na década de 1980; a competição externa, inviabilizando a pequena indústria de artefatos de couro de cidades como Toritama e Santa Cruz do Capibaribe; os longos anos de estagnação da economia brasileira, estimulando a migração de retorno de São Paulo para o Nordeste. Tudo isso criou condições favoráveis ao aparecimento de atividades alternativas. Mas as mesmas circunstâncias estiveram presentes em todo o Nordeste e apenas alguns poucos espaços da região tiraram proveito delas, seja inventando a indústria de confecções, seja de qualquer outro modo.

Michael Porter talvez atribuísse a origem do Polo ao “acaso” – ao aparecimento de circunstâncias, nesse caso, favoráveis, sobre as quais as pessoas do lugar não tinham qualquer controle. Mais correto parece ser atribuí-lo ao **poder da vontade** de pessoas identificáveis, exercido sob circunstâncias dadas. Pessoas que aproveitaram viagens de caminhão a São Paulo, feitas com propósitos outros, para recolher os restos desprezados pelas indústrias de tecidos, trazê-los para Santa Cruz do Capibaribe (ou Taquaritinga do Norte, em outra versão da mesma história) e distribuí-los com as costureiras que os transformariam em colchas de retalho, blusas ou camisas. Primeiro, para uso próprio; em seguida, para venda. Mais e mais, para venda.

Um novo caminho começava a ser descoberto para aquelas pessoas ganharem a vida. De novo, circunstâncias externas favoreceram a evolução dos negócios. Santa Cruz estava conectada por estradas com o resto do mundo; mercados importantes (Caruaru, Recife, João Pessoa) ficavam próximos; a técnica de confeccionar roupas era de conhecimento geral e de fácil aprendizado; as máquinas de costura não custavam tão caro, as primeiras já estavam lá e poderiam ser mais intensamente utilizadas. Mas, outra vez, sozinhas, as circunstâncias– ou, se preferirem, o acaso de Porter – não fariam o serviço. Era preciso haver a ação humana intencional, inteligente, voltada para um objetivo. Em Santa Cruz, Taquaritinga do Norte, Toritama, Caruaru e em vários outros lugares, essa ação aconteceu. Não foi o acaso que criou o Polo – foi o poder da vontade. Condicionado pelas circunstâncias, sim.



## 12.4.2. GOVERNO

Nas origens do Polo – 40 ou 50 anos atrás – há muito governo e há pouco governo. Paradoxalmente, o muito é quase invisível, enquanto o pouco facilmente se enxerga.

Há muito governo nas estradas que permitem o ir e vir dos caminhões, no emprego público que sustenta o comércio, nas frentes de trabalho e nos carros-pipa durante as secas, no chafariz da praça pública, no açude próximo à cidade. Cada uma dessas coisas desempenhou seu papel na criação e posterior desenvolvimento do Polo. Pelas estradas vieram os retalhos e, numa fase posterior, se foram as roupas destinadas às feiras de cidades próximas ou distantes. Foi a existência de um contingente relativamente numeroso de funcionários públicos que impediu (especialmente, depois da morte do algodão e do artesanato de couro) o desaparecimento da renda monetária, cuja existência era uma condição necessária para o crescimento da produção de confecções. Foram as frentes de trabalho e os carros-pipa, nas crises agudas causadas pela falta de chuvas, que impediram o colapso daquelas comunidades. Foram os chafarizes e açudes que, nos anos molhados, levaram a água até às populações, permitindo que elas vivessem, condição necessária para que comprassem as roupas baratas vindas de Santa Cruz do Capibaribe.

Por outro lado, nas origens do Polo, há pouco governo. Se excluirmos os anos mais recentes (o Polo foi, afinal, descoberto). Ainda tem menos atenção do que merece, porém hoje a tem incomparavelmente mais do que no passado.

## 12.4.3. ESTRATÉGIA EMPRESARIAL E RIVALIDADES

Essa caixa porteriana é quase um conjunto vazio, quando aplicada ao Polo de Confecções do Agreste. Já existem, hoje, empresas que se destacam e adotam estratégias mais ou menos conscientes. Mas são minoria. Para quase todas – e não se esperaria outra coisa, dado seu tamanho minúsculo –, as estratégias se resumem a procedimentos repetitivos: comprar o tecido; copiar os modelos da revista mais próxima; cortar os panos; levar as peças para a facção; recolhê-las três dias depois; carregar tudo para a feira; somar o que foi apurado; fazer os pagamentos da semana; comprar o tecido, copiar os modelos da revista mais próxima...

Há exceções, como foi dito. Um poucas empresas estão trilhando caminhos diversos, inovadores. Tentam se livrar da era sulanca e ingressar em mercados sofisticados. Se vão tendo sucesso, mapeiam o caminho para outras. No momento, ainda é difícil ver como este novo tipo de comportamento impactará o conjunto do Polo.

#### 12.4.4. CONDIÇÕES DE FATORES

Ao contrário do que Michael Porter encontrou, ao estudar a “vantagem competitiva das nações”, a “vantagem competitiva” do Polo de Confecções do Agreste (ainda?) está fundada em fatores básicos: mão de obra pouco especializada e, portanto, barata; tecnologia amplamente acessível e incorporada a bens de capital relativamente, de baixo custo; liberalidade fiscal. Não está ancorada no tipo de fatores especializados descobertos pelo professor americano.

Paradoxalmente, o bloco “Condições de Fatores” do diamante de Porter pode se mostrar relevante, no presente contexto, não pelo que ajuda a descobrir, no meio das coisas que já existem, mas pelo que ele sugere que tem de existir, no futuro, para garantir a sobrevivência e progresso de longo prazo do Polo.

O que existe já foi dito: a vantagem do Polo tem se sustentado, até hoje, pela sua mais hábil combinação de fatores básicos. Essa posição é vulnerável, por razões inteiramente porterianas: não existe grande dificuldade para que outras localidades combinem sua mão de obra barata com as máquinas de costura facilmente adquiríveis no mercado e passem a disputar os mercados que hoje são supridos pelos fabricantes de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e demais cidades do Polo de Confecções.

A competitividade duradoura terá de se basear (do mesmo modo que nos casos estudados por Michael Porter) em fatores especializados, conexões de mercado, inovação tecnológica constante. É a mesma temática que tem sido repetida aqui incessantemente.

#### 12.4.5. CONDIÇÕES DE DEMANDA

Os produtores de confecções localizados no Agreste pernambucano têm atendido, até hoje, à demanda rotineira dos consumidores de baixa renda. Porter alerta que compradores pouco sofisticados tendem a se satisfazer com a repetição do que já têm e, portanto, não vivem criando desafios para os fabricantes. Isto dá uma vantagem imediata, mas cria um problema mais à frente. Se os compradores de meu produto não têm grandes exigências, por que elas continuariam comprando de minha empresa? A probabilidade de que um concorrente apareça com um produto igual e um preço marginalmente inferior é enorme e isso significará que eu perderei o cliente.

Aqui há duas observações a fazer. A primeira é que a demanda (em geral, particularmente, por confecções) da classe de renda mais baixa tende a experimentar certa sofisticação, à medida que a renda dessas pessoas se eleva e elas vão tendo acesso a uma variedade maior de produtos e de experiências culturais. Portanto, ainda que seja apenas para ficar no mesmo lugar, as empresas do Polo terão de melhorar a qualidade e a diversidade de seus produtos – com o menor reflexo possível nos preços.

A segunda observação é que os concorrentes já estão aí, prontos a invadir com seus produtos, chineses ou não, os mercados onde os fabricantes do Agreste colocam suas peças de vestuário. O atendimento à demanda rotineira já está sendo ameaçado. Para responder ao desafio, o Polo terá de responder com produtos melhores e mais baratos – e não poderá fazer isso (pelo menos, não permanentemente) aprofundando a informalidade. A solução teórica é garantir um significativo aumento da produtividade geral dos fatores: trabalho, máquinas, organização, conexões comerciais, administração.

Nada indica que se trata de um desafio impossível; outros, talvez, mais difíceis, já foram corretamente enfrentados no passado. Mas que muita coisa, além da mera repetição, terá de ser feita, não parece haver dúvida.

#### 12.4.6. INDÚSTRIAS CORRELATAS E DE APOIO

Num ponto, as indústrias do Polo de Confecções do Agreste lembram o mundo porteriano: elas estão geograficamente concentradas em um espaço, relativamente, pequeno. Esta é uma grande vantagem, como vários empresários francamente admitiram. Com o tempo, a concentração de indústrias atraiu outros setores correlatos (comércio atacadista, escritórios de contabilidade, profissionais de criação e design, instituições de apoio, algumas indústrias de aviamentos). Tomadas em conjunto, as indústrias de confecção e as empresas que desenvolvem atividades correlatas, se não configuram um cluster no sentido original da palavra, certamente, compartilham alguns traços disso.

Essa circunstância ajudou no sucesso passado do Polo e é condição essencial para seu sucesso futuro. Nesse sentido, a noção de APL pode ser útilmente utilizada não como um descritor da situação existente (o que provocaria intermináveis discussões semânticas irrelevantes), mas como um guia para a ação conjunta de empresários e poder público. Tudo o que favoreça a maior interação direta e constante de pessoas envolvidas numa mesma cadeia produtiva (por exemplo, de confecções) contribui para o aumento de produtividade – e, portanto, de competitividade – da atividade principal.

## ANEXO 1: Relatório de campo

### **A2.1 Apresentação**

O presente documento, em particular, apresenta plano detalhado da pesquisa descrevendo o desenho da investigação, a logística de campo, os problemas enfrentados durante o campo, a técnica de processamento dos dados e o cronograma de execução das atividades.

### **A2.2 A pesquisa de campo e seus preparativos**

Para a concretização da pesquisa de campo foi necessária a realização de diversas atividades prévias. Essa seção cuida exatamente das atividades que foram realizadas e apresenta alguns dos parâmetros que foram utilizados no campo (por exemplo, número de pesquisadores).

Em linhas gerais, foram necessárias as seguintes atividades para a realização da pesquisa de campo: elaboração dos questionários e demais instrumentos de coleta; a definição dos municípios utilizados para o pré-teste e realização do mesmo; elaboração da versão final dos instrumentos de coleta; recrutamento das equipes de campo e treinamento; preparação das rotas de campo; preparação do material de campo; início do campo; acompanhamento do campo; recepção dos instrumentos; codificação e digitação; e processamento dos dados.

A principal dificuldade enfrentada foi encontrar uma metodologia de campo que atendesse a expectativa do projeto para a estimação do número total de empresas existentes nos municípios pesquisados. A simples pesquisa quantitativa com 1.200 empresas não seria capaz de gerar esse número, de tal sorte que uma metodologia alternativa precisou ser proposta e colocada em prática.

A solução acordada com o Sebrae, e adotada, envolveu um arrolamento (visita às construções para levantamento de dados) de um número significativo de construções em cada um dos dez municípios pesquisados (no total, 123 mil construções foram visitadas) e um pequeno questionário identificando o tipo de atividade (comércio, indústria de confecções, residência, etc.) no local foi aplicado. Essa informação foi utilizada para estimar o número total de empreendimento.

Essa estratégia implicou em uma elevação do tempo total da pesquisa de campo. De uma pesquisa com 1.200 empresas que estava prevista para durar três semanas passou-se para uma densa pesquisa de campo que durou dois meses.

Em que pese os ganhos de qualidade na estimativa final, o tempo adicional necessário para completar a tarefa afetou, sobremaneira, o cronograma de análise.<sup>69</sup> Além do tempo adicional no campo, a nova estratégia gerou novos instrumentos de coleta de dados que precisaram ser devidamente processados, elevando também o tempo de processamento.

### **A2.3 Amostra**

O piloto da pesquisa foi realizado no município de Santa Cruz do Capibaribe. A escolha do município se deveu, principalmente, a importância do município dentro do polo produtivo e pela riqueza da complexidade produtiva encontrada no município (pequenos, médios e grande produtores espalhados tanto na área central do município quanto nas áreas rurais e nos distritos).

O piloto foi realizado na primeira semana de junho por uma equipe de três pesquisadores. Após a coleta dos dados e o teste do procedimento de arrolando os instrumentos finais foram aprovados para o trabalho de campo.

Na medida em que o trabalho de campo foi dividido em duas etapas, dois procedimentos distintos e complementares foram adotados. Para a pesquisa de arrolamento, a equipe de pesquisadores trabalhou por quadras e, em cada quadra, a equipe identificava o número de imóveis e a finalidade de uso (residencial, comercial, industrial). No caso de o imóvel abrigar um empreendimento da área de confecções, o pesquisador levantava informações a respeito da existência de CNPJ, número de empregados, número de peças produzidas e se a empresa era ou não uma facção.

Nos municípios maiores, particularmente Caruaru e Santa Cruz do Capibaribe, uma seleção inicial das áreas a serem visitadas foi realizada com auxílio da equipe do Sebrae. No caso de Caruaru, em especial, não foram visitadas as áreas predominantemente residências. Em Santa Cruz, e nos demais municípios, as equipes visitaram quadras em todas as áreas dos municípios. O percentual de imóveis visitados com relação ao apresentado pelo Censo Populacional do IBGE 2010 é apresentado no quadro abaixo. Os números variam entre 29%, em Brejo da Madre de Deus, a 98%, em Taquaritinga do Norte.

---

<sup>69</sup> O cronograma apresentado já contempla essas alterações.

### Quadro 1

#### Imóveis arrolados na pesquisa e total de construções informado pelo IBGE no Censo de 2010 – por município

Respostas	Total de construções observadas no arrolamento	QTD de construções segundo IBGE	(%) de construções arroladas
	Total	Total	(%)
Agrestina	4.637	9.987	46%
Brejo da Madre de Deus	5.898	20.231	29%
Caruaru	40.257	135.397	30%
Cupira	8.529	10.185	84%
Riacho das almas	5.807	9.711	60%
Santa Cruz do Capibaribe	13.536	37.383	36%
Surubim	15.426	24.052	64%
Taquaritinga do Norte	11.993	12.246	98%
Toritama	13.900	15.692	89%
Vertentes	3.955	8.016	49%
Total	123.938	282.900	44%

Fonte: SEBRAE-PE

Para a pesquisa com 1.200 empresas uma amostra foi pré-definida por município e é apresentada no quadro 3 abaixo. Para completar a amostra a equipe de campo selecionou empreendimentos em diversas quadras dos municípios, aproveitando a etapa de arrolamento. Isso garantiu uma distribuição espacial da amostra. Ainda, todas as empresas formais que foram identificadas pelo Sebrae para participar da pesquisa qualitativa foram automaticamente incluídas na pesquisa. O resultado final é ponderado por tamanho da empresa, em cada município, utilizando a distribuição encontrada no arrolamento.

**Quadro 2**  
**Amostra proposta por município**

Municípios	Amostra
Agrestina	100
Brejo da Madre de Deus	100
Caruaru	180
Cupira	100
Riacho das Almas	100
Santa Cruz do Capibaribe	160
Surubim	100
Taquaritinga do Norte	100
Toritama	160
Vertentes	100
TOTAL	1200

Fonte: SEBRAE-PE

**A2.4 As rotas e a distribuição das equipes de campo**

Uma das questões centrais para definir o bom andamento do trabalho de campo é determinar o número de pesquisadores e a estratégia de divisão das equipes no campo. Para a realização da presente pesquisa foram alocados 20 pesquisadores. Estes pesquisadores foram coordenados por um supervisor de campo.

Os pesquisadores foram divididos em três equipes, cada uma com três municípios. O município de Caruaru, dado ao seu tamanho, foi trabalhado em conjunto por todos os pesquisadores.

**Quadro 3**  
**Distribuição da equipe de campo por município**

Equipes	Municípios
1	Santa Cruz Capibaribe
	Taquaritinga do Norte
	Toritama
2	Brejo da Madre de Deus
	Vertentes
	Surubim
3	Cupira
	Agrestina
	Riacho das Almas
1 + 2 + 3	Caruaru

Fonte: SEBRAE-PE

### **A2.5 Atividades de apoio logístico**

As equipes de campo tiveram o apoio logístico integral da Datamétrica. Para tal, todo pesquisador teve canal direto de comunicação com a empresa, além de monitoramento do andamento das atividades.

Para liberação das equipes para o campo, foi realizada uma avaliação prévia de aspectos fundamentais, referentes à segurança dos pesquisadores e dos instrumentos de pesquisa, bem como o conforto e agilidade do deslocamento.

### **A2.6 Operacionalização da pesquisa**

#### **Treinamento das equipes da pesquisa quantitativa**

O processo de treinamento das equipes de trabalho foi dividido em dois formatos, sendo um voltado para os pesquisadores envolvidos com a aplicação dos instrumentos quantitativos e outro voltado para a equipe que trabalhou na execução dos procedimentos internos na Datamétrica.

Para compor a equipe de aplicação dos instrumentos, foram recrutados e selecionados pesquisadores do próprio cadastro de profissionais existente na empresa. Os pesquisadores que participaram do projeto tinham experiência prévia com pesquisas e conheciam a forma de trabalho da Datamétrica, o que facilitou o trabalho de campo.

#### **Treinamento das equipes de aplicação**

Com base nas especificidades da pesquisa e do prazo de duração da etapa de campo, foi elaborado um plano de treinamento ministrado aos pesquisadores de campo e supervisores.

Para tal treinamento foi utilizada uma carga horária de 16 horas (2 dias), no qual foi realizado, no primeiro dia uma apresentação da pesquisa, sendo apresentados os objetivos da pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, a metodologia de aplicação dos instrumentos, os processos de controle na aplicação e os mecanismos de segurança associados. Já no segundo dia, foi realizado um treinamento prático de aplicação dos instrumentos.

A primeira parte do treinamento foi realizado em Recife, na sede da empresa, e a segunda etapa foi realizada em campo, no município de Santa Cruz do Capibaribe, com o acompanhamento do supervisor de campo.



## **Treinamento das equipes internas**

Internamente, a Datamétrica, mobilizou uma equipe multisetorial para a execução das demais etapas da pesquisa. Esta equipe recebeu treinamento específico para as tarefas que executaram.

### **a) Equipe de recepção dos instrumentos aplicados**

A equipe de recepção dos questionários também recebeu treinamento específico. Tal treinamento teve como objetivo apresentar as rotinas de recepção e checagem do material aplicado em campo. Houve, também, a apresentação da forma correta de alimentação da planilha de controle da aplicação dos instrumentos – criada pela Datamétrica.

### **b) Equipe de digitação**

A equipe de digitadores da pesquisa foi treinada para a entrada dos dados da pesquisa uma semana antes do início da codificação. Os dados estão sendo digitados em CS.PRO e o treinamento consistiu em apresentar o questionário e dirimir possíveis dúvidas dos digitadores.

## **Deslocamento das equipes de aplicação**

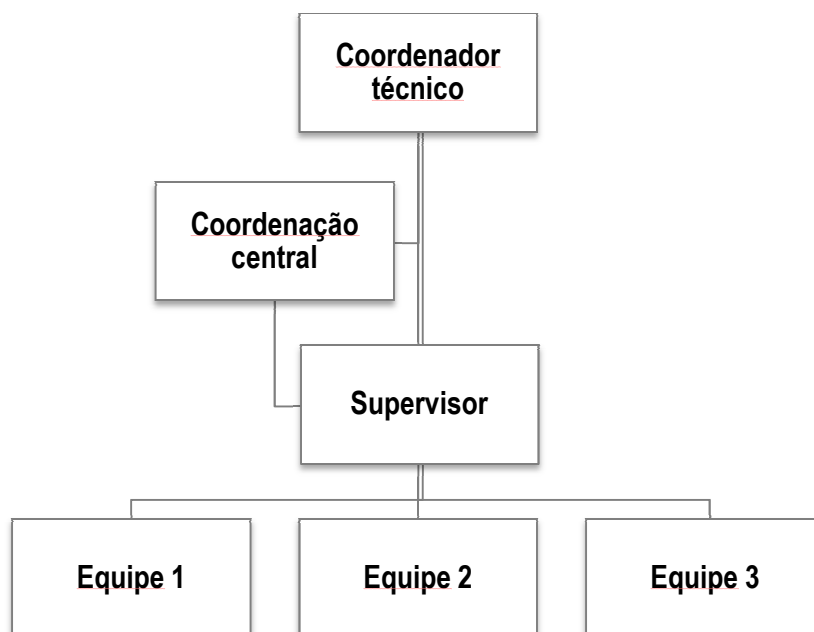
Uma vez finalizadas as rotas de aplicação, estas foram divididas entre os pesquisadores. Após o treinamento cada equipe foi deslocada para o município no qual sua rota tinha início. O deslocamento foi feito de carro em todas as rotas.

## **A2.7 Estrutura do trabalho de campo**

Esta seção tem como objetivo descrever a distribuição de responsabilidades e funções entre os diversos membros da equipe de trabalho, no âmbito da Pesquisa. Para facilitar a operacionalização da pesquisa, a equipe de trabalho foi composta por:

- Coordenador da pesquisa;
- Coordenação central;
- Supervisor;
- Equipe de pesquisadores.

**Figura 1**  
**Estrutura organizacional da pesquisa de campo**



Fonte: SEBRAE-PE

Nos casos de dúvidas, os aplicadores entraram em contato direto com a Datamétrica por telefone, inclusive com ligações a cobrar.

## **Divisão de tarefas**

### **COORDENADOR TÉCNICO**

O coordenador técnico da pesquisa respondeu pelos aspectos técnicos bem como pela representação da instituição perante Sebrae em todos os assuntos relativos à execução das atividades contratadas.

### **COORDENAÇÃO CENTRAL**

A Coordenação central foi composta de um coordenador técnico, um coordenador da área de logística de aplicação, um coordenador da área de constituição das bases de dados, e um coordenador da área de análises de resultados.

Coube à coordenação central a condução de todos os processos inerentes à aplicação dos instrumentos de coleta de dados da pesquisa e constituição das bases de dados. Foi também obrigação da coordenação da pesquisa dar condições para que todas as atividades previstas no âmbito desta pesquisa fossem realizadas com o rigor previsto no Edital de Licitação.

Em caso de situações não previstas neste plano, os pesquisadores envolvidos reportaram-se ao seu supervisor. Persistindo o problema, o supervisor entrou em contato com a coordenação central, que deu os encaminhamentos apropriados. Foi admitido também a comunicação direta dos pesquisadores com a coordenação central, com a finalidade de agilizar o processo.

## **SUPERVISOR**

O supervisor foi responsável por manter o bom andamento do campo e a qualidade do trabalho da equipe sob a sua responsabilidade. O supervisor acompanhou o campo e, estando próximo aos pesquisadores, pode dirimir as dúvidas existentes ou mesmo facilitar o contato dos pesquisadores com a coordenação central.

## **PESQUISADORES**

O pesquisador teve um papel fundamental para o sucesso da pesquisa em questão, pois sua forma de abordagem garantiu que a pesquisa fosse direcionada da melhor maneira possível. Ademais, foram considerados requisitos básicos de um bom pesquisador a honestidade, a sinceridade e a responsabilidade, atributos esses verificados no processo de seleção dos pesquisadores da Datamétrica.

Como recomendações gerais, ao dirigir-se/abordar o respondente o pesquisador teve que:

- Estar munido do crachá de identificação;
- Cumprimentar o respondente e apresentar-se (seu nome, onde trabalha e o que está fazendo ali – a pesquisa que está sendo feita);
- Fornecer os telefones de contato para comprovação da pesquisa e/ou para elucidar quaisquer dúvidas;
- Explicar a importância da contribuição do respondente e assegurar a confidencialidade dos dados que serão coletados.

O material aplicado em campo só foi remetido para a Datamétrica após a conferência e o correto acondicionamento do mesmo, de modo a garantir o cumprimento da amostra e a integridade dos instrumentos de pesquisa. A frequência das remessas dos materiais aplicados variou de acordo com as rotas de cada equipe. Os instrumentos de coleta devidamente preenchidos foram remetidos para a Datamétrica, aos cuidados do Departamento de Pesquisa.

## **O Campo**

Neste item é relatado como foi o trabalho de campo propriamente dito; ou seja, são mencionados entre outras coisas os problemas ocorridos, o início e o fim de campo de cada município e qual o quantitativo da amostra que efetivamente foi realizado.

Pelo quadro 5 tem-se o tempo de duração da pesquisa por município. No total, foram 55 dias de campo, entre o primeiro e último dia de campo. A pesquisa teve início em Santa Cruz do Capibaribe no dia 07/06 e só teve início nos demais municípios depois que a estratégia proposta para o arrolamento foi testada e consolidada neste primeiro município.

**Quadro 4**  
**Início/Fim das entrevistas por município**

Nº de ordem	Cidade	Data início	Data término
1	Santa Cruz Capibaribe	07/06/12	27/06/12
2	Taquaritinga do Norte	28/06/12	07/07/12
3	Toritama	08/07/12	16/07/12
4	Brejo da Madre de Deus	25/06/12	04/07/12
5	Vertentes	05/07/12	12/07/12
6	Surubim	13/07/12	20/07/12
7	Cupira	25/06/12	04/07/12
8	Agrestina	05/07/12	12/07/12
9	Riacho das Almas	13/07/12	20/07/12
10	Caruaru	17/07/12	01/08/12

Fonte: SEBRAE-PE

O quadro 6 traz informações da amostra final da pesquisa quantitativa. Foram aplicados 1235 questionários. Com exceção de Agrestina, no qual apenas 39 dos 100 questionários foram aplicados o restante da amostra seguiu de perto o planejamento de campo. A amostra menor nesse município foi devida a dificuldade de encontrar empresas que fossem mais do que simples empreendimentos de uma pessoa trabalhando exclusivamente para uma empresa. Cabe notar que, por outro lado, em seis municípios o total aplicado foi superior ao previsto.

**Quadro 5**  
**Comparação entre a amostra proposta e amostra final realizada**

Municípios	Amostra proposta	Amostra realizada
Agrestina	100	39
Brejo da Madre de Deus	100	101
Caruaru	180	213
Cupira	100	99
Riacho das almas	100	128
Santa Cruz do Capibaribe	160	176
Surubim	100	87
Taquaritinga do Norte	100	100
Toritama	160	182
Vertentes	100	110
Total	1200	1235

Fonte: SEBRAE-PE

## ANEXO 2: Procedimento de cálculo do fator de expansão da amostra

Dentro da base do arrolamento (no total, 123 mil construções foram visitadas), foi observada por município a quantidade de construções existentes, levando em consideração as que eram indústrias e as que eram não-indústrias. Foi observada também a quantidade total de construções de cada município, fornecida pelo IBGE.

Na base do arrolamento (somente das construções que eram indústrias), fez-se a separação das observações por município e por tamanho da indústria, definido pela quantidade de pessoas ocupadas. O mesmo procedimento anterior foi realizado para a base de 1.235 questionários respondidos (quantidade de empresas pesquisadas). A partir daí, já havia dados suficientes para o cálculo do fator de expansão da amostra. Os seguintes passos foram seguidos:

**1º Passo** – Foi calculado o percentual de construções da seguinte forma:

$$p = \frac{\text{quantidade de indústrias do arrolamento por município}}{\text{quantidade total de construções do arrolamento}}$$

**2º Passo** – Esse percentual de construções foi multiplicado pelo total real de construções do município segundo o IBGE, obtendo assim um quantitativo de indústrias estimado a partir do arrolamento, levando em consideração o total de construções do IBGE:

$$n' = p * (\text{Total real de construções})$$

**3º Passo** – Foi feito o cálculo do fator de expansão, que é a razão entre o que foi encontrado no segundo passo e a quantidade real de indústrias pesquisadas (1.235)

$$\text{Fator} = \frac{n'}{\text{quantidade real de indústrias pesquisadas}}$$

**4º Passo** – Por fim, essa ponderação foi aplicada à amostra.

### ANEXO 3: Empresas e empregos formais nas concentrações geográficas de confecções

Pesquisa na internet revelou a existência de 77 locais de concentração geográfica de produtores de confecções. A informação é de qualidade, geralmente, ruim – por antiga e incompleta, sobretudo – mas, a despeito disso, ela revela o fato básico de que já existem, espalhados pelo país, um grande número de potenciais competidores do Polo de Confecções do Agreste pernambucano.

Os sites e blogs de onde foram obtidas as informações são relacionados no próximo anexo.

#### Quadro A3.1

#### Brasil: Número de empresas formais e de empregos formais nas concentrações geográficas de produtores de confecções

item	UF	APL ou concentrações de produtores	Municípios	Número de empresas formais	Pessoas ocupadas em empresas formais
1	BA	Rua Uruguai	Salvador	805	7.035
2	BA	Moda do Estado da Bahia	Feira de Santana, Amélia Rodrigues, Coração de Maria, Conceição da Feira, Santo Estevão, São Gonçalo dos Campos, Conceição do Coité, Santa Luz, Serrinha, Tanquinho, Santo Antonio de Jesus e Jequié	946	23.305
3	CE	Polo de Moda do Ceará	Fortaleza	4.896	67.532
4	DF	Vestuário do Distrito Federal	Distrito Federal	643	2.326
5	ES	Noroeste do Espírito Santo	Colatina	427	7.567
6	ES	Grande Vitória	Vitória (RM)	1.177	10.655
7	GO	Região do Jaraguá	Jaraguá, São Francisco de Goiás, Itaguaru, Uruana e Goianésia	762	5.048
8	GO	Goiânia	Goiânia	3.700	24.166
9	GO	Catalão		92	933
10	MA	Imperatriz	Imperatriz, Açailândia, Carolina, Estreito, Grajaú, Porto Franco, Ribamar Fiquene	104	466
11	MA	São Luis	São Luis	245	825
12	MG	Passos	Passos	211	2.611
13	MG	Divinópolis	Divinópolis	1.161	10.722
14	MG	Muriaé	Araçuaí, Ataléia, Carai, Carangola, Catuji, Coronel Murta, Franciscópolis, Frei Gaspar, Itaipé, Itinga, Ladainha, Leopoldina, Malacacheta, Muriaé, Novo Cruzeiro, Novo Oriente de Minas, Ouro Verde de Minas, Padre Paraíso, Pavão, Ponto dos Volantes, Poté, Setubinha, Teófilo Otoni, Virgem da Lapa	709	9.009
15	MG	Formiga	Formiga	228	3.837
16	MG	Juruáia	Juruáia	117	1.447
17	MG	Uberlândia	Uberlândia	457	5.087
18	MG	Juiz de Fora / São João Nepomuceno	Astolfo Dutra, Bicas, Cataguases, Descoberto, Guarani, Guarará, Juiz de Fora, Mar de Espanha, Maripá de Minas, Rio Novo, Rio Pomba, Rochedo de Minas, São João Nepomuceno	1.824	27.202
19	MG	Poços de Caldas	Poços de Caldas	100	926
20	MG	Jacutinga	Borda da Mata, Jacutinga, Monte Sião, Ouro Fino	1.822	9.107

item	UF	APL ou concentrações de produtores	Municípios	Número de empresas formais	Pessoas ocupadas em empresas formais
21	MG	Ubá	Guarani, Guidoal, Guiricema, Mercês, Piraúba, Rio Pomba, Rodeiro, São Geraldo, Silveirânea, Tocantins, Ubá e Visconde do Rio Branco	555	6.555
22	MS	Campo Grande	Aparecida do Taboado, Caarapó, Campo Grande, Dourados, Glória de Dourados, Naviraí, Nova Andradina, Paranaíba, Ponta Porã, Sidrolândia, Três Lagoas	508	21.474
23	MT	Cuiabá e Várzea Grande	Cuiabá, Várzea Grande	308	2.109
24	MT	Rondonópolis	Rondonópolis	82	2.192
25	PB	Campina Grande	Campina Grande	327	14.325
26	PB	Guarabira	Guarabira	35	1.731
27	PB	João Pessoa	João Pessoa	236	7.211
28	PB	Cajazeiras	Cajazeiras	39	680
29	PB	Monteiro	Camalaú, Monteiro, São João do Tigre, São Sebastião do Umbuzeiro, Zabelê	26	102
30	PB	São Bento	Brejo do Cruz, São Bento	167	648
31	PE	Polo de Confeccões do Agreste	Agrestina, Belo Jardim, Brejo da Madre de Deus, Caruaru, Cupira, Gravatá, Passira, Pesqueira, Riacho das Almas, Santa Cruz do Capibaribe, Surubim, Taquaritinga do Norte, Toritama, Vertentes	3.458	24.449
32	PI	Têxtil e Confeccões da Região Norte	Piripiri, Parnaíba	117	865
33	PR	Maringá e Região	Cianorte, Ângulo, Astorga, Cidade Gaúcha, Floresta, Guaporema, Iguaraçu, Indianópolis, Japurá, Jussara, Mandaguaçu, Mandaguari, Marialva, Maringá (Cidade Pólo), Nova Olímpia, Paíсандu, Rondon, São Manoel do Paraná, São Tomé, Sarandí, Tapejara, Tapira, Terra Boa e Tuneiras do Oeste	2.786	39.373
34	PR	Terra Roxa	Terra Roxa	178	2.961
35	PR	Região Sudoeste	Ampere, Barracão, Capanema, Chopinzinho, Dois Vizinhos, Francisco Beltrão, Pato Branco, Pranchita, Planalto, Realeza, Salto de Lontra e Santo Antonio do Sudoeste	398	8.165
36	RJ	Nova Friburgo	Cantagalo, Cordeiro, Duas Barras, Bom Jardim, Macuco e Nova Friburgo	1.746	20.540
37	RJ	Moda Sul Fluminense	Valença	59	1.339
38	RJ	Moda de Petrópolis	Petrópolis	798	10.823
39	RJ	Moda do Noroeste Fluminense	Itaperuna	211	1.972
40	RJ	Moda Niteroi	Niteroi	221	1.553
41	RJ	Moda Praia Cabo Frio	Cabo Frio	98	418
42	RJ	Moda São Gonçalo	São Gonçalo	502	3.661
43	RJ	Moda de Campos	Campos dos Goitacazes	146	955
44	RJ	Terezópolis		100	1.070
45	RO	Cacoal	Cacoal	35	842
46	SC	Rio do Sul	Agronômica, Aurora, Braço do Trombuco, Dona Emma, Laurentino, José Boiteux, Mirim Doce, Petrolândia, Pouso Redondo, Presidente Getúlio, Presidente Nereu, Rio do Campo, Rio do Oeste, Salete, Santa Terezinha, Taió, Trombuco Central, Vitor Meireles, Witmarsun	614	10.422
47	SC	São Miguel do Oeste	São Miguel do Oeste	55	504



item	UF	APL ou concentrações de produtores	Municípios	Número de empresas formais	Pessoas ocupadas em empresas formais
48	SC	Joinville	Joinville	582	14.516
49	SC	Jaraguá do Sul	Jaraguá do Sul	541	23.868
50	SC	Blumenau	Brotuverá, Brusque, Camboriú, Doutor Pedrinho, Garpar, Guabiruba, Ibirama, Ilhota, Indaial, Itajaí, Ituporanga, Lontras, Luiz Alves, Navegantes, Pomerode, Rio dos Cedros, Rio do Sul, Rodeio, Timbó, Agrolândia, Apiúna, Ascurra, Balneário Camboriú, Benedito Novo, Blumenau	8.487	148.079
51	SC	Chapecó	Chapecó, São Lourenço D'Oeste, Xanrerê	226	1.501
52	SC	Sul de Santa Catarina	Tubarão, Araranguá, Sombrio	867	9.476
53	SE	Confecções e Bordados do Sul e Centro Sul de Sergipe	Itabaianinha, Lagarto, Tobias Barreto	267	2.151
54	SP	Americana	Americana	1.102	23.624
55	SP	Polos de Confecções do Brás e Bom Retiro	São Paulo	19.188	163.700
56	SP	Sorocaba	Sorocaba	295	6.537
57	SP	São José do Rio Preto	São José do Rio Preto	587	4.538
58	SP	Ibitinga	Ibitinga	743	13.259
59	SP	Araraquara	Araraquara	96	6.818
60	SP	Jundiaí	Jundiaí	172	4.580
61	SP	Tabatinga	Tabatinga	79	1.529
62	SP	Novo Horizonte	Novo Horizonte	61	461
63	SP	Cerquillo / Tietê	Cerquillo / Tietê	419	8.167
64	TO	Palmas	Palmas	63	328

PESQUISA POLO DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO, 2012  
 Fonte: MTE / RAIS 2010

## ANEXO 4: Rotas de acesso às fontes da relação de “apls de confecções”

Os 76 “APLs” (assim são oficialmente designados, em quase todos os casos) relacionados no quadro abaixo foram identificados em pesquisa feita na Internet. No levantamento dos dados da RAIS 2010, entretanto, 12 deles se revelaram insignificantes. Os demais (ou seja, 64) foram considerados como potenciais competidores do Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco. As rotas de acesso (links) de cada um dos 76 “APLs” estão copiadas abaixo, sendo que aqueles sem numeração de ordem alfabética são os que foram descartados por serem quantitativamente pouco significativos. (Note-se que os 76 APLs incluem o próprio polo aqui estudado, oficialmente designado, pelo Ministério do Desenvolvimento, como “APL de Confecções de Caruaru”.)

	UF	APL DE CONFECÇÕES	ROTAS DE ACESSO ÀS FONTES
1	BA	Rua Uruguai	<a href="http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/104BF487EDB55A6D832574C8005411F8/\$File/NT00038EEE.pdf">http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/104BF487EDB55A6D832574C8005411F8/\$File/NT00038EEE.pdf</a> <a href="http://internotes.fieb.org.br/rede_apl/confeccoes.htm">http://internotes.fieb.org.br/rede_apl/confeccoes.htm</a>
2	BA	Moda do Estado da Bahia	<a href="http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1247146551.pdf">http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1247146551.pdf</a>
3	CE	Polo de Moda do Ceará	<a href="http://www.portaisdamoda.com.br/noticialnt-id~17974~n~polo+de+moda+do+ceara.htm">http://www.portaisdamoda.com.br/noticialnt-id~17974~n~polo+de+moda+do+ceara.htm</a>
4	DF	Vestuário do Distrito Federal	<a href="http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1248268424.pdf">http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1248268424.pdf</a>
5	ES	Noroeste do Espírito Santo	<a href="http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1248287584.pdf">http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1248287584.pdf</a>
	ES	Colatina	<a href="http://www.google.com/url?sa=t&amp;rct=j&amp;q=&amp;esrc=s&amp;source=web&amp;cd=13&amp;ved=0CCoQFjACOG4&amp;url=http%3A%2F%2Fwww.nucleus-international.net%2FNuc%20Portugues%2FP21%20Special%20Activities%2F07-11-Mission-Bresil%2F17-MDCI%2F%20Apresentacao%20APLs%20Unctad-nov07.ppt&amp;ei=IRmRUKuoFYOQ9gTBqIHADg&amp;usq=AFQjCNH3Skjr5oancFla5bt2A_e3f7Gd5w&amp;sig2=Ecl8bmVnZSD7pBPX_hBqdA">http://www.google.com/url?sa=t&amp;rct=j&amp;q=&amp;esrc=s&amp;source=web&amp;cd=13&amp;ved=0CCoQFjACOG4&amp;url=http%3A%2F%2Fwww.nucleus-international.net%2FNuc%20Portugues%2FP21%20Special%20Activities%2F07-11-Mission-Bresil%2F17-MDCI%2F%20Apresentacao%20APLs%20Unctad-nov07.ppt&amp;ei=IRmRUKuoFYOQ9gTBqIHADg&amp;usq=AFQjCNH3Skjr5oancFla5bt2A_e3f7Gd5w&amp;sig2=Ecl8bmVnZSD7pBPX_hBqdA</a>
6	ES	Grande Vitória	<a href="http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Galerias/Arquivos/empresa/pesquisa/Caracterizacao_ES.pdf">http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Galerias/Arquivos/empresa/pesquisa/Caracterizacao_ES.pdf</a>
7	GO	Região do Jaraguá	<a href="http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1248268592.pdf">http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1248268592.pdf</a>
8	GO	Goiânia	<a href="http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/economia/article/viewFile/126/12">http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/economia/article/viewFile/126/12</a>

	UF	APL DE CONFECÇÕES	ROTAS DE ACESSO ÀS FONTES
	GO	Sanclerlândia	<a href="http://www.google.com/url?sa=t&amp;rct=j&amp;q=&amp;esrc=s&amp;source=web&amp;cd=28&amp;ved=0CEMQFjAHOBQ&amp;url=http%3A%2F%2Fwww.desenvolvimento.gov.br%2Farquivos%2Fdwnl_1334343199.pptx&amp;ei=y_eQUO3iOoq68ATQ0YDACw&amp;usq=AFQjCNEDJForckFlhGEhnXyUOjb2lyhdQ&amp;sig_2=Ymm5vsxLltzfuBaG51Pj4w">http://www.google.com/url?sa=t&amp;rct=j&amp;q=&amp;esrc=s&amp;source=web&amp;cd=28&amp;ved=0CEMQFjAHOBQ&amp;url=http%3A%2F%2Fwww.desenvolvimento.gov.br%2Farquivos%2Fdwnl_1334343199.pptx&amp;ei=y_eQUO3iOoq68ATQ0YDACw&amp;usq=AFQjCNEDJForckFlhGEhnXyUOjb2lyhdQ&amp;sig_2=Ymm5vsxLltzfuBaG51Pj4w</a>
	GO	Rio Verde	<a href="http://www.google.com/url?sa=t&amp;rct=j&amp;q=&amp;esrc=s&amp;source=web&amp;cd=28&amp;ved=0CEMQFjAHOBQ&amp;url=http%3A%2F%2Fwww.desenvolvimento.gov.br%2Farquivos%2Fdwnl_1334343199.pptx&amp;ei=y_eQUO3iOoq68ATQ0YDACw&amp;usq=AFQjCNEDJForckFlhGEhnXyUOjb2lyhdQ&amp;sig_2=Ymm5vsxLltzfuBaG51Pj4w">http://www.google.com/url?sa=t&amp;rct=j&amp;q=&amp;esrc=s&amp;source=web&amp;cd=28&amp;ved=0CEMQFjAHOBQ&amp;url=http%3A%2F%2Fwww.desenvolvimento.gov.br%2Farquivos%2Fdwnl_1334343199.pptx&amp;ei=y_eQUO3iOoq68ATQ0YDACw&amp;usq=AFQjCNEDJForckFlhGEhnXyUOjb2lyhdQ&amp;sig_2=Ymm5vsxLltzfuBaG51Pj4w</a>
	GO	Águas Lindas	<a href="http://www.google.com/url?sa=t&amp;rct=j&amp;q=&amp;esrc=s&amp;source=web&amp;cd=28&amp;ved=0CEMQFjAHOBQ&amp;url=http%3A%2F%2Fwww.desenvolvimento.gov.br%2Farquivos%2Fdwnl_1334343199.pptx&amp;ei=y_eQUO3iOoq68ATQ0YDACw&amp;usq=AFQjCNEDJForckFlhGEhnXyUOjb2lyhdQ&amp;sig_2=Ymm5vsxLltzfuBaG51Pj4w">http://www.google.com/url?sa=t&amp;rct=j&amp;q=&amp;esrc=s&amp;source=web&amp;cd=28&amp;ved=0CEMQFjAHOBQ&amp;url=http%3A%2F%2Fwww.desenvolvimento.gov.br%2Farquivos%2Fdwnl_1334343199.pptx&amp;ei=y_eQUO3iOoq68ATQ0YDACw&amp;usq=AFQjCNEDJForckFlhGEhnXyUOjb2lyhdQ&amp;sig_2=Ymm5vsxLltzfuBaG51Pj4w</a> VER TAMBÉM <a href="http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2012-06/22.-confeccoes-de-aguas-lindas1.pdf">http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2012-06/22.-confeccoes-de-aguas-lindas1.pdf</a>
	GO	Novo Gama	<a href="http://www.google.com/url?sa=t&amp;rct=j&amp;q=&amp;esrc=s&amp;source=web&amp;cd=28&amp;ved=0CEMQFjAHOBQ&amp;url=http%3A%2F%2Fwww.desenvolvimento.gov.br%2Farquivos%2Fdwnl_1334343199.pptx&amp;ei=y_eQUO3iOoq68ATQ0YDACw&amp;usq=AFQjCNEDJForckFlhGEhnXyUOjb2lyhdQ&amp;sig_2=Ymm5vsxLltzfuBaG51Pj4w">http://www.google.com/url?sa=t&amp;rct=j&amp;q=&amp;esrc=s&amp;source=web&amp;cd=28&amp;ved=0CEMQFjAHOBQ&amp;url=http%3A%2F%2Fwww.desenvolvimento.gov.br%2Farquivos%2Fdwnl_1334343199.pptx&amp;ei=y_eQUO3iOoq68ATQ0YDACw&amp;usq=AFQjCNEDJForckFlhGEhnXyUOjb2lyhdQ&amp;sig_2=Ymm5vsxLltzfuBaG51Pj4w</a> VER TAMBÉM <a href="http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2012-06/23.confeccoes-de-novo-gama.pdf">http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2012-06/23.confeccoes-de-novo-gama.pdf</a>
	GO	Santo Antonio do Descoberto	<a href="http://www.google.com/url?sa=t&amp;rct=j&amp;q=&amp;esrc=s&amp;source=web&amp;cd=28&amp;ved=0CEMQFjAHOBQ&amp;url=http%3A%2F%2Fwww.desenvolvimento.gov.br%2Farquivos%2Fdwnl_1334343199.pptx&amp;ei=y_eQUO3iOoq68ATQ0YDACw&amp;usq=AFQjCNEDJForckFlhGEhnXyUOjb2lyhdQ&amp;sig_2=Ymm5vsxLltzfuBaG51Pj4w">http://www.google.com/url?sa=t&amp;rct=j&amp;q=&amp;esrc=s&amp;source=web&amp;cd=28&amp;ved=0CEMQFjAHOBQ&amp;url=http%3A%2F%2Fwww.desenvolvimento.gov.br%2Farquivos%2Fdwnl_1334343199.pptx&amp;ei=y_eQUO3iOoq68ATQ0YDACw&amp;usq=AFQjCNEDJForckFlhGEhnXyUOjb2lyhdQ&amp;sig_2=Ymm5vsxLltzfuBaG51Pj4w</a>

	UF	APL DE CONFECCÕES	APL DE CONFECCÕES
9	GO	Catalão	<a href="http://www.google.com/url?sa=t&amp;rct=j&amp;q=&amp;esrc=s&amp;source=web&amp;cd=28&amp;ved=0CEMQFjAHOBQ&amp;url=http%3A%2F%2Fwww.de.senvolvimento.gov.br%2Farquivos%2Fdownl_1334343199.pptx&amp;ei=y_eQUO3iOoq68ATQ0YDACw&amp;usq=AFQjCNEDJFOrcskFlhGEhnXyUOjb2lyhdQ&amp;sig2=Ymm5vsxLltzfuBaG51Pj4w_VER_TAMBÉM">http://www.google.com/url?sa=t&amp;rct=j&amp;q=&amp;esrc=s&amp;source=web&amp;cd=28&amp;ved=0CEMQFjAHOBQ&amp;url=http%3A%2F%2Fwww.de.senvolvimento.gov.br%2Farquivos%2Fdownl_1334343199.pptx&amp;ei=y_eQUO3iOoq68ATQ0YDACw&amp;usq=AFQjCNEDJFOrcskFlhGEhnXyUOjb2lyhdQ&amp;sig2=Ymm5vsxLltzfuBaG51Pj4w_VER_TAMBÉM</a> <a href="http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2012-06/20.-confeccoes-catalao.pdf">http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2012-06/20.-confeccoes-catalao.pdf</a>
	GO	Planaltina	<a href="http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2012-06/24.confeccoes-de-planaltina.pdf">http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2012-06/24.confeccoes-de-planaltina.pdf</a>
10	MA	Imperatriz	<a href="http://www.exportabrasil.gov.br/arquivos/dwnl_1210710878.pdf">http://www.exportabrasil.gov.br/arquivos/dwnl_1210710878.pdf</a>
11	MA	São Luis	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/MARANHAO.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/MARANHAO.pdf</a>
12	MG	Passos	<a href="http://www.fespmg.edu.br:85/centraldenoticias/post/2012/07/02/Grupo-Gestor-do-APL-de-Confeccao-de-Passos-se-reune-com-presidente-da-FESP-.aspx">http://www.fespmg.edu.br:85/centraldenoticias/post/2012/07/02/Grupo-Gestor-do-APL-de-Confeccao-de-Passos-se-reune-com-presidente-da-FESP-.aspx</a>
13	MG	Divinópolis	<a href="http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/">http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/</a>
14	MG	Muriaé	<a href="http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/">http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/</a>
15	MG	Formiga	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/MINAS%20GERAIS.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/MINAS%20GERAIS.pdf</a>
16	MG	Juruáia	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/MINAS%20GERAIS.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/MINAS%20GERAIS.pdf</a>
17	MG	Uberlândia	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/MINAS%20GERAIS.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/MINAS%20GERAIS.pdf</a>
18	MG	Juiz de Fora / São João Nepomuceno	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/MINAS%20GERAIS.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/MINAS%20GERAIS.pdf</a>
19	MG	Poços de Caldas	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/MINAS%20GERAIS.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/MINAS%20GERAIS.pdf</a>
20	MG	Jacutinga	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/MINAS%20GERAIS.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/MINAS%20GERAIS.pdf</a>
21	MG	Ubá	<a href="http://portal.estacio.br/media/208488/disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20rodrigo%20ferraz%20de%20almeida.pdf">http://portal.estacio.br/media/208488/disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20rodrigo%20ferraz%20de%20almeida.pdf</a>
	UF	APL DE CONFECCÕES	APL DE CONFECCÕES
22	MS	Campo Grande	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-</a>

			<a href="#">atuacao/arranjos-locais/MATO%20GROSSO%20DO%20SUL.pdf</a>
23	MT	Cuiabá e Várzea Grande	<a href="http://www.desenvolvimento.gov.br/conferencia-apl/modulos/arquivos/JoseValdirSantiago.pdf">http://www.desenvolvimento.gov.br/conferencia-apl/modulos/arquivos/JoseValdirSantiago.pdf</a>
24	MT	Rondonópolis	<a href="http://www.desenvolvimento.gov.br/conferencia-apl/modulos/arquivos/JoseValdirSantiago.pdf">http://www.desenvolvimento.gov.br/conferencia-apl/modulos/arquivos/JoseValdirSantiago.pdf</a>
25	PB	Campina Grande	<a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1415-98482007000300004">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1415-98482007000300004</a>
26	PB	Guarabira	<a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1415-98482007000300004">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1415-98482007000300004</a>
	PB	Alcantil	<a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1415-98482007000300004">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1415-98482007000300004</a>
27	PB	João Pessoa	<a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1415-98482007000300004">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1415-98482007000300004</a>
	PB	Alagoa Nova	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/PARAIBA.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/PARAIBA.pdf</a>
28	PB	Cajazeiras	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/PARAIBA.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/PARAIBA.pdf</a>
29	PB	Monteiro	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/PARAIBA.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/PARAIBA.pdf</a>
	PB	Santa Luzia	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/PARAIBA.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/PARAIBA.pdf</a>
30	PB	São Bento	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/PARAIBA.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/PARAIBA.pdf</a>
31	PE	Polo de Confecções do Agreste	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/PERNAMBUCO.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/PERNAMBUCO.pdf</a>
32	PI	Têxtil e Confecções da Região Norte	<a href="http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1210773505.pdf">http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1210773505.pdf</a>
33	PR	Maringá e Região	<a href="http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/">http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/</a>
34	PR	Terra Roxa	<a href="http://aplicativos.fipe.org.br/enaber/pdf/101.pdf">http://aplicativos.fipe.org.br/enaber/pdf/101.pdf</a>

	UF	APL DE CONFECÇÕES	APL DE CONFECÇÕES
35	PR	Região Sudoeste	<a href="http://aplicativos.fipe.org.br/enaber/pdf/101.pdf">http://aplicativos.fipe.org.br/enaber/pdf/101.pdf</a> <a href="http://www.ipardes.gov.br/webisis.docs/apl_conf_sudoeste_estudo_caso.pdf">http://www.ipardes.gov.br/webisis.docs/apl_conf_sudoeste_estudo_caso.pdf</a>
36	RJ	Nova Friburgo	<a href="http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl_1248288038.pdf">http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl_1248288038.pdf</a>
37	RJ	Moda Sul Fluminense	<a href="http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/">http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/</a>
38	RJ	Moda de Petrópolis	<a href="http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/">http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/</a>
39	RJ	Moda do Noroeste Fluminense	<a href="http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/">http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/</a>
40	RJ	Moda Niteroi	<a href="http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/">http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/</a>
41	RJ	Moda Praia Cabo Frio	<a href="http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/">http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/</a>
42	RJ	Moda São Gonçalo	<a href="http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/">http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/</a>
43	RJ	Moda de Campos	<a href="http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/">http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/</a>
44	RJ	Terezópolis	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/RIO%20DE%20JANEIRO.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/RIO%20DE%20JANEIRO.pdf</a>
45	RO	Cacoal	<a href="http://www.newsrondonia.com.br/lerNoticias.php?news=14031">http://www.newsrondonia.com.br/lerNoticias.php?news=14031</a>
46	SC	Rio do Sul	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SANTA%20CATARINA.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SANTA%20CATARINA.pdf</a>
47	SC	São Miguel do Oeste	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SANTA%20CATARINA.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SANTA%20CATARINA.pdf</a>
48	SC	Joinville	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SANTA%20CATARINA.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SANTA%20CATARINA.pdf</a>
49	SC	Jaraguá do Sul	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SANTA%20CATARINA.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SANTA%20CATARINA.pdf</a>
50	SC	Blumenau	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SANTA%20CATARINA.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SANTA%20CATARINA.pdf</a>
51	SC	Chapecó	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SANTA%20CATARINA.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SANTA%20CATARINA.pdf</a>

	UF	APL DE CONFEÇÕES	APL DE CONFEÇÕES
52	SC	Sul de Santa Catarina	<a href="http://www.sebrae-sc.com.br/leis/default.asp?vcdtexto=4950&amp;%5E%5E">http://www.sebrae-sc.com.br/leis/default.asp?vcdtexto=4950&amp;%5E%5E</a>
53	SE	Confecções e Bordados do Sul e Centro Sul de Sergipe	<a href="http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1247147148.pdf">http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1247147148.pdf</a>
	SE	Itabaianinha	<a href="http://governo-se.jusbrasil.com.br/politica/2057258/apl-se-discute-acoas-para-setor-de-confeccoes-de-itabaianinha">http://governo-se.jusbrasil.com.br/politica/2057258/apl-se-discute-acoas-para-setor-de-confeccoes-de-itabaianinha</a>
54	SP	Americana	<a href="http://www.fiesp.com.br/tecnologia/apl_textil.aspx">http://www.fiesp.com.br/tecnologia/apl_textil.aspx</a>
55	SP	Polos de Confecções do Brás e Bom Retiro	<a href="http://www.portaisdamoda.com.br/noticialnt~id~17975~n~bras+o+maior+polo+de+confeccoes+do+pais.htm">http://www.portaisdamoda.com.br/noticialnt~id~17975~n~bras+o+maior+polo+de+confeccoes+do+pais.htm</a> <a href="http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/">http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/</a>
56	SP	Sorocaba	<a href="http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/">http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/</a>
57	SP	São José do Rio Preto	<a href="http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/">http://forademoda.wordpress.com/2008/02/17/geografia-da-moda-brasileira-a-importancia-dos-polos-de-moda/</a>
58	SP	Ibitinga	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SAO%20PAULO.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SAO%20PAULO.pdf</a>
59	SP	Araraquara	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SAO%20PAULO.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SAO%20PAULO.pdf</a>
60	SP	Jundiaí	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SAO%20PAULO.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SAO%20PAULO.pdf</a>
61	SP	Tabatinga	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SAO%20PAULO.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SAO%20PAULO.pdf</a>
62	SP	Novo Horizonte	<a href="http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SAO%20PAULO.pdf">http://www.renapi.gov.br/observatorio/areas-de-atuacao/arranjos-locais/SAO%20PAULO.pdf</a>
63	SP	Cerquilha / Tietê	<a href="http://www.desenvolvimento.sp.gov.br/drt/apls/lista/">http://www.desenvolvimento.sp.gov.br/drt/apls/lista/</a>
64	TO	Palmas	<a href="http://www.portalct.com.br/n/dc3ed63efd86837b16d864219d81aaf1/grupo-do-polo-de-confeccoes-de-palmas-visitara-apl/">http://www.portalct.com.br/n/dc3ed63efd86837b16d864219d81aaf1/grupo-do-polo-de-confeccoes-de-palmas-visitara-apl/</a>

Fonte: Internet